

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

CECILIA ARAUJO MELO

PERCEPÇÃO DE FAMÍLIA EM CRIANÇAS ABRIGADAS

São Bernardo do Campo
2011

CECILIA ARAUJO MELO

PERCEPÇÃO DE FAMÍLIA EM CRIANÇAS ABRIGADAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação - Mestrado em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo – como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia da Saúde.

Orientadora: Profª Dra. Marília Martins Vizzotto.

Área de Concentração: Psicologia da Saúde

Linha de pesquisa: Prevenção e tratamento

São Bernardo do Campo
2011

FICHA CATALOGRÁFICA

M491p	Melo, Cecilia Araujo Percepção de família em crianças abrigadas / Cecilia Araujo Melo. 2011. 150 f.
	Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) –Faculdade de Saúde da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2011. Orientação de: Marília Martins Vizzotto.
	1. Família 2. Relações familiares 3. Criança institucionalizada 4. Desenhos de família com estórias I.
	Título
	CDD
	157.9

A dissertação de mestrado sob o título “**PERCEPÇÃO DE FAMÍLIA EM CRIANÇAS ABRIGADAS**”, elaborada por **Cecilia Araujo Melo** foi apresentada e aprovada em 28 de fevereiro de 2011, perante banca examinadora composta por **Profa. Dra. Marília Martins Vizzotto** (Presidente/UMESP), **Profa. Dra. Lucilena Vagostello** (Titular/Universidade São Judas Tadeu) e **Profa. Dra. Hilda Rosa Capelão Avoglia** (Titular/UMESP).

Prof/a. Dr/a. Marília Martins Vizzotto
Orientador/a e Presidente da Banca Examinadora

Prof/a. Dr/a. Maria Geralda Viana Heleno
Coordenador/a do Programa de Pós-Graduação

Programa: **Pós-Graduação em Psicologia da Saúde**

Área de Concentração: **Psicologia da Saúde**

Linha de Pesquisa: **Prevenção e Tratamento**

*“Aprendi com as primaveras a me
deixar cortar para poder voltar inteira...”*

Cecília Meireles

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Prof^a Dr^a Maria Geralda Viana Heleno, Coordenadora do Programa de Mestrado em Psicologia da Saúde, da Universidade Metodista de São Paulo, em nome de quem agradeço a todo o corpo docente e colegas de turma.

À Universidade do Algarve, pela oportunidade de participar das disciplinas do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde dessa instituição, que tornou a experiência do mestrado ainda mais rica e possibilitou não só a aquisição de novos conhecimentos, mas também um elevado crescimento pessoal.

Ao Prof^o Dr. Saul Neves de Jesus, professor catedrático da Universidade do Algarve, por todo o apoio oferecido para viabilizar o intercâmbio naquela Universidade e também, por toda ajuda dispensada durante a nossa permanência em Portugal.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo financiamento recebido para realização do Mestrado.

À Elisângela e Vanessa, secretárias do programa de pós-graduação, por terem sempre sido tão solícitas e atenciosas, e não terem medido esforços em todas as vezes que precisávamos de seu apoio.

À Prof^a Dr^a Lucilena Vagostello, cujas sugestões e contribuições em muito enriqueceu o desenvolvimento deste trabalho.

À Prof^a Dr^a Hilda Capelão Avoglia, por suas também valiosas contribuições durante a qualificação e pelo imensurável apoio durante a etapa de análise dos desenhos e histórias.

À Ir Cacilda, diretora geral do Programa de Acolhida ao Menor de Rua e em Situação de Risco da Missão Belém, que autorizou a realização da pesquisa na instituição, bem como à Carina Calessi, coordenadora pedagógica, e Helena Baleeiro, assistente social, pela abertura e disponibilidade durante todo o percurso. Este agradecimento é extensivo a todos os missionários e voluntários do Abrigo “Casa Nazaré” que sempre me receberam tão bem, me apoiaram no que foi preciso e forneceram os dados necessários para complementação do trabalho.

Às crianças Elias, Letícia, Luiz e Cristiano (nomes fictícios), personagens principais deste trabalho, que compartilharam não só seus desenhos e suas histórias, mas uma parte de suas vidas.

Um agradecimento especial à minha orientadora, Prof^a Dr^a Marília Martins Vizzotto, não só pelos ensinamentos acadêmicos, transmitidos com maestria e competência, sobretudo pela convivência construída ao longo destes dois anos. Pelas orientações, conhecimentos partilhados e pelas lições de vida, pelo estímulo e incentivo, muito obrigada!

A todos os meus amigos, tios e primos, que direta ou indiretamente, de perto ou à distância, participaram de alguma forma desta etapa de minha vida, incentivando e torcendo por mim.

Como não poderia deixar de ser, agradeço à minha família que me deu a base e segurança necessárias para me tornar o que hoje sou! A meu pai Pedro, pela autoridade afetuosa, à minha mãe Mazé, por seu exemplo de amor-doação, e às minhas irmãs Silmara e Silvana, pela amizade, companheirismo e solidariedade. Obrigada pela compreensão e paciência e pelo apoio recebido durante este percurso, cada um à sua maneira. A vocês, meu amor e gratidão!

Por fim, e acima de tudo, agradeço a Deus, poder e força do alto, que me inspira, protege e orienta. A Ele rendo graças por tudo que hoje sou e tudo o que tenho, e a Ele elevo também minha gratidão pela concretização de mais esta etapa!

RESUMO

Título: Percepção de família em crianças abrigadas.

A família é a base fundamental para o desenvolvimento saudável da personalidade. A vivência de afetos positivos permitirá à criança a capacidade de estabelecer novos vínculos, desenvolver auto-estima e confiança em si mesmo, tolerar frustrações e superar as angústias. Muitas crianças, no entanto, são privadas do convívio com seus familiares, por diversos motivos, como maus-tratos, abandono, negligência, abusos físico ou sexual, até a orfandade. Os abrigos existem para assegurar a estas crianças a garantia de seus direitos fundamentais até que retornem às suas famílias de origem ou até que sejam encaminhadas à adoção. O presente trabalho tem o objetivo de investigar a percepção de família das crianças abrigadas e ainda, identificar os principais conflitos e idealizações no que se refere à introjeção das figuras parentais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa orientada pelo método clínico. Participaram deste estudo 04 crianças, com idade compreendida entre 08 e 10 anos, que viviam em uma casa-abrigo localizada na Zona Leste de São Paulo. Os procedimentos utilizados foram o Desenho da Família com Estória, além de observação, entrevistas abertas não-diretivas e dados fornecidos pela instituição. Os resultados encontrados indicam que, apesar de estarem separadas de suas famílias, estas crianças possuem internalizadas as figuras parentais e nutrem sentimentos ambivalentes em relação à identificação estabelecida com estes objetos. Entretanto, também foi identificada a presença de impulsos amorosos. Frente a isso, destaca-se o importante papel que as instituições ocupam na vida dessas crianças no sentido de poder oferecer às mesmas a oportunidade de sentirem-se amadas, acolhidas e cuidadas, desenvolvendo assim a capacidade de amar e estabelecer vínculos afetivos com outras pessoas. Os resultados apresentados limitam-se a essa amostra de quatro crianças, não tendo a pretensão de tecer generalizações acerca da percepção de família de todas as crianças abrigadas.

Palavras-chave: família – relações familiares – criança institucionalizada – Desenhos de Família com Estórias

ABSTRACT

Title: Perception family of children sheltered

Family is the essential foundation to develop a healthy personality. Positive affection provides the child the capacity of creating new relationships, developing self-esteem, self-reliance, tolerating frustration and overcoming anguish. However, many children do not have this opportunity, due to many reasons; for instance, maltreatments, abandonment, negligence; sexual and physical abuses, and orphanhood. Children shelters exist to assure their fundamental rights until they return to their original family or are forwarded for adoption. This work proposes to investigate the perception of family from children who live in shelters, identifying the main conflicts and idealization of introjection paternal figures. It was a qualitative research conducted by clinical method. Four children, from 08 to 10 years old, from a shelter located on São Paulo, participated in this study. The procedures used were drawing the family with story, observation, open interviews and data provide by institution. The results show that although they are separated of their families, the children have internalized the paternal figures and harbour ambivalent feelings in relation to the identification established with these objects. However, it was also identified the presence of lovely impulses. Thus, the importance of shelters is highlighted in the life of these children, in order to offer the same opportunity to feel love, welcomed and cared for, thereby developing the capacity to love and establishing affective ties with other people. The results shown are restricted only for these four children samples, not having the pretension to generalize the perception of family for all shelter children.

Key words: Family – family relations – child institutionalized - drawing the family with story

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Caso Elias: “A família pobre”	50
Figura 2 - Caso Elias: “A família feliz”	54
Figura 3 - Caso Elias: “Família briguenta”	58
Figura 4 - Caso Elias: “A família feliz”	61
Figura 5 - Caso Letícia: “sem título”	66
Figura 6 - Caso Letícia: “A família feliz”	69
Figura 7 - Caso Letícia: “A família pobre”	72
Figura 8 - Caso Letícia: “Uma família muito feliz”	77
Figura 9 – Caso Luiz: “Peixe feliz”	85
Figura 10 – Caso Luiz: “Brincadeira”	88
Figura 11 – Caso Luiz: Cuidado com os acidentes”	93
Figura 12 – Caso Luiz: “O menino feliz”	96
Figura 13 – Caso Cristiano: “Família Nazaré”	102
Figura 14 – Caso Cristiano: “A família unida”	105
Figura 15 – Caso Cristiano: “Os irmãos que briga”	107
Figura 16 – Caso Cristiano: “Uma família unida”	110

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
1. INTRODUÇÃO	03
1.1 Apontamentos sobre o conceito de família	03
1.2 Aspectos psicodinâmicos da família	08
1.3 A privação do afeto, maus-tratos, abandono e institucionalização	18
1.4 Considerações sobre a institucionalização	24
1.5 Considerações sobre as técnicas de investigação clínica e o desenho da família ..	32
1.6 Objetivos	36
2. MÉTODO	37
2.1 Participantes.	38
2.2 Local	39
2.3 Materiais e instrumentos	41
2.4 Procedimentos	43
2.5 Aspectos éticos	47
2.6 Riscos e benefícios	47
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	48
3.1 Caso Elias	49
3.2 Caso Letícia	65
3.3 Caso Luiz	84
3.4 Caso Cristiano	101
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS	122
ANEXOS	
ANEXO A – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa	130
ANEXO B – Autorização da Instituição Casa Nazaré	131
ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	132
ANEXO D – Desenhos-livres produzidos pelas crianças durante as entrevistas iniciais	133

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho permeia um tema antigo e de realidade bastante complexa, que é a família. A família, ao longo dos séculos, passou por diversas mudanças, tanto em sua estrutura quanto em sua função social, por isso torna-se complexa a exposição desse tema e discussão tanto de sua estrutura quanto de sua dinâmica de funcionamento.

Sabemos, pela psicologia e pelas ciências sociais, que toda pessoa tem a necessidade de estabelecer relações e fazer parte de um grupo, qualquer que ele seja, uma vez que o ser humano é gregário e necessita de estabelecer sempre relações sociais e de afeto. A família é o primeiro grupo social de que a criança conhece e participa. Ao vir ao mundo, é importante que a criança encontre um ambiente que a acolha e que a ajude a se desenvolver. Independente da abordagem teórica, diferentes autores da psicologia e estudiosos de outras áreas do desenvolvimento humano reconhecem a importância dos primeiros anos de vida para a formação da personalidade e desenvolvimento social, psíquico e afetivo do indivíduo.

Nesse sentido, a família é a base fundamental para o desenvolvimento saudável e satisfatório da personalidade. A vivência de afetos positivos permitirá à criança, em etapas futuras, a capacidade de estabelecer novos vínculos, desenvolver auto-estima e a confiança em si mesmo, tolerar frustrações e superar as angústias, entres outros desafios que lhe serão apresentados. Essa vivência positiva é que fará a mediação entre a criança e seu mundo interno e a realidade do seu mundo exterior, ajudando-a a introjetar e respeitar as regras e normas necessárias para a vida em sociedade.

Assim, a própria sociedade passa a absorver as contribuições das ciências e também criar normas e leis que regulam e protegem os indivíduos em seus agrupamentos. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990) foi criado com o intento de regulação e de proteção à criança e ao adolescente e, sem dúvida, revela o reconhecimento da sociedade para com as contribuições das ciências. Nesse estatuto encontram-se os seguintes dizeres:

(....) é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade a efetivação dos direitos referentes à vida, saúde, alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, a dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária (art. 4º).

No entanto, nem todas as pessoas têm o mesmo destino. Muitas crianças, pelos mais diversos motivos, são privadas da convivência com a família, quer por abandono, por maus-tratos, negligência, ou mesmo por carência de recursos da família. No terceiro capítulo desse Estatuto, que trata do direito à convivência familiar e comunitária, consta que toda criança ou adolescente tem o direito de ser criado e educado no seio da sua família e excepcionalmente, em família substituta, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes. A falta ou carência de recursos materiais não constitui motivo suficiente para a perda ou a suspensão do pátrio poder, e nesses casos a criança deve permanecer com a família de origem, a qual obrigatoriamente deve ser incluída em programas oficiais de auxílio (BRASIL, 1990). Os abrigos existem para assegurar que as crianças que, por motivos excepcionais, estejam impedidas da convivência familiar, possam ter a garantia de seus direitos fundamentais até que retornem à suas famílias originais ou, na impossibilidade, sejam encaminhadas à adoção.

Levando-se em conta que a situação de abrigamento pode acarretar em graves prejuízos ao desenvolvimento afetivo e psicológico dessas crianças, mas ao mesmo tempo, pode se tornar um importante período de descobertas e aprendizagens, caso seja um ambiente afetivo e acolhedor, considera-se importante que estudos sejam realizados com esta população.

Considerando-se que grande parte das crianças institucionalizadas possui família (BRASIL, 2006), e tendo em conta, ainda, que algumas instituições buscam realizar um trabalho de reaproximação entre estas crianças e suas famílias, a presente pesquisa pretende investigar como estas crianças, privadas do convívio familiar, e que se encontram em situação de abrigamento, percebem ou entendem a família.

Para tanto, o primeiro capítulo será constituído de uma revisão teórica acerca do conceito de família, considerando os aspectos psicodinâmicos. Apresentam-se, ainda, alguns dados sobre a institucionalização no Brasil e alguns estudos recentes que abordaram esta temática. Ainda nesta introdução, seguem algumas reflexões acerca das contribuições do desenho da família como importante recurso de investigação clínica para se alcançar os conteúdos internos do indivíduo, suas principais fantasias e idealizações sobre a família.

O segundo capítulo trata do método utilizado para realização desta pesquisa, além dos demais procedimentos adotados, tais como os critérios para análise dos resultados e os cuidados tomados, buscando atender aos aspectos éticos exigidos para realização de pesquisa com seres humanos. No capítulo três, apresentam-se os resultados obtidos, bem como a análise e discussão dos resultados, realizadas a partir do referencial teórico de orientação psicanalítica. No quarto e último capítulo são apresentadas algumas reflexões tecidas a partir dos resultados e de outros estudos apresentados, ou seja, as considerações finais desse estudo.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Apontamentos sobre o conceito de família

Antes de se pensar sobre a representação que as crianças têm acerca da família, faz-se importante contextualizar o conceito de família e como esse agrupamento é entendido por diferentes autores, no que diz respeito a sua configuração e modo de funcionamento ao longo das últimas décadas.

Em *História Social da Criança e da Família*, Ariès (2006) apresenta que na Idade Média e no início dos tempos modernos as crianças se misturavam aos adultos, e eram inseridos muito cedo nos jogos e trabalhos dos mais velhos; a família cumpria a função de assegurar a transmissão da vida, dos bens e dos nomes, mas não havia espaço para a intimidade e sensibilidade. A família era mais uma realidade moral e social, do que sentimental.

Em meados do século XV essa realidade começa a mudar, quando as crianças começaram a frequentar as escolas, os pais passaram a exprimir maior preocupação em vigiar seus filhos e ficar mais perto deles, aproximando o sentimento de família do sentimento de infância, até então separados. Entre os séculos XVI e XVII (fim da Idade Média), a criança havia conquistado um lugar junto de seus pais, dando à família do século XVII sua principal característica que a distingue das famílias medievais: a criança passou a ser considerada um elemento indispensável da vida cotidiana e os adultos passaram a se preocupar com sua educação, carreira e futuro (ARIÈS, 2006).

A partir do século XVIII a família começou a manter a sociedade à distância, e os costumes foram reorganizados dando maior espaço à intimidade, que foi preenchida por uma família reduzida aos pais e às crianças, da qual se excluíam os criados, clientes e amigos. Observava-se nessa fase, um progresso no sentimento de infância, acompanhado dos progressos da higiene e de preocupação com a saúde. O grupo dos pais e filhos separa-se do mundo e da sociedade, e “toda a energia do grupo é consumida na promoção da criança, cada uma em particular, e sem nenhuma ambição coletiva: as crianças, mais do que a família” (ARIÈS, 2006).

A família passou por diferentes mudanças ao longo da história, e hoje é possível presenciar diferentes formações familiares, desde a família nuclear (pais/filhos) que é o modelo mais tradicional, até os modelos mais recentes, como as famílias monoparentais (apenas mãe ou pai), reconstituída (filhos advindos de outros casamentos), ou mesmo a considerada família “extensa” que se estende além da unidade pais/filhos, são os irmãos, meio-irmãos, avós, tios e primos de diversos graus, que residam na mesma casa ou não.

Assim, nota-se que atualmente não existe um único modelo de família a que se possa chamar de família “ideal”, o que se espera dessas famílias, e o que realmente importa, é que tenham a capacidade de exercer a sua função de proteção e socialização, em seus diferentes arranjos (BRASIL, 2006).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), define como família natural a comunidade formada pelos pais ou qualquer deles e seus descendentes, sendo que os filhos, havidos ou não da relação do casamento ou por adoção, possuem os mesmos direitos e qualificações.

Desde uma perspectiva social, Werlang (2000) afirma que o homem não é um ser isolado e, por isso, não pode ser considerado fora de seu ambiente. Cada indivíduo está em relação intensa com os outros membros da família. Os problemas individuais têm um sentido e uma função no contexto mais amplo onde surgem. De acordo com esse autor, as famílias modelam e programam o comportamento e o sentido de identidade de seus membros.

Relvas (1996) apresenta o conceito de família numa perspectiva sistêmica, a qual compreende a família como um ser uno e particular, e que somente numa perspectiva global e holística pode ser corretamente compreendida. A partir desta perspectiva, cada família enquanto sistema é vista como um todo, mas é também parte de sistemas de variados contextos nos quais se integra. Dentro da família existem outras totalidades menores, que são elas próprias, partes do grupo total.

A autora propõe que a família possui um dinamismo próprio que lhe confere, para além da sua individualidade, a sua autonomia, ou seja, em seu funcionamento, a família integra as influências externas, mas está sujeita também a forças internas, possuindo uma capacidade auto-organizativa que lhe dá coerência e consistência, num jogo de equilíbrios dinâmicos. A estrutura familiar coincide com a organização de seus elementos e suas respectivas funções e papéis (RELVAS, 1996).

Para Box (1994), a família pode ser compreendida como um tipo de instituição específico, com cultura própria e formas específicas de lidar com a vida. Consiste em um grupo de indivíduos cujos comportamentos e experiências estão afetados por um conjunto de relações interligadas, do qual eles fazem parte.

Wadeel (1994) define a família como um grupo de pessoas cujos relacionamentos entre si estão determinados por laços de parentesco, considerando um dado contexto histórico e cultural. Para este autor, o significado da palavra família para qualquer indivíduo isoladamente será inseparável da experiência dele (ou dela) em sua própria família, o que distancia esse significado das definições dadas por historiadores, sociólogos ou antropólogos. A família é um grupo que pode ser caracterizado pela natureza das interações entre seus membros individuais. Atualmente é comum notar que os terapeutas familiares

estão sempre trabalhando com diferentes tipos de famílias, aquelas com apenas um dos pais, segunda família, famílias reconstituídas, e outros tipos de agrupamentos.

Porot (1958) considera que existem dois critérios precisos do vínculo familiar: mesmo sangue e teto comum ou a coexistência de seres humanos, pais e filhos, mantendo entre si relações criadoras e descendentes. No entanto, para este autor, o teto comum e o laço de sangue não bastam para unir a família. O verdadeiro cimento de toda célula familiar é o amor recíproco entre os que vivem juntos. Assim, pode ocorrer que crianças e adultos sem vínculos de parentesco sejam adotados por agrupamentos de famílias, a ponto de fazer parte delas, enquanto de modo inverso, certos membros da família nem sempre conseguem integrar-se verdadeiramente no seio dessa pequena instituição social.

De acordo com este autor, o casal, enquanto elemento constitutivo, não basta para formar uma família: é a chegada do filho que a cria, “é, pois, em torno do filho, em função do filho e para o filho que se ordenam as relações familiares normais” (POROT, 1958, p. 17). Seguindo este ponto de vista, o drama familiar tem três personagens: o pai, a mãe e o filho, talvez alguns figurantes, como avós, tios, primos ou agregados. O autor insere nessa trama, um quarto personagem: o lar, o qual considera um ser espiritual, vivo, com passado, presente e futuro e que influencia profundamente nas relações estabelecidas entre os elementos da família. Para esse autor, não há sociedade viável sem o equilíbrio permanente entre o amor e autoridade, entre a solidariedade e a rivalidade. Na sociedade familiar esses quatro papéis são representados por quatro personagens: o pai, como autoridade; a mãe representa a afeição; os irmãos representam a rivalidade e o lar, a solidariedade.

Na abordagem psicanalítica, Meyer (1987) recorda que os estudos psicanalíticos sobre família começaram a ganhar força a partir de 1959, quando muitos terapeutas passaram a compreender como paciente a unidade familiar, e a família passou a ser vista como um ponto de encontro dos funcionamentos individuais, grupal e institucional. Nessa mesma perspectiva, Ritche (1990) coloca que nos últimos tempos, vários teóricos têm apresentado sugestões visando a compreensão das interações familiares e dos conflitos delas resultantes, explicando que a teoria psicanalítica de Freud, apesar da ampla compreensão dos conflitos familiares, está centrada no indivíduo, e especificamente na maneira como a criança se relaciona com os demais membros da família, sendo esses membros reduzidos a objetos para os quais a criança dirige seus impulsos e que servem de modelo para suas necessidades de identificação.

Esta autora propôs uma teoria sobre os papéis na relação pais-filhos, sendo “papéis” aqui definido como a totalidade organizada das expectativas conscientes e inconscientes que cada parceiro tem do outro. Esses papéis podem servir como processos de defesa. A distorção de papéis entre pais e filhos resulta do genitor mais forte que impõe à criança um papel necessário para sua própria fuga do conflito interior. Para ela, “a família é o palco

onde dramaticamente entram em cena as forças emocionais de depressão, medo, teimosia defensiva e protesto, acompanhando o encontro e choque de gerações” (RITCHER, 1990, p. 23).

Meyer (1987) diz que o bebê, antes mesmo de seu nascimento, já faz parte das fantasias dos pais e é “moldado” por eles. O bebê introduz uma nova dinâmica na vida do casal relativa às suas próprias exigências e, a partir de sua chegada, passa a ocorrer uma interação entre ele e o casal, caracterizada por coerções recíprocas, com fortes pressões exercidas pela dupla parental com o intuito de garantir que o recém chegado seja cúmplice na satisfação de suas fantasias inconscientes.

Nesse processo, a criança enfrenta a necessidade de lutar para sobreviver, crescer, individualizar-se e amadurecer no seio de sua família, ao lado de seus pais e irmãos, numa atmosfera que ela também contribui a criar. As diversas necessidades de cada fase dão margem a conflitos que tanto podem estimular o crescimento quanto podem contribuir para o desenvolvimento de padrões patológicos de relacionamentos. Uma dos maiores perigos encontrados nesse processo consiste na dificuldade ou impossibilidade dos membros da família em tolerar as ambivalências desses relacionamentos. Essa tolerância às ambivalências corresponde em liberdade para que todos os membros possam trazer para a relação familiar os mais profundos elementos dos relacionamentos objetivos infantis, sem com isso perder a sua identidade (MEYER, 1987).

Tal autor ressalta que a presença de patologias na família, muitas vezes, está relacionada com o grau com que seus membros são capazes de manter internalizados seus conflitos intrapsíquicos. Geralmente a patologia se desenvolve como consequência de uma necessidade pessoal de um membro da família, de externalizar na relação familiar, os conflitos que deveriam ser mantidos em seu mundo interior (MEYER, 1987).

Para Ritcher (1990) a ruptura na família é indicada não pela presença de sérios conflitos, mas pela incapacidade de seus membros de lidar com certos tipos de tensões. Muitos distúrbios psicogênicos só podem ser bem compreendidos quando vistos não como doenças individuais, mas como neuroses conjugais ou familiares.

A autora cita que pode ocorrer que parte da família escape do desencadeamento de uma doença neurótica impondo sobre outra parte seus problemas não resolvidos. Os pais, por exemplo, tendem a descarregar em algum filho a tensão conjugal não resolvida através de insultos e castigos, que levam a criança, cada vez mais deprimida, a fugir de casa por várias vezes, até que, finalmente tenha de ser levada a uma instituição. Uma investigação mais cuidadosa revelaria que essa expulsão forçada seria uma tentativa da família em encontrar uma solução mais simples para os conflitos grupais fortemente agressivos (RITCHER, 1990).

Outras famílias, no entanto, ao invés de expulsar, podem induzir um de seus membros a ocupar uma posição marginalizada, usando-os como “bode expiatório” ou como tela sobre a qual irão projetar seus próprios defeitos não reconhecidos, suas culpas, sentimentos de impotência e incapacidade. Nesse caso, a função desse membro é tão importante para a família que todos os seus membros se empenham em mantê-lo nesta posição (RITCHER, 1990).

Porot (1958) acredita que na base de muitos distúrbios afetivos infantis ou adultos, encontra-se muitas vezes, apenas a insuficiência, o exagero ou o desconhecimento dos papéis que cabem a cada um, uma vez que “estando invertidos os papéis, ninguém desempenha o seu e cada um exerce mal o do outro”. Para que a criança possa chegar à idade adulta, ela precisa de segurança, a qual envolve três planos paralelos e entrelaçados, o plano físico, intelectual e o afetivo. A evolução nessas três esferas visa dar à criança força física, os meios intelectuais e o equilíbrio afetivo que lhe permitam escolher seus próprios caminhos e agir livremente frente às exigências da vida em sociedade, ou seja, o desenvolvimento da autonomia. Segurança resume, na prática, o conjunto de condições indispensáveis a uma boa evolução afetiva.

O mesmo autor considera que “o amor só pode desempenhar seu papel no que diz respeito à segurança, quando a criança se sente aceita no seio da família”. Nem as palavras nem os gestos podem substituir o amor. Muitos fracassados/ delinquentes deixaram de aceitar a sociedade porque foi ela que primeiro os rejeitou, ainda em sua forma embrionária (a família), quando deixou de aceitá-los. A criança necessita de uma base segura para que possa se apoiar e possa se adaptar às exigências da vida; a estabilidade e a segurança dependem antes de tudo, da conduta dos pais, pois essa constituirá um ponto de apoio graças ao qual a criança conseguirá se levantar frente ao mundo que se lhe oferece. Amor, aceitação e estabilidade são, portanto, os três pilares de segurança, condição essencial para o desenvolvimento afetivo da criança (POROT, 1958).

1.2 Aspectos psicodinâmicos da família

A teoria psicanalítica enfatiza os aspectos psicodinâmicos das relações da criança com seus pais logo nos primeiros anos de vida.

Sobre a dinâmica familiar, Trinca (1984) afirma que o indivíduo é um ser social, sendo sua primeira sociedade a família, núcleo de conflitos, mas ao mesmo tempo de conforto e segurança, lugar de preenchimento das possibilidades de crescimento e realização. Segundo esse autor, na família operam um conjunto de forças que incidem sobre a vida do indivíduo, provocando tanto processos psicopatológicos quanto processos de saúde e evolução mental.

Meyer (1987) aponta que o conceito central no referencial kleiniano é a noção da existência de um mundo interno habitado por objetos internos e a vida psíquica adquire expressão enquanto manifestação da natureza intrínseca desses objetos em si; é uma vida que tanto contem as relações objetais quanto é a manifestação verdadeira de tais relações. Expressa tanto a experiência emocional vinculada a estas quanto as defesas originadas por ela.

Com base nesse referencial, Meyer (1987) compreende a família como “uma unidade sócio-econômica organizada em torno de um par heterossexual, ou seja, de um par potencialmente capaz de reproduzir a referida unidade”. Sob esta perspectiva, o padrão de atitudes sexuais e parentais estará relacionado ao meio ambiente cultural, ao mesmo tempo em que irá definir os papéis de seus membros e estabelecer as bases de suas interações.

Segundo esse autor, é no interior da família nuclear que podem ser feitas as tentativas no sentido de trazer à tona, para recuperá-los, os objetos temidos e amados, conflitantes, ambivalentes, bons e maus, que controlam os objetos do mundo interior e que se originaram na família ancestral (MEYER, 1987).

De acordo com a teoria de Melanie Klein, a criança, ao nascer, conta com ego suficiente para experimentar ansiedade, usar mecanismos de defesa e formar relações de objetos primitivas na fantasia e na realidade. O ego primitivo do bebê, inicialmente, é desorganizado, embora possua uma tendência à integração. Este ego, ainda imaturo, é exposto à ansiedade provocada pela polaridade inata e conflito imediato entre os instintos de vida e de morte (SEGAL, 1975).

Concomitantemente à experiência desses conflitos, a criança vai estabelecendo as primeiras relações de objeto. Klein (1957) atribui importância fundamental a essas primeiras relações de objeto e afirma que a primeira relação de objeto estabelecida é com a mãe e o seio materno. Se este objeto primário é introjetado e se enraíza no ego com relativa

segurança, encontra-se firmada a base para este vínculo. Sob o predomínio de impulsos orais, o seio é instintivamente percebido como fonte de nutrição e, portanto, de vida.

Heimann (1952) aponta que, a atitude da criança em relação a seus objetos é determinada pelas suas necessidades físicas, seus impulsos e fantasias; é por intermédio de suas sensações que a criança experimenta seus objetos e a experiência sensorial constitui a matriz tanto para as fantasias inconscientes quanto para as percepções conscientes.

O seio bom é absorvido e se torna parte do ego e o bebê passa a possuir a mãe dentro de si. As circunstâncias externas desempenham papel vital nessa relação e a capacidade do bebê em experimentar novas fontes de gratificação pode ser prejudicada. Se a criança é ou não bem amamentada, se os cuidados dirigidos a ela pela mãe fruem de maneira plena, ou se a mãe é ansiosa e tem dificuldades psicológicas na amamentação, todos esses fatores irão influenciar na capacidade do bebê em internalizar o seio bom (KLEIN, 1957).

Trinca (1987), explica que a teoria de Melanie Klein propõe a existência de duas formas básicas de ansiedade, uma de natureza persecutória e a segunda, depressiva. Na ansiedade de natureza persecutória há a atuação do instinto de morte, origem do medo de aniquilação e causa da angústia persecutória.

Os sentimentos persecutórios oriundos de fontes internas são intensificados por experiências externas dolorosas, visto que desde o início da vida, a frustração e o desconforto originam na criança sensações de que está sendo atacada. Os sentimentos de gratificação dizem respeito ao “seio bom” e os impulsos destrutivos e sentimentos de perseguição referem-se ao “seio mau”, assim, há uma separação entre amor e ódio (TRINCA, 1987).

Segundo Melanie Klein as repetidas experiências de gratificação e frustração constituem poderosos estímulos para os impulsos libidinais e destrutivos, para o amor e para o ódio. A antítese entre seio bom e mau deve-se principalmente à falta de integração do ego. O bom e o mau não se distinguem completamente um do outro na mente da criança (KLEIN, 1952).

A luta entre os instintos de vida e de morte e a resultante ameaça de aniquilação do eu e do objeto por impulsos destruidores são fatores fundamentais na relação inicial do bebê com sua mãe, porque os desejos dele implicam em que o seio e a mãe ponham fim a esses impulsos destrutivos e ao sofrimento da ansiedade persecutória (KLEIN, 1957).

No terceiro ou quarto mês de vida, a criança adota mecanismos de defesa de cisão (entre amor e ódio, objetos bons e maus), negação, onipotência, idealização, ocupando uma posição esquizoparanóide (TRINCA, 1987). De acordo com Segal (1975), uma das realizações da posição esquizoparanóide é a divisão (*splitting*) que permite ao ego ordenar

as suas experiências, que ocorre com o processo de divisão em objeto mau e objeto bom – essa divisão ordena o universo de impressões emocionais e sensoriais da criança e constitui condição para integração posterior, dando-lhe base para diferenciação entre o bom e o mau, que serão importantes na vida madura.

Em conexão com a divisão estão a ansiedade persecutória e a idealização. A ansiedade persecutória é condição para que a criança seja capaz de reconhecer, apreciar e reagir a situações verdadeiras de perigo em condições externas; a idealização é a base da crença na bondade de objetos e na própria bondade e, ainda, é precursora de boas relações de objeto, aumentando a riqueza e variedade dos relacionamentos futuros. A identificação projetiva trata-se da forma mais primitiva de empatia e, pela projeção de partes de si no objeto e pela identificação de partes do objeto como partes do eu (self), fornece base para a formação simbólica a partir do que o ego irá formar seus primeiros e mais primitivos símbolos (SEGAL, 1975).

Segal (1975) destaca que, os mecanismos de defesa da posição esquizoparanóide não servem apenas para proteger o ego das ansiedades imediatas e esmagadoras, mas também como etapas graduais do desenvolvimento, até a próxima etapa, que é a posição depressiva. Para que essa transição gradual ocorra de forma suave e sem perturbações é condição que haja predominância de experiências boas sobre as más, assim o ego poderá adquirir a crença na prevalência do objeto ideal sobre os objetos persecutórios, bem como na predominância dos instintos de vida sobre os instintos de morte. Desse modo o ego adquire maior força e capacidade para enfrentar ansiedades sem recorrer a mecanismos de defesa violentos. O ego torna-se menos temeroso de sua própria agressividade e se prepara para sua integração e para a integração dos seus objetos, diferenciando o que é eu (self) e o que é objeto, e se preparando para entrar na posição depressiva.

Se há predomínio de experiências más, no entanto, a situação é bem diferente, podendo dar margem a psicopatologias da posição esquizoparanóide. Quando essa fase é vivida sob condições desfavoráveis, a identificação projetiva é usada de modo diferente de como é usada no desenvolvimento normal; as ansiedades e os impulsos hostis são intensos e a parte projetada é estilhaçada e desintegrada em fragmentos diminutos, que são projetados no objeto, desintegrando-os. Há um ódio violento de toda a experiência da realidade e o estilhaçamento do ego é uma tentativa de desfazer essa percepção. Ao mesmo tempo, a projeção visa destruir o objeto alvo da projeção, que tanto pode ser o objeto mau ou o objeto ideal, quando este lhe suscita insuportáveis sentimentos de inveja. O ataque à realidade por identificação projetiva está em conexão com o ataque aos vínculos, desse modo são quebrados os vínculos entre o eu e o objeto, interno e externo, e entre várias partes do eu, como por exemplo, as funções de sentir e pensar (SEGAL, 1975).

A segunda forma de ansiedade básica é a depressiva. O amor e ódio, os bons e maus aspectos do objeto vão sendo sintetizados. A criança sente que está destruindo um objeto inteiro do qual ela depende, e que seus impulsos destrutivos estão sendo dirigidos contra a pessoa amada. A criança sente angústia e culpa (essência da posição depressiva) relacionada aos ataques e perda do objeto amado (TRINCA, 1987).

Se as condições de desenvolvimento são favoráveis, o bebê sentirá cada vez mais que o seu objeto ideal e seus próprios impulsos libidinais são mais fortes que o objeto mau e seus impulsos maus, e será capaz de identificar-se com o objeto ideal, defendendo-o e o protegendo. Há um aumento da sua tolerância em relação ao instinto de morte dentro de si e seus medos paranóides são diminuídos, impulsionando-o para a integração do ego e do objeto (SEGAL, 1975).

Na posição depressiva, o bebê reconhece o objeto como total e se relaciona com esse objeto. A integração do ego e a integração do objeto ocorrem simultaneamente; assim, com a diminuição dos processos projetivos e maior integração do ego, a percepção de objetos fica menos deformada, de modo que objetos maus e ideais se aproximam. Essa mudança no estado de integração do ego e do objeto traz consigo a mudança de foco das ansiedades do bebê. Tais ansiedades, nesta posição, brotam da ambivalência e a principal ansiedade do bebê é que os seus impulsos destrutivos tenham destruído ou destruam o objeto amado do qual ela depende (SEGAL, 1975).

Heimann (1952) explica que nesse ponto surge o medo de destruir a mãe amada no próprio ato de expressar amor por ela, e o medo de perder a mãe no próprio processo de garantir a sua posse. Segal (1975) apresenta que os processos introjetivos são intensificados, pela diminuição dos mecanismos projetivos, e também pelo desejo da criança em possuir esse objeto, e se possível, protegê-lo de sua própria destrutividade. O bebê acha-se exposto a novos sentimentos, como o luto e o anseio pelo objeto bom, bem como a culpa, que surge com o sentimento de ter perdido o objeto bom através de sua destrutividade.

Esse sofrimento, muitas vezes, só pode ser superado pelas defesas maníacas, as quais protegem o ego do desespero e podem gradualmente dar lugar à reparação, diminuindo a ameaça e o sofrimento. A organização das defesas maníacas nesta posição inclui alguns mecanismos evidenciados na posição esquizoparanóide, como a idealização, divisão, identificação projetiva e negação; o que distingue o uso de tais defesas nesta posição é que elas estão muito mais organizadas e de acordo com o estado de maior integração do ego. A suposta segurança nesse estágio é obtida pela fantasia de objeto idealizado que projeta do objeto persecutório. Em condições normais, a partir do 6º mês a criança começa a introjetar a mãe como pessoa inteira, com capacidade de integração e síntese do ego (SEGAL, 1975).

Com base nessas duas posições é que se instalam o processo de relação com os objetos (internos e externos) e tem importância capital na gênese das psicoses, formação do superego primitivo e cruel, e das escolhas neuróticas do indivíduo. Falhas nas relações primárias entre o bebê e a mãe podem conduzir à psicose, ao comportamento antissocial, à personalidade esquizóide, etc., devido a carências e privações precoces que colocam em risco a continuidade da existência da criança e dos processos de integração (TRINCA, 1987).

É durante a posição depressiva, quando o bebê reconhece a sua mãe como objeto total, que o bebê passa a reconhecer também as outras pessoas como ser individual e que têm relação umas com as outras. Neste momento, a criança se dá conta também da relação existente entre o seu pai e sua mãe, dando início a instalação do Complexo de Édipo. O bebê percebe o vínculo libidinal entre os seus pais e projeta neles seus próprios desejos libidinais e agressivos (SEGAL, 1975).

Essa situação, em que o bebê percebe os seus pais a partir de suas próprias projeções, provoca na criança sentimentos de privação, ciúme e inveja, visto que os pais são percebidos como dando um ao outro as gratificações que o bebê deseja para si mesmo. A criança reage a essa situação por um aumento de suas fantasias e sentimentos agressivos, e os pais são atacados por todos os meios agressivos e, em sua fantasia, são percebidos como destruídos. Os pais atacados são imediatamente introjetados e sentidos pela criança como parte de seu mundo interno. Ou seja, o bebê tem que lidar não apenas com a mãe e o seio internos, mas agora com o casal de pais interno destruído da situação edipiana primitiva (SEGAL, 1975).

Conforme descreve Heimann (1952), a criança passa então a ter que enfrentar todos os estímulos, excitações e conflitos inerentes a uma relação entre três pessoas. Os anseios libidinais misturam-se aos destrutivos e as tendências hostis são ainda mais estimuladas em virtude da frustração e ciúmes. Gradualmente a criança vai desenvolvendo a capacidade para percepções mais realistas, e vai progredindo no sentido do estabelecimento de uma zona genital. Esse processo implica na superação dos anseios pré-genitais e no esclarecimento de vários conceitos, como o reconhecimento das várias partes e funções do corpo e o domínio dos impulsos destrutivos. Nesse processo de crescimento, unificação e esclarecimentos que se estendem ao longo dos primeiros anos da infância, a introjeção e a projeção fazem importantes contribuições no sentido de modificarem os mundos interior e exterior.

De acordo com Melanie Klein (KLEIN, 1932) a formação do superego e o conflito edípico são processos que se iniciam sob a supremacia dos impulsos pré-genitais, e os objetos que foram introjetados na fase sádico-oral, ou seja, as primeiras catexias de objetos e identificações, formam os primórdios do superego. O que dá origem a formação do

superego e governa os seus estágios mais remotos são os impulsos destrutivos e as ansiedades por eles despertadas.

Klein (1952) afirma ainda, que a ascendência das tendências genitais implica num grande progresso na integração do ego, pois recebem os desejos libidinais e reparadores de uma natureza pré-genital e verifica-se assim uma síntese nas tendências reparadoras pré-genitais e genitais; a crescente força da libido genital em que esse progresso está incluído corre paralelamente a uma diminuição da ansiedade e da culpa suscitadas pelas tendências destrutivas.

No processo de resolução dos conflitos edípicos e realização da primazia genital, a criança torna-se capaz de estabelecer com segurança os seus objetos bons em seu mundo interior e de desenvolver relações estáveis com os seus pais, resolvendo gradualmente o conflito e modificando a ansiedade persecutória e depressiva (KLEIN, 1952).

Face a teoria acima exposta, serão ainda apresentadas as considerações de alguns autores frente aos aspectos psicodinâmicos da família.

Pincus e Dare (1987) afirmaram que a compreensão psicodinâmica do indivíduo, a partir do Século XX, levou ao conhecimento de que os sentimentos inconscientes, ligados a segredos e mitos ao longo do ciclo vital da família, poderiam ter efeitos prejudiciais e inibidores. Se estes sentimentos e as reações deles decorrentes forem trazidos à consciência, o sujeito pode ter uma vida livre da dominação dos efeitos danosos dos segredos e mitos na família.

Esses autores entendem que cada membro da família continua a se modificar e a crescer emocionalmente, mesmo quando o crescimento físico já se completou, e cada estágio da vida, para cada um desses membros, contém conflitos entre as necessidades provenientes dos desejos internos e anseios do indivíduo e a pressão oposta para se adaptar às necessidades do mundo externo. O anseio de proximidade e de resposta de amor por parte das outras pessoas significa uma tentativa individual de suprimir alguns desejos egoístas, porém, intensos, e às vezes pouco conhecidos. Essas necessidades e desejos internos constituem a vida mental secreta do indivíduo. À medida que crescem e mudam, a criança e o jovem vivenciam tanto o seu mundo interno quanto externo, e desde o início, moldam sua própria personalidade, ao integrar necessidades internas com a realidade e demanda do mundo externo (PINCUS; DARE, 1987).

De acordo com os mesmos autores, as tensões e conflitos são necessários para o contínuo crescimento do indivíduo, que culmina quando o indivíduo encontra meios de integrar diferentes aspectos do *self* em resposta às várias demandas do desenvolvimento. Cada fase do desenvolvimento possui uma exigência particular de resposta e adaptação pelos membros da família, e cada fase nunca é completa ou totalmente esquecida, cada

fase deixa suas marcas indeléveis na maneira como cada um se aproxima de uma nova fase e como molda suas necessidades futuras.

Pincus e Dare (1987) compreendem que os sentimentos e ações atuais procedem de padrões de experiências passadas, e é possível avaliar esses padrões que surgem no início da vida, mesmo na mais tenra idade, conforme a teoria kleiniana acima explicitada. De acordo com essa teoria, o bebê desde o princípio, já possui algumas experiências de certos aspectos da mãe como ocorrendo fora de si mesmo e desde cedo está muito atento à mãe, e a sua vida incipiente emocional está concentrada nesse relacionamento. No entanto, esse conhecimento ou sentimento acerca da existência de uma mãe frágil e protetora pode ser a qualquer momento destruído por qualquer desconforto que a criança possa sentir, levando o bebê a sentir intensa raiva e desespero que podem se converter em pânico.

Quando a criança entra em pânico, passa pela experiência de terror, desintegração e medo de aniquilamento. As condições para superar as sensações de pânico são o amor, carinho e atenção. Como reação à situação de desconforto, a criança utiliza, como estratégia, a crença de que esse desconforto não pertence a ela, mas vem de algum lugar fora dela. Essa estratégia é a base do mecanismo de projeção, que é usado ao longo da vida para enfrentamento de experiências dolorosas e inaceitáveis (MEYER, 1987).

O indivíduo pode, como mecanismo de defesa contra a ansiedade, numa tentativa de preservar a integridade do ego, fazer uma cisão entre objetos bons e maus. No mecanismo de identificação projetiva, não só os objetos maus e destrutivos são projetados nos outros, mas também as partes boas, com objetivos, por exemplo, de comunicação ou proteção. Esse mecanismo pode ser usado também como uma forma de controle, na tentativa de se apoderar da outra pessoa, como forma de expulsar ou rejeitar sentimentos e pensamentos maus, passando a responsabilidade para outras pessoas, defensivamente, com o objetivo de evitar conflito excessivo no ego individual (MEYER, 1987).

Sobre a figura materna, Pincus e Dare (1987) afirmam que a mãe, ao aceitar os sentimentos destrutivos do bebê sem represálias, estará ajudando na tarefa de ser capaz de conter e ser responsável pela sua capacidade de odiar e ferir. Essa tarefa se prolongará ao longo da vida. “A adoração materna (e paterna) ajuda o bebê a tornar-se alguém que possui um suficiente auto-respeito e autoconfiança, capaz de amar outras pessoas” (p. 23). Se as necessidades da criança forem atendidas de forma mais ou menos acurada e em tempo mais ou menos hábil, a criança tende a tornar-se confiante e razoavelmente otimista. Se estes aspectos forem deficientes, a criança tentará cuidar de suas próprias necessidades. As crenças secretas a respeito da crueldade e hostilidade existentes no mundo podem ter origem nas experiências más nos primeiros anos de vida, enquanto das experiências boas nascem o otimismo e a crença na generosidade da vida e da natureza (PINCUS; DARE, 1987).

Os mesmos autores comentam que, tanto para Freud quanto para muitos psicanalistas atuais, o estágio do complexo de Édipo é o mais crucial para a estruturação da personalidade e as consequências para a saúde mental. Tais autores acreditam que apesar de muitos distúrbios e neuroses tomarem corpo nessa etapa, é também um período de crescimento psicológico essencial para o desenvolvimento da capacidade de amar e, eventualmente, participar da criação de uma nova família. Tais autores ressaltam ainda que, apesar da consciência das angústias e desafios com os quais as famílias se deparam nos dias de hoje, a família tem fundamental importância em estimular as qualidades de afeto e a capacidade de amar que são valorizadas pelas pessoas (PINCUS; DARE, 1987).

Pincus e Dare (1987) destacam que a situação edípica não é apenas fonte de conflitos e confusões para o desenvolvimento da personalidade, serve como prova essencial à criança para que esta desenvolva a capacidade de se envolver com intensos relacionamentos afetivos, que poderão ser ampliados a outras crianças e adultos da família, e mais tarde com pessoas estranhas de outros meios. O amor responsivo dos pais irá formar a base, quando adulto, da habilidade de dar e receber amor, tanto físico quanto emocional. O desenvolvimento sadio da capacidade de amar depende dos sentimentos que foram permitidos existir na família durante a fase edípica. As pessoas que nunca lidaram com a fase edípica, cujo desenvolvimento foi distorcido, apresentarão problemas de sociabilidade. Se o amor prevalece e os cuidados são razoavelmente bons, a criança, nessa fase, sente-se bastante tranquila e confortável em seus relacionamentos com a família e pode dirigir suas energias para o mundo exterior, representado principalmente pela escola, com seus novos amigos e interesses compartilhados com crianças de sua idade (PINCUS; DARE, 1987).

No entanto, o mesmo não se pode afirmar das crianças que foram privadas dessas experiências:

nas situações em que a criança carrega o fardo dos problemas paternos e desenvolve sintomas que geram ansiedade, a decisão que parece mais apropriada é a de afastá-la de casa. Tal medida, no entanto, ainda que pareça salvar a criança da má influência dos pais, pode na realidade resultar no fato da criança não somente sentir saudades dos pais, mas sentir-se culpada por tê-los deixado sozinhos com seus problemas (...). A remoção da criança, reconhecidamente perturbada, termina com o propósito do sintoma, pois este expressa uma tentativa de conseguir ajuda para a família (PINCUS; DARE, 1987, p.100)

Crianças que são abandonadas, mesmo que adotadas nos primeiros anos de vida, sofrem a grande dor da separação da primeira pessoa a que estiverem ligadas, mesmo quando a nova mãe é dedicada e tem melhores condições materiais para oferecê-las. Os

autores comentam que “tal separação é sentida como uma catástrofe e as pessoas que sofrem esta perda, como criança, são mais predispostas, quando adultas, a sofrerem de profundas depressões também por outras perdas” (PINCUS; DARE, 1987, p. 109).

Para Bleger (1973), a família é considerada o reservatório ou depositário da parte menos diferenciada ou menos discriminada da personalidade, caracterizando assim a dinâmica familiar. Com base nesta afirmação, o autor argumenta que

o traço cultural contemporâneo reside tanto neste fato como em uma profunda dissociação concomitante entre o intra e o extra grupo familiar, de tal maneira que neste último (e graças ao primeiro fenômeno já assinalado) resulta possível que um sujeito atue na parte mais adaptada, mais discriminada, mais evoluída de sua personalidade (BLEGER, 1973, p.97).

Lima (1997) afirma que é no contexto familiar que a criança estabelece suas primeiras relações de objeto, as quais posteriormente irão determinar as modalidades de vínculos que a criança estabelecerá com o mundo. A influência de fatores intrapsíquicos da criança e do meio familiar determina grande parte das manifestações do ser humano frente à vida e sua construção de uma visão de mundo. A família, qualquer que seja sua constituição, é o núcleo primordial que recebe e contém a criança, o lugar onde ela realiza a experiência de existir como um ser em si mesmo, e representa a primeira vivência de contato com o mundo, que chega a ela pelo toque, o olhar, as sensações, o amor, o prazer, a frustração.

Os pais são os suportes preferenciais em que a criança deposita seus afetos e ansiedades, seus primeiros objetos de relação, que constituirão modelos para o resto de sua vida.

Do interjogo entre a família real e os sentimentos, impulsos e desejos da criança (tendo em vista os mecanismos de projeção e introjeção) ela constrói uma família dentro de si, que são seus objetos internos. Tal representação da família molda e interfere em sua relação com a família real (LIMA, 1997, p. 222).

Sobre os processos de relação com os objetos, Bleger (1973) aponta que a instalação da introjeção e projeção significa um progresso na individuação. Assim o autor considera que um grupo familiar sadio é aquele no qual se dá este último processo (de discriminação, diferenciação e personificação). As perturbações normais e anormais dependem não só da dinâmica do intragrupo familiar, como também, além disso, da dinâmica no extragrupo e nas relações entre ambos. A dinâmica familiar deve oferecer uma

condição de segurança para que o indivíduo possa dar espaço às relações extragrupais e ao suficiente desenvolvimento da identidade pessoal.

Meyer (1987) considera que os membros de uma família devem ser flexíveis o suficiente para identificar-se com os elementos projetados sobre si sem, contudo, atuarem estas projeções. A família deve permitir um espaço que facilite a todos tolerar a criança dependente que subsiste em cada um. Se esses objetos projetados não puderem ser “digeridos”, o elemento alvo da projeção pode reagir por meio de outra projeção dirigida à pessoa que primeiro projetou; ou, por medo de se identificar com o objeto projetado, pode conduzir uma batalha competitiva contra ele – é nesse contexto que muitas experiências de cuidar/ser cuidado, apoiar/receber apoio, confiar e receber confiança, podem ser comprometidas ou mesmo perdidas, dentro das famílias.

1.3 A privação do afeto, maus-tratos, abandono e institucionalização

Apesar da ênfase que é dada ao relevante papel da família para o desenvolvimento saudável da personalidade das crianças e do conhecimento acerca da importância das primeiras experiências relacionais e afetivas, verifica-se que a realidade nem sempre é assim. As situações de abandono, maus-tratos e a falta de cuidados básicos dedicados à criança são mais frequentes do que se possa imaginar. Certamente, o desenvolvimento psíquico e social da criança é gravemente afetado pela ausência dos cuidados básicos e presença de maus-tratos.

A criança, como é de conhecimento de todos, é um ser frágil e ainda em desenvolvimento, e por isso necessita de cuidados e de atenção especial por parte dos adultos, para que possa crescer e se desenvolver física e emocionalmente de maneira satisfatória. Amorós e Palácios (2004) apresentam algumas das necessidades básicas da criança, como as necessidades relacionadas à segurança, ao crescimento e sobrevivência, necessidades relacionadas ao desenvolvimento emocional, desenvolvimento social e cognitivo, necessidades relacionadas à escolarização e linguagem. Quando as circunstâncias oferecidas à criança não são favoráveis a que essas necessidades básicas sejam adequadamente atendidas, encontramos-nos diante de uma situação de risco.

Em contraposição ao termo “mau-trato” Cerdá (2003) introduz a ideia de “bom trato” que implica na satisfação de todas as necessidades da criança que seguem o seu estado evolutivo, conforme as apresentadas acima por Amorós e Palácios (2004). Sempre que estas necessidades não forem convenientemente atendidas por parte daqueles que são responsáveis em fazê-lo, pode-se falar em mau-trato infantil.

De acordo com a definição apresentada por este autor, o mau-trato infantil refere-se a qualquer dano físico ou psicológico que é infringido de forma voluntária a uma criança e ocorre como resultado de ações físicas, sexuais ou emocionais, bem como omissão de condutas que prejudiquem o desenvolvimento físico e emocional satisfatório. Quaisquer variantes do mau-trato são situações nocivas à criança, e a gravidade do dano está em função do tipo de mau-trato, bem como de outras variáveis como intensidade, frequência, idade da criança em relação ao agressor (CERDÁ, 2003).

Colombo e Agosta (2005) apresentam os seguintes tipos de mau-trato infantil e suas definições, baseadas no Centro Internacional da Infância de Paris:

- Mau-trato físico: é a ação não acidental de algum adulto que provoca dano físico ou enfermidade na criança, ou que o coloca em grave risco como consequência de alguma ação intencionada.

- Mau-trato emocional ou psicológico: trata-se de um tipo de reprodução onde há excesso de exigências dos pais, ultrapassando as capacidades da criança ou desconhecimento de suas reais necessidades, afetando seriamente o desenvolvimento de sua personalidade e integração social. Geralmente leva as seguintes formas extremas: a rejeição, indiferença, a desvalorização, isolamento, terror e corrupção
- Abuso sexual: é a participação de menores imaturos e dependentes de qualquer atividade sexual (a qual não compreendem totalmente, nem são capazes de dar consentimento) com um adulto, devendo existir uma diferença de cinco anos entre abusador e abusado
- Negligência ou abandono: é a falta de satisfação das necessidades básicas da criança, tais como comida, roupa, abrigo, higiene, atenção médica, educação, recreação, atenção ou supervisão, necessárias para o seu desenvolvimento e crescimento (sendo isto factível às possibilidades econômicas e sociais da família).

De acordo com estas autoras, para as crianças vítimas de maus-tratos, o mundo dos adultos se converte numa fonte contínua de desconfiança e temor. Daí que sejam tão relutantes ao contato e, em algumas ocasiões, agressivos, ainda contra aqueles que se aproximam para ajudá-los. Suas demandas de carinho nem sempre são compreendidas, pelo que se acrescenta o sentimento de ser rejeitado pelos demais. Portanto, não é de se estranhar que as relações com seus pares se vejam completamente afetadas tanto por seu retraimento afetivo como por seu comportamento agressivo. Quanto mais precocemente tenha ocorrido o mau-trato, mais severos serão os danos psicológicos. Comportamentos imaturos, dificuldades de adaptação social, fracasso escolar, são queixas frequentes dos que se ocupam destas crianças (COLOMBO; AGOSTA, 2005).

Diniz (1993) afirma que a ausência da mãe ou a falta de qualidade da relação materna produz na criança vários tipos de carências ou de patologias, e lembra que um dos problemas dessa relação é a incoerência ou a descontinuidade. Deste modo, o autor entende que não é necessário que se verifique um abandono propriamente dito para que uma criança possa ser atingida por carências graves devido à falta de qualidade no ambiente familiar. No entanto, o abandono é uma situação extrema que exige intervenções rápidas e precisas. “A privação de meio familiar, ou a integração numa família de qualidade deficiente, pode produzir, como se sabe, indivíduos socialmente desadaptados ou com problemas psicológicos de várias ordens” (p. 32).

Bowlby (1976) trata das implicações decorrentes das falhas dos cuidados maternos, ressaltando que a vivência de uma relação calorosa, íntima e contínua com a mãe ou com uma mãe substituta permanente (pessoa que desempenha o papel de mãe para a criança de forma regular e constante) é essencial para saúde mental do bebê e da criança pequena. Essa relação complexa, rica e compensadora com a mãe nos primeiros anos de vida,

enriquecida de inúmeras maneiras pelas relações com o pai e com os irmãos e irmãs, está na base do desenvolvimento da personalidade e saúde mental da criança.

Às situações em que a criança não encontra este tipo de relação, Bowlby (1976) atribui o termo “privação da mãe”. Esta é uma expressão ampla, que abrange um grande número de situações diferentes. Uma criança pode sofrer privação vivendo em sua casa com a mãe ou mãe substituta se esta for incapaz de lhe proporcionar os cuidados amorosos de que uma criança necessita. Nos casos em que a criança passar a ser cuidada por alguém em quem ela já aprendeu a confiar e a quem já conhece, esta privação poderá ser considerada relativamente suave. Já nos casos em que a mãe substituta for uma estranha, mesmo que seja amorosa e ofereça os cuidados esperados, esta privação pode ser acentuada. O autor coloca que estas situações ainda oferecem à criança alguma satisfação e representam assim, exemplos de “privação parcial”.

Tais situações se opõem à “privação quase total”, que é aquela que se dá geralmente nas instituições, creches residências e nos hospitais, onde, na maioria dos casos, a criança não dispõe de uma pessoa específica que cuide dela de forma pessoal e com quem ela possa sentir-se segura.

Segundo Bowlby (1976) a privação total pode mutilar totalmente a capacidade da criança em estabelecer relações com outras pessoas. Ao referir-se ao termo “privação total” o autor descreve as tristes consequências para o bebê que não recebe os cuidados da mãe e são abandonadas emocionalmente. Sobre estas crianças, escreve:

Faltou-lhes exatamente o tipo de cuidados que uma mãe dá sem pensar. Estas crianças foram privadas de todas as carícias e brincadeiras, da intimidade da amamentação através da qual a criança conhece o conforto do corpo materno, dos rituais do banho e do vestir, com os quais através do orgulho e carinho materno para com seus pequenos membros, o bebê aprende o seu próprio valor (BOWLBY, 1976, p. 17).

O termo privação total é utilizado também por Spitz (2000), o qual afirma que o dano sofrido pela criança privada de sua mãe será proporcional à duração da privação. A privação afetiva total, chamada pelo autor de *hospitalismo*, ocorre quando as crianças são privadas de todas as relações objetais, por um período que dure mais que cinco meses. Tais crianças tendem a apresentar sintomas de deterioração progressiva e que parecem ser, pelo menos em parte, irreversíveis. Os estudos experimentais desenvolvidos por este pesquisador demonstraram que uma grande deficiência nas relações objetais leva a uma suspensão do desenvolvimento da personalidade, em todos os setores, o que destaca o papel fundamental das relações objetais no desenvolvimento da criança.

Bowlby (1976) também apresenta em sua obra, diversos estudos que provam que a privação do amor materno na infância pode ter efeitos duradouros sobre a saúde mental e desenvolvimento da personalidade dos seres humanos. Tais estudos demonstraram que o desenvolvimento infantil poder ser afetado física, intelectual, emocional e socialmente, e quanto mais longa a privação, mais acentuada a queda do desenvolvimento da criança.

Spitz (2000), considera que as relações objetais perturbadas no primeiro ano de vida têm consequências que podem colocar em risco a própria sociedade, pois as vítimas de tais relações são mutiladas emocionalmente e apresentarão deficiências na capacidade de se relacionar, com pouca capacidade para formas mais complexas de intercâmbio pessoal e dificuldades em adaptar-se à sociedade. Segundo este autor, a indigência dessas crianças será traduzida na aridez das relações sociais na adolescência, uma vez privados do alimento afetivo, seu único recurso será a violência.

Bowlby (1976, p.27) apresenta algumas características acerca da inserção dessas crianças em instituições ou em famílias substitutas, considerando que “os cuidados substitutos, embora não totalmente adequados, são indispensáveis e sempre deveriam ser proporcionados”. Vários estudos realizados em diferentes locais e períodos distintos apresentados pelo autor descrevem, com unanimidade, as características típicas entre crianças que sofreram privação:

- relacionamento superficial;
- nenhum sentimento verdadeiro – nenhuma capacidade de se interessar pelas pessoas e fazer amizades;
- inacessibilidade exasperante para que os outros possam ajudá-lo;
- nenhuma reação emocional em situações em que isto seria normal – estranha falta de preocupação;
- falsidades evasivas – frequentemente sem motivos;
- furtos;
- falta de concentração na escola.

Todos esses comportamentos, segundo os estudos apresentados, parecem ser características normais nas crianças que sofreram privação, contudo, o mesmo autor faz uma advertência sobre as crianças que reagem com apatia ou com uma atitude indiscriminadamente calorosa e amigável:

Com frequência essas crianças são quietas, obedientes, fáceis de lidar, comportadas e ordeiras, além de fisicamente saudáveis. Enquanto permanecem na instituição não existe motivo aparente para preocupação, contudo, quando vão embora, elas estão despedaçadas e torna-se evidente que seu ajustamento tinha uma característica superficial (BOWLBY, 1976, p. 29).

Ao encontro do que foi apresentado acerca das considerações de Spitz (2000) e Bowlby (1976), Winnicott (2002) afirma que há uma considerável concordância entre diferentes autores sobre o que se pode esperar quando há uma separação do bebê ou criança pequena de sua mãe ou figura parental durante um período excessivamente longo, e também aponta uma relação entre a privação e a tendência antissocial.

Winnicott (2002) corrobora com Bowlby (1976) acerca da importância dos cuidados maternos, e considera que a criação impessoal de crianças pequenas tende a produzir personalidades insatisfatórias e até caracteres antissociais. O autor enfatiza que quando existir um bom relacionamento entre a criança em desenvolvimento e os pais, a continuidade destas relações deve ser respeitada e jamais interrompida sem uma justa causa. Se estes princípios forem respeitados, poderá levar à redução de tendências antissociais e do sofrimento que está por trás delas; tal resultado poderia ser entendido como uma grande realização da medicina preventiva, ainda que não fossem levados em conta os aspectos profundos do desenvolvimento emocional, como riqueza de personalidade, vigor de caráter e capacidade de auto-expressão plena, livre e madura.

A respeito de crianças que tiveram de ser institucionalizadas, quer pela inexistência de um lar, quer porque os pais não conseguiram estabelecer uma base para o desenvolvimento saudável de seus filhos, Winnicott (2002) avaliou que essas crianças apresentavam características e necessidades semelhantes às das crianças consideradas “mais difíceis” alojadas durante a guerra. Tais crianças necessitam de estabilidade ambiental, cuidados individuais e continuidade desses cuidados.

Para assegurar a possibilidade de proporcionar tais cuidados, a instituição (ou alojamento, termo usado pelo autor) deve contar com um quadro adequado de profissionais que possam conter a tensão emocional dessas crianças, quando o próprio lar não foi capaz de conter tal tensão. Winnicott (2002) enfatiza que um trabalho bem desenvolvido com essas crianças torna-se profilático na prevenção da delinquência, impedindo que muitas dessas crianças cheguem aos tribunais e contribuindo para a formação de cidadãos ao invés de delinquentes.

Strecht (1997) corrobora com a proposta apresentada por Winnicott (2002) e salienta que o trabalho das instituições à volta das questões da separação, perda e sentimento de pertença são fundamentais no sentido de ajudar a criança a crescer e se desenvolver tornando-se jovens e adultos saudáveis. A angústia de perda provocada pela separação é forte e a necessidade de reparação dos pais pode obrigar a um processo de luto mais difícil que nas situações em que existe na realidade a ausência de um dos progenitores.

Quanto às outras adaptações necessárias a essas crianças, o autor recorda a dificuldade ou ameaça de perda de identidade que estas mudanças podem implicar. Tais crianças tendem a lutar frequentemente contra a solidão, apatia ou indiferença pela sua

peessoa. É comum que, na instituição, a criança escolha um adulto que será para ela afetivamente significativo e de quem espera receber atenção particular.

Este adulto escolhido terá um efeito reparador no eu da criança se, de modo contínuo, ele lhe der também um espaço para a poder ouvir dizer o que sente e o que pensa. Será o início de uma reconstrução de confiança no mundo exterior, que é o espelho de uma segurança interior. (STRECHT, 1997, p. 89)

Ainda em relação aos cuidados substitutos, Bowlby (1976) salienta que as instituições devem incentivar os pais verdadeiros a fazerem visitas, promovendo a relação entre as crianças e os pais. Destaca também a importância de que as pessoas que fazem o papel de mães substitutas nestes lares recebam treinamento adequado e que o trabalho por elas realizado seja considerado em termos profissionais. Além disso, é importante que o trabalho seja acompanhado por outros profissionais, como assistentes sociais e psiquiatras e estes, por sua vez, também devem receber treinamento adequado para este tipo de trabalho.

Strecht (1997) por sua vez, ressalta que o deslocamento da criança para fora de sua família deve envolver um profundo trabalho com a instituição. Muitas vezes o verdadeiro apoio à família e à criança poderá começar aí, num contexto mais tranquilo e reorganizado. Na instituição a criança procurará por afeto, contenção física e emocional, e autoridade protetora. Aos poucos, adquirirá novas relações às quais poderá atribuir significados saudáveis e construtivos.

1.4 Considerações sobre a institucionalização

Ao introduzir sua pesquisa realizada com crianças maltratadas, Canha (2003) recorda que o conhecimento das necessidades básicas da criança, seu reconhecimento como ser autônomo e interativo desde o seu nascimento e a importância do ambiente e da vinculação mãe – filho no seu crescimento e desenvolvimento são aquisições recentes da nossa história. Foi em meados do século XX que a criança passou a ser vista como um ser social e parte preciosa da sociedade, e o papel da família e do ambiente no desenvolvimento da criança passaram a ser reconhecidos e valorizados, tornando-se indiscutíveis.

Estes novos conceitos permitiram valorizar a importância da estimulação e proteção da criança, introduzindo novas práticas nas famílias e novas medidas de proteção estatais quando a família não corresponde a esses cuidados. Em 1989, a Organização das Nações Unidas - ONU aprovou a Convenção dos Direitos da Criança que defende genericamente a criança, devido a sua vulnerabilidade e necessidade de cuidados e atenção especial, com especial ênfase aos cuidados primários e às responsabilidades da família em sua proteção. A par disto, a maioria dos países ocidentais passou a elaborar legislações com o objetivo de proteger a infância e a família (CANHA, 2003).

Em Portugal, por exemplo, a proteção à criança começou a ter atenção especial a partir da década de oitenta, com a ratificação da Convenção dos Direitos da Criança, em sintonia com a deliberação da Assembleia Geral das Nações Unidas, e a criação das Comissões de Proteção de Menores em 1991, direcionadas a proteção da criança e das famílias (CANHA, 2003). Também na Espanha, esta Convenção foi ratificada em 1990, proibindo explicitamente qualquer tipo de violência física aos menores e os protegendo de toda forma de abuso e exploração (CERDÁ, 2003; AMORÓS; PALÁCIOS, 2004).

No Brasil, em 1979, foi publicada uma Lei Federal, denominada “Código de Menores”, que tinha por objetivo dar proteção aos menores considerados em “situação irregular”, ou seja, jovens em condições de privação material submetidos a condições de perigo ou abandono, infrator ou deficientes. Com o passar dos anos, segundo Vagostello (2007), o termo “menor” passou a ser associado à pobreza e delinquência infantil e foi abolido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA em 1990.

Dentre as medidas de proteção direcionadas à criança, tanto no Brasil, Portugal ou Espanha e outros países, está o abrigo, ou acolhimento como preferem alguns autores. Amorós e Palácios (2004) apresentam que o acolhimento não é uma prática nova, e têm existido ao longo dos séculos, como práticas sociais informais. No entanto, a partir da segunda metade do século XX, tal prática passou a fazer parte de um corpo legislativo,

como resposta social ao problema originado de circunstâncias familiares especiais que exigem a intervenção do poder público para garantir ao máximo o direito ao bem estar e a proteção às pessoas mais indefesas.

Canha (2003) aponta que, no século XVIII foi criada a “Roda” geralmente à entrada de igrejas, casas de misericórdia ou outras instituições onde eram *expostas* as crianças abandonadas. Posteriormente, a Igreja Católica tentou ajudar as crianças abandonadas criando asilos para acolhê-las. De acordo com esta autora, o primeiro registro de asilo para menores é datado de 787 em Milão, seguido de Florença, em 1421 e em Paris, 1638, entre outros, em várias cidades europeias. Inicialmente, estas instituições apresentavam problemas como superlotação, falta de higiene, prevalência de doenças infecto-contagiosas e falta de preparo do pessoal para cuidar dessas crianças. Acompanhando a evolução científica e social, os conceitos de tratamento e atenção dispensados à criança foram melhorando com o tempo, criando-se condições mais favoráveis ao crescimento e desenvolvimento das mesmas.

No Brasil, em um estudo realizado com crianças e adolescentes abrigados, Nogueira (2006) faz um resgate da história do abrigo no país, lembrando que, herdando a tradição portuguesa, a prática de abrigar os menores teve início com as Santas Casas de Misericórdia, onde as crianças eram colocadas nas rodas que tinham a função de recolher alimentos, remédios e oferendas dos penitentes. As mães que não podiam criar seus filhos colocavam-nos nessas rodas com a esperança de que seriam recolhidos pelas irmãs de caridade, livrando-os da situação de miséria ou de escravidão. Os motivos do abrigo estavam então relacionados à miséria, morte ou abandono dos pais, ilegitimidade e orfandade pela dissolução da família. Este hábito motivou a criação da roda dos expostos, especialmente criada para receber estas crianças abandonadas. Assim, alguns autores consideram que a criação da Roda dos Expostos instituiu e incentivou o abandono.

De acordo com Vagostello (2007), o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA introduziu uma nova concepção de proteção à criança e ao adolescente, respeitando suas condições peculiares de desenvolvimento. As crianças e adolescentes, então, passaram a ser concebidas como sujeitos de direitos fundamentais que devem ser protegidos pelo Estado, pela família e pela sociedade. A partir desta perspectiva, todas as intervenções de natureza protetora ou sócio-educativa direcionadas à criança e adolescente privilegiam a manutenção dos vínculos com o seu grupo familiar e com a comunidade na qual estão inseridos, buscando realizar uma intervenção que integre o seu desenvolvimento e inserção em seu grupo social.

Assim, a legislação brasileira vigente reconhece e preconiza a família enquanto estrutura vital e lugar essencial para a humanização e socialização da criança e do adolescente, espaço ideal e privilegiado para o desenvolvimento integral dos indivíduos. Por

este motivo, apesar das medidas de proteção do Estado, a legislação prioriza o resgate dos vínculos originais e, na impossibilidade, busca propiciar as políticas necessárias para a formação de novos vínculos que garantam o direito à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2006).

A política de atendimento aos direitos da criança e do adolescente se dá por meio de um conjunto de ações governamentais e não governamentais, da União, dos Estados e Municípios, e dentro dessas linhas de ação estão os serviços especiais de prevenção e atendimento médico e psicossocial às vítimas de negligência, maus tratos, exploração, abuso, crueldade e opressão (BRASIL, 1990, art. 87).

O Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (BRASIL, 2006) apresenta dados de um levantamento realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente - IPEA/CONANDA em 2003, sobre a situação das crianças que viviam em abrigos. Na ocasião, foram estudados 589 abrigos, que acolhiam, no momento, 19.373 crianças e adolescentes. Tais dados apontam o perfil das crianças que viviam em abrigos naquele período, que eram, na maioria, meninos (58,5%), afrodescendentes (63%), com idade entre 7 e 15 anos (61,3%). A grande maioria dessas crianças tinha família (86,7%), sendo que 58,2% mantinham vínculo com os seus familiares, apenas 5,8% estavam impedidos judicialmente do contato com eles e somente 5% eram órfãos.

De acordo com o ECA (BRASIL, 1990, art. 23), a carência de recursos materiais não constitui motivo para a perda ou suspensão do pátrio poder. Porém, esse mesmo levantamento realizado pelo IPEA/CONANDA identificou que a pobreza ou falta de recursos está entre uma das principais causas de abrigamento dessas crianças, sendo os principais motivos: pobreza da família (24,2%), abandono (18,9%), violência doméstica (11,7%), dependência química dos pais ou responsáveis, inclusive alcoolismo (11,4%), vivência de rua (7,0%) e a orfandade (5,2%). Um novo “Levantamento Nacional de Crianças e Adolescentes em Serviços de Acolhimento”, está sendo promovido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, em parceria com a Fundação Osvaldo Cruz - Fiocruz, com o objetivo de identificar e caracterizar a rede de serviços de acolhimento existentes no país (abrigos e programas de famílias acolhedoras) bem como as crianças e adolescentes neles atendidos. A primeira etapa do Levantamento, realizada no primeiro semestre de 2009, consistiu em contabilizar e localizar os serviços de acolhimento existentes no país (abrigos e programas de família acolhedora), e com a colaboração das Secretarias Municipais e Estaduais de Assistência Social, o MDS identificou aproximadamente 2.800 abrigos governamentais e não-governamentais, nos quais se estima que haja mais de 50.000 crianças e adolescentes acolhidos. Todas as instituições

serão visitadas para que se possa identificar e caracterizar tanto os abrigos, como as crianças e adolescentes neles atendidos (BRASIL, 2010).

Fávero, Vitale e Baptista (2008) realizaram um estudo com as famílias de crianças e adolescentes abrigados, a fim de identificar e conhecer melhor o perfil dessas famílias. Os resultados revelaram que as famílias dessas crianças e adolescentes viviam sob as mais diversas condições de vulnerabilidade, em meio a episódios de violência doméstica, gravidez na adolescência, abuso sexual, grande número de filhos, geralmente frutos de vários relacionamentos com diferentes parceiros íntimos. Trata-se de famílias em situação socioeconômica precárias, geralmente chefiadas por mulheres, as quais assumem o papel de provedoras e cuidadoras; muitas destas relataram haver sofrido repetidos episódios de agressão por parte dos parceiros. Os pais, quando presentes, tendem a não participar dos cuidados e proteção dessas crianças.

Os membros dessas famílias são oriundos dos estratos mais pobres da sociedade, com pouco ou nenhum estudo, e conseqüentemente, com pouca possibilidade de trabalho com salário adequado. Soma-se a isto a ocorrência de quadros de transtorno mental (em geral, psicóticos, esquizofrênicos, pessoas com transtorno bipolar ou dependentes químicos) que enquadram esses sujeitos num processo de empobrecimento ocasionado pela saída do mercado de trabalho, além de outras implicações geradoras de grande sofrimento psíquico e dificuldades para o cuidado e inserção na rede social.

Tal pesquisa demonstrou que a garantia do direito familiar e comunitário, privilegiadamente, na família, ainda é um desafio a ser enfrentado. Do conjunto de informações obtidas no que se refere aos motivos de abrigamento, um número significativo de respostas apontaram para negligência familiar. Os pais, mesmo quando juntos, mas sem trabalho e sem renda suficiente para contemplar suas necessidades básicas, e sem a devida proteção social do Estado, não conseguem assegurar condições para permanência dos filhos consigo, abrindo-se assim espaço para o acolhimento institucional (FÁVERO; VITALE; BAPTISTA, 2008).

Os estudos de Janczura (2008) sobre as contradições entre abrigos e políticas públicas corroboram com esses dados revelando que as famílias das crianças e dos adolescentes abrigados são procedentes das camadas sociais mais pobres da sociedade e, que a questão econômica afeta, primordialmente, suas relações familiares.

Tal autora considera que a falta de oportunidades nos aspectos sociais, econômicos ou culturais tem sido geradora de conflitos afetivos, levando a uma maior incidência de tensões importantes na vida dessas famílias e contribuindo para a produção de situações de violência, abandono, negligência, entre outros fatores. Tais situações exigem a interferência imediata do Estado para proteger as crianças e adolescentes dessas ameaças, violências e/ou omissões e garantir os cuidados necessários ao seu desenvolvimento, até o retorno ou

não ao grupo familiar. Assim, o abrigo acaba servindo de solução para os problemas de ausência ou insuficiência das políticas sociais públicas que deveriam ser dirigidas a essas famílias (JANCZURA, 2008).

Yunes, Arrieche, Tavares e Faria (2001) realizaram um estudo com crianças abrigadas que haviam fugido de casa, e também apontaram a miséria urbana, com suas consequências sociais, como um dos principais motivos que levam as crianças ao abandono do seu lar, além de abandono dos pais, abuso, violência ou negligência das famílias. As crianças institucionalizadas que participaram desse estudo revelaram ter famílias cuja dinâmica familiar gira em torno da liderança da mãe, ou seja, são famílias monoparentais, em que o pai é ausente por inúmeras razões. Quando o pai está presente, a participação dos mesmos nesses grupos familiares é percebida como superficial, esporádica, de pouca proximidade afetiva.

As autoras consideram que estas crianças parecem ser o resultado de um longo processo de enfraquecimento de laços afetivos com figuras familiares mais próximas, agravados muitas vezes pela não disponibilidade de outros sistemas que influenciam na comunidade. Tal afirmação confirma as ideias de Janczura (2008) e Fávero *et al.* (2008) acima apresentadas, sobre a carência ou insuficiência das políticas públicas sociais voltadas para as famílias em situação de pobreza e vulnerabilidade. As consideradas “redes sociais de apoio” são muito importantes para o trabalho de inclusão social da criança e garantia do direito à convivência familiar e comunitária, pois os vínculos afetivos e simbólicos podem ser reconhecidos, mobilizados e orientados no sentido de prover o apoio às famílias sob essas condições.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) preconiza que as entidades de atendimento que desenvolvem programas de abrigo deverão adotar os seguintes princípios: preservação dos vínculos familiares; integração em família substituta, quando esgotados os recursos de manutenção na família de origem; atendimento personalizado e em pequenos grupos; desenvolvimento de atividades em regime de co-educação; não desmembramento dos grupos de irmãos; evitar, sempre que possível, a transferência para outras entidades de crianças e adolescentes abrigados; participação na vida da comunidade local; preparação de pessoas da comunidade no processo educativo.

No entanto, Fávero *et al.* (2008) em sua pesquisa, concluíram que a luta pela manutenção do vínculo com os filhos e o trabalho com as famílias para retorno de suas crianças não era percebida, nem por parte do abrigo nem por parte do judiciário, o que contribuía para prolongar ainda mais o tempo de permanência das crianças nesses abrigos. Tal pesquisa sinalizou a deficiência de um trabalho das instituições que atendiam a estas famílias (abrigos, executivo, judiciário) no sentido da superação das determinantes que levaram ao abrigamento e a ausência de parcerias entre abrigo e os poderes executivo e

judiciário no que se refere às estratégias a serem desenvolvidas para minimizar as sequelas do abandono social vivenciado por todo o grupo familiar. Por outro lado, as famílias entrevistadas consideraram o abrigo como um bom lugar para suas crianças e importante para a educação de seus filhos.

Siqueira e Dell'aglio (2006) realizaram um estudo com o objetivo de discutir a influência das instituições no desenvolvimento da criança e do adolescente, a partir da revisão da literatura, e concluíram que a opinião dos autores nas discussões sobre a qualidade do atendimento e os prejuízos ao desenvolvimento proporcionados pela institucionalização não convergem. Enquanto alguns estudos apontam que a vivência institucional acarreta em prejuízos ao desenvolvimento infantil, outros defendem que as instituições podem ser uma alternativa positiva quando o ambiente familiar é desorganizado e caótico, e em muitos casos, as oportunidades oferecidas pelas instituições acabam resultando como melhor alternativa quando a situação familiar oferece condições ainda mais adversas.

Entre os prejuízos que a institucionalização pode operar no indivíduo foram apresentados o atendimento padronizado, o número insuficiente de cuidadores para um grande número de crianças, a fragilidade das redes de apoio social e afetivo, a falta de atividades planejadas, o predomínio da função assistencialista e o pouco compromisso com as questões do desenvolvimento da criança. As autoras apontam, ainda, a necessidade de ações direcionadas às equipes das instituições, como melhores condições de trabalho, diminuição da rotatividade, e que estes possam entender a instituição como parte do apoio social e afetivo que pode oferecer um ambiente saudável para a criança e o adolescente. Os educadores devem ser percebidos como adultos que terão a função de proteger e orientar, e para tanto precisam ser orientados em suas ações cotidianas de modo a compreender o impacto que seus gesto poderão ter sobre a vida dessas crianças (SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2006).

Nogueira (2005) corrobora com esta afirmação, concluindo que falta aos educadores e mães sociais, a formação e orientação direta de suas atividades, e ainda que estas estejam há bastante tempo na instituição, sua atuação é marcada por rápidos contatos, desconsiderando as manifestações e demandas individuais das crianças, mantendo-se numa posição defensiva em relação à criança e contribuindo para a perpetuação de "pequenas violências" e para a reprodução da carência e da falta de qualidade das relações afetivas. Segundo esta autora, o exercício da função de cuidar das crianças não tem uma perspectiva profissional porque a mãe social não recebe treinamento e qualificação para tal.

Amorós e Palácios (2004) argumentam que não são poucas as investigações acerca dos problemas que as crianças e jovens adotados apresentam, vários anos depois de terem deixado a instituição em que viviam. Os autores citam, como exemplo, um estudo espanhol

comparativo entre crianças institucionalizadas, crianças adotadas e crianças que viviam com suas famílias biológicas. No caso das crianças institucionalizadas que participaram da investigação, estas se encontravam sob cuidados de profissionais experientes e especializados com o trabalho, que levavam uma vida normal, frequentando escolas no entorno da casa em que viviam, com bom relacionamento entre os companheiros e que participavam de atividades extra-escolares. Apesar destas circunstâncias, tão distantes das antigas instituições, o seu bem-estar pessoal e desenvolvimento psicológico estavam longe de ser satisfatórios, apresentando um complexo quadro de problemas que contrasta com o perfil dos grupos com que foram comparados. Para estes autores, o problema das instituições está em que, dificilmente estas podem oferecer aos que lá estão, um tipo de relação emocional estreita e fortemente personalizada que são característicos do contexto familiar.

Por outro lado, Siqueira e Dell'Aglio (2006) sinalizam uma melhoria na qualidade da assistência oferecida pelos abrigos, considerando os fatores protetores e de risco existentes na instituição; as autoras atribuem esta melhoria como estando diretamente relacionada à implementação do ECA no Brasil, e concluem que a visão dos abrigos como lugares exclusivamente prejudiciais, insalubres e precários está perdendo força.

Pinhel, Torres e Maia (2009) entendem como fundamental que as instituições possam reunir condições para reparar os sentimentos de abandono e rejeição, contribuindo para que essas crianças possam ter acesso a boas experiências relacionais. Nesse sentido, as figuras cuidadoras assumem importância vital na construção de relações empáticas, acessíveis, nas quais possam encontrar apoio, conforto e proteção, imprescindíveis a um desenvolvimento saudável.

Mota e Matos (2010) apontam que a possibilidade dos jovens construírem relações estáveis e satisfatórias com os educadores e outros adultos, dentro da própria instituição, pode fomentar o ser aceito, reforçando o sentimento de pertença e desenvolvendo um processo resiliente. Os autores destacam a importância da sensibilidade e disponibilidade destes adultos, sejam eles professores, funcionários ou amigos podendo resultar numa importante fonte de organização interna dos afetos. Cuidar e educar com compromisso e responsabilidade social implica na capacidade de manifestar atitudes de empatia, reconhecer as necessidades do outro, expressar sentimentos de solidariedade, bem como impor regras e limites que reestruturam emocionalmente os jovens e crianças.

Do mesmo modo, Mascarenhas e Dupas (2001) entendem que as instituições que se destinam a abrigar crianças, necessitam desenvolver estratégias de ação que possibilitem a reintegração da criança à família, servindo como ponte para o restabelecimento dos vínculos que, por motivos diversos, em algum momento se perderam. Os objetivos da institucionalização devem ser repensados a fim que sejam acrescidos à sua função, a de

promover o restabelecimento do contato com as famílias no sentido de que esta assuma o seu papel de primeira gestora do cuidado de seus membros.

Um documento elaborado pelo Instituto de Segurança Social em Portugal (IP, 2009) apresenta alguns modelos de intervenção com famílias de crianças e jovens institucionalizados. De acordo com este documento, o trabalho com a família é fundamental, em qualquer modelo institucional, e uma intervenção apropriada deve passar pela família. A família deve ser envolvida, principalmente aquelas que mantêm vínculos afetivos com as crianças, não só para minimizar as privações inerentes ao processo de institucionalização, como no sentido de restabelecer um equilíbrio emocional das crianças e a retoma das funções parentais, quando possível.

Sobre os aspectos psicodinâmicos das crianças institucionalizadas, Nogueira (2006) realizou um estudo através de pesquisa clínica qualitativa com três crianças abrigadas, cujos resultados revelaram dificuldades da criança no que diz respeito à internalização do conceito de família, que é vista como um ambiente confuso, sem possibilidade de dar afeto e possibilitar crescimento, gerando dificuldades no processo de identificação e formação da identidade. As crianças estudadas demonstraram desejo de receber cuidados e formar nova família, e apresentaram dificuldades no processo de identificação pela falta de modelos, denotando pouca expressão de afeto, rompimento ou débeis vínculos e o progressivo distanciamento das imagens paternas idealizadas.

A autora destaca o papel do abrigo como importante suporte, ainda que temporário, para o crescimento e integração do ego, e considera que se houver o acolhimento das ansiedades relativas à separação, o ambiente abrigador poderá exercer um papel favorável sobre a vida dessas crianças, permitindo que as mesmas possam desenvolver a capacidade de sonhar e se expressar. Assim, o abrigo pode se constituir em um rico espaço de afeto, solidariedade e proteção, onde as crianças possam viver experiências satisfatórias e produtivas, na falta da família original (NOGUEIRA, 2006).

1.5 Considerações sobre as técnicas de investigação clínica e o desenho da família

De acordo com Ancona-Lopes (1984), a palavra diagnóstico deriva do grego, *diagnōstikós*, e significa discernimento, faculdade de conhecer através de, se dá sempre que explicitamos nossa compreensão sobre um fenômeno. Num sentido mais restrito, refere-se à possibilidade de conhecimento que vai além do que o senso comum pode oferecer, à possibilidade de significar a realidade que faz uso de conceitos, noções e teorias científicas.

Essa autora considera que a psicanálise, apesar das diferenças entre as diversas correntes psicanalíticas, acentua o estudo da personalidade através de observações e técnicas projetivas e por isso desenvolveu instrumentos diagnósticos sutis que permitem verificar o que se passa com o indivíduo por trás de seu comportamento aparente.

Segundo Van Kolck (1984) o grafismo, de maneira geral, pode ser usado como forma de comunicação, principalmente entre as crianças para as quais se constitui em atividade tão essencial quanto o jogo ou o brinquedo. Para essa autora, adaptação, expressão e projeção estão sempre presentes no ato de desenhar.

No que diz respeito à adaptação, o desenho será avaliado quanto à adequação a tarefa proposta, assim como correspondência ao grupo de idade e sexo; sob o ângulo expressivo será analisado o estilo peculiar da resposta do sujeito que se revela através das qualidades gráficas no que diz respeito à forma; e no projetivo será verificada a atribuição de qualidades às situações e objetos, que denotam no conteúdo e na maneira de tratar o tema.

Trinca (1984) propõe o processo diagnóstico do tipo compreensivo, o qual tem sua origem no termo *compraehendere*, que em latim significa abraçar, tomar e aprender o conjunto. Esse tipo de processo decorre da necessidade de abrangência e que abarque uma multiplicidade de fatores em jogo. Designa uma série de situações que inclui, entre outros aspectos, “o de encontrar um sentido para o conjunto das informações disponíveis, tomar aquilo que é relevante e significativo na personalidade, entrar empaticamente em contato emocional e, também, conhecer os motivos profundos da vida emocional de alguém” (p.15).

Este tipo de processo considera a necessidade do emprego de referenciais múltiplos, a fim de evitar a unilateralidade que se encontra nos demais processos, é o ponto de confluência de uma visão totalizadora do ser humano. É um processo abrangente das dinâmicas intrapsíquicas, intrafamiliares e sócio-culturais, como força e conjuntos de forças em interação, que resultam em desajustamentos individuais. O diagnóstico do tipo compreensivo tem o objetivo de elucidar o significado das perturbações, apreender quais os

pontos de angústia e as fantasias inconscientes que provocam o desajustamento na personalidade e aqueles que são fontes de desenvolvimento para o indivíduo (TRINCA, 1984).

Anzieu (1979, p.18) afirma que os testes projetivos provaram ser os mais valiosos instrumentos do método clínico em psicologia e uma das mais fecundas aplicações práticas das concepções teóricas da psicologia dinâmica. “Os testes projetivos favorecem a descarga sobre o material apresentado ao sujeito de tudo aquilo que este recusa a ser, que vivencia em si mesmo, como mau, ou como pontos vulneráveis”.

De acordo com Safra (1984), os testes psicológicos são fontes de obtenção de informações e também servem como instrumentos parciais do processo psicodiagnóstico para a construção de uma visão mais integrada do paciente. Na prática clínica a escolha é norteadada pela experiência do profissional combinado com os instrumentos disponíveis, devendo sempre se considerar a riqueza da comunicação. Para que um cliente possa expressar uma comunicação verbal direta de suas dificuldades é necessário que haja capacidade de representar simbolicamente essas dificuldades. É a entrevista verbal que permite observar os fatos, diferenciando dos produtos imaginários. A linguagem é um processo de comunicação e também de expressão das angústias, instrumento fundamental do pensamento.

Em crianças e adolescentes, os recursos são ainda insuficientes para a representação simbólica e verbal, por isso, se desenvolvem técnicas indiretas de comunicação. No entanto, a possibilidade da criança utilizar desse instrumento na entrevista depende do processo de maturação que permite a linguagem como elemento estruturador do mundo e do psicodinamismo da criança (SAFRA, 1984).

Corman (1979) faz menção ao que M. Porot afirma acerca dos testes projetivos:

reconhece-se que um teste projetivo é bom, se permite obter de um sujeito uma projeção de sua personalidade global, consciente e inconsciente, sobre um material que seja, ao mesmo tempo, bem pouco estruturado, para não restringir em nada esta projeção, mas que o seja suficientemente, para permitir, em consequência, a análise dessa personalidade por comparação com os resultados experimentais fornecidos por outros sujeitos. O desenho de família responde exatamente a essas exigências bastante contraditórias (POROT, 1952 *apud* CORMAN, 1979, p. 17).

É com base nesta crença que os autores que idealizaram os primeiros testes de Desenho da Família se apóiam. Segundo Corman (1979), os conflitos de ordem intelectual ou afetiva estão sempre relacionados com os conflitos edípicos ou de rivalidade fraterna, e as causas mais profundas desses conflitos, muitas vezes, são inconscientes, desconhecidas

pelos pais e pela própria criança, devido às censuras educativas que interditam parte da personalidade e impõem restrições aos pensamentos e sentimentos mais verdadeiros.

Esses conflitos e as motivações mais profundas das perturbações da criança não podem ser alcançados a partir de interrogatórios, ao contrário, é necessário que a criança possa se expressar livremente, e o desenho é precisamente um meio de expressão livre. O desenho da família, particularmente, “permite à criança projetar as tendências recalcadas em seu inconsciente e assim revelar os verdadeiros sentimentos que nutre pelos seus”. A maneira como a criança se situa no meio dos seus é grandemente influenciada pelo seu estado afetivo, pelos seus sentimentos, desejos, temores, suas atrações e repulsas (CORMAN, 1979, p.8). A esse respeito, o autor faz ainda a seguinte observação:

Observa-se que a personagem desenhada em primeiro lugar é, quase sempre, a mais importante aos olhos da criança. Indica os sinais de valorização e de depreciação. Enfim, convida-nos a observar o lugar no qual se coloca o sujeito (a criança) no grupo familiar, lugar que é significativo pela maneira que considera a si mesmo (CORMAN, 1979, p. 17).

Freitas e Cunha (2000), ao tratarem sobre o desenho da família, consideram-no especialmente útil para explorar os aspectos psicodinâmicos, principalmente para revelar precocemente conflitos da criança, a percepção que ela tem de sua família e sentimentos e atitudes em relação a seus membros. Os autores lembram que há omissão do próprio sujeito na representação da família, quando ele não se sente incluído, não participa, não recebe afeto ou se há um problema de rejeição.

Hammer (1991) considera valioso o desenho da família se o psicólogo está interessado na percepção que o paciente tem de si mesmo na família e/ ou na percepção de sua relação com as figuras parentais e dos irmãos.

O Desenho da Família com Estórias é uma derivação do procedimento do Desenho com Estórias (D-E), o qual emprega os desenhos livres associados a estórias, sendo um método intermediário entre as entrevistas não estruturadas e os instrumentos projetivos gráficos e temáticos. É considerado um procedimento de fácil aplicação e permite ser utilizado em condições onde não haja muitos recursos técnicos à disposição do psicólogo (TRINCA; TARDIVO, 2000).

Trinca (1997) salienta que quando o sujeito realiza determinadas sequências, em repetição de provas gráficas ou temáticas, ocorre um fator de ativação dos mecanismos e dinamismos da personalidade, alcançando-se maior profundidade e clareza, “espera-se que o DF-E facilite a comunicação de conflitos profundos vividos no meio familiar, de fantasias

inconscientes a respeito das figuras significativas e do jogo de forças emocionais existentes no seio da família” (p. 27).

Lima (1997) considera que o Desenho da Família com Estórias (DF-E) configura-se como a forma mais atualizada de desenho da família, oferecendo amplas possibilidades de penetração no mundo psíquico, com ênfase nos objetos internalizados e na maneira pela qual estes se formam nas relações com o ambiente familiar. A autora acredita que, se a formação básica do psiquismo se dá no seio da família, faz-se importante um instrumento que permita acesso aos objetos internalizados, os quais são determinantes na constituição da personalidade como um todo.

Ainda, Lima (1997) acrescenta o modo pelo qual o examinado conceitua a família, o valor atribuído a esta no contexto de vida, a vivência das funções parentais, o grau de maturidade em relação às figuras parentais, as expectativas sobre cada membro do grupo familiar, o grau de contato do examinado em relação a si mesmo e aos membros da família, a relação entre os sintomas e a dinâmica familiar, etc.

Trinca (1997) considera ser esta uma técnica eficaz para apreensão dos conflitos significativos que ocorrem em determinados momentos na vida da pessoa. Recomenda sua aplicação em casos que o profissional intua que as perturbações emocionais se devem predominantemente a conflitos e fatores familiares presentes no mundo interno e/ou externo do examinado. Essas perturbações podem ser mais facilmente apreendidas nos casos de adoção, separação dos pais, institucionalização, etc.

Em estudos psicológicos, o DF-E auxilia na liberação associativa gráfico-verbal de crianças e adolescentes, por ser uma forma adaptável às necessidades específicas de comunicação para esta faixa etária e não chegam a interferir nas associações livres do examinado, sendo mínimas a direção e estruturação dadas (LIMA, 1997).

Assim, é baseado nessas contribuições, bem como na valorização e eficácia desse instrumental psicológico é que o presente estudo se assenta enquanto investigação de aspectos da percepção de família para crianças abrigadas.

1.6 Objetivos

Compreende-se que diversos problemas que a Psicologia e a Medicina se propõem a tratar na atualidade, têm sua origem nas dificuldades de adaptação da criança a seu ambiente familiar. A primeira etapa da vida de uma criança é vivida no seio de sua família, onde esta vivencia suas primeiras experiências e descobertas. No entanto, muitas crianças são privadas dessas primeiras experiências no seio da família, e por diferentes motivos, são levadas à institucionalização.

Assim, ante ao exposto, que toma por base que a família tem passado por diversas mudanças, seja em sua estrutura ou em sua função social, mas que a trama básica – Laio, Jocasta e Édipo se mantêm a mesma, ou seja, interação num *continuum* indefinido, de modo que é nessa trama em que se desenvolvem e se estabelecem a base de todos os padrões de relações do indivíduo. E é à base dos conceitos apresentados e na revisão da literatura que este estudo tem por **objetivos**:

- 1) Investigar a percepção de família em crianças abrigadas;
- 2) Identificar os principais conflitos e idealizações no que se refere a introjeção das figuras parentais.

2. MÉTODO

Esse estudo trata-se de uma investigação clínica, baseada e fundamentada na teoria psicanalítica e se utilizou de recursos projetivos e de entrevistas não diretivas, para uma melhor aproximação do fenômeno a ser investigado.

Bleger (1973) dá destaque à posição que o psicólogo clínico deve ocupar nas questões que envolvem a psiquiatria e a saúde pública, ampliando sua atuação para além do consultório, encarando os aspectos psicológicos da saúde e da doença como fenômenos sociais e coletivos e adquirindo uma dimensão social da profissão do psicólogo. Com isso, o psicólogo, tomando consciência do lugar que ocupa dentro da saúde pública e da sociedade, com especial interesse na saúde da comunidade, deve ter como foco de sua atuação o desenvolvimento pleno dos indivíduos e da comunidade total e a atenção à vida cotidiana dos seres humanos.

Com base nisso, o método que orientou esta investigação foi o clínico. Sobre tal método, Vizzotto (2003) explica que, grosso modo, a palavra clínica significa curvar-se sobre o leito e, de início, observar e descrever, sendo a observação fundamental para dela originar problemas; de modo que também nascerão problematizações e hipóteses. Ainda em relação a tal método, Bleger (1973) propõe que a indagação e ação são inseparáveis e que ambos se enriquecem reciprocamente; a investigação já é uma atuação sobre o objeto que se indaga.

Dentro do método clínico de base psicanalítica estão presentes o rigor da subjetividade e a atitude clínica, privilegiando a intersubjetividade, ou o campo das relações emocionais. Assim, não se deve perder de vista o dinamismo presente no método e o rigor da observação que se impõe, com conseqüente atitude clínica implicados no processo de investigação (VIZZOTTO, 2003).

Contudo, a objetividade dentro do método clínico só pode ser alcançada quando se incorpora o observador como uma das variáveis do campo observacional (BLEGER, 1973). Vizzotto (2003) salienta que o observador está presente nesse processo, numa espécie de experiência compartilhada, na qual se aproxima e se afasta ao mesmo tempo, e em que o método adquire as qualidades pessoais do observador e exige deste um domínio pessoal que implica na neutralidade.

Por fim, passamos a entender a que a escolha metodológica foi considerada adequada, já que a proposta do presente trabalho se consistiu em apresentar uma compreensão sobre a percepção de família das quatro crianças aqui estudadas, não tendo a pretensão de tecer generalizações acerca do funcionamento psíquico de todas as crianças institucionalizadas ou abrigadas, mas limita-se a essa amostra.

2.1 Participantes

Participaram deste estudo 04 (quatro) crianças, sendo três meninos e uma menina, com idades entre 08 e 10 anos, que estavam vivendo provisoriamente em uma instituição que funciona como casa-abrigo, localizada na Zona Leste da cidade de São Paulo.

A faixa de idade pré-estabelecida para a participação das crianças na pesquisa foi de 07 a 11 anos, sendo utilizado como critério para escolha dessa faixa-etária, a definição contida no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990), que considera criança, para os efeitos dessa lei, a pessoa de até 12 anos de idade incompletos.

Optou-se pela não realização da pesquisa com participantes adolescentes, pois é sabido que essa é uma fase do desenvolvimento que envolve uma série de conflitos e, tal como escreve Aberastury (1980, p.16) “é um período de contradições, confuso, ambivalente, doloroso, caracterizado por fricções com o meio familiar e o ambiente circundante”. Deste modo, ao compartilharmos com a posição dessa autora, entendemos que utilizar amostra adolescente exigiria um olhar específico para as crises peculiares desse estágio do desenvolvimento da personalidade, as quais poderiam interferir nos dados coletados nos instrumentos projetivos, de modo a colocar em dúvida conflitos específicos do abrigamento e conflitos específicos da adolescência.

Outro quesito pré-estabelecido para escolha dos participantes foi o de não realização do estudo entre irmãos, visto que não estava em tela discutir a questão da parentalidade. Tal quesito acabou se tornando um critério de exclusão e tal fato diminuiu o número de crianças disponíveis à participação, considerando a presença de muitos grupos de irmãos no abrigo.

O critério utilizado para escolha amostral foi o de amostra por conveniência. Conforme propõem Hulley, Newman e Cummings (2008), em pesquisa clínica a amostra é geralmente composta por indivíduos que atendem os critérios de entrada e são de fácil acesso ao investigador, por essa razão a amostra recebe o nome de amostra por conveniência. Segundo esses autores, a validade da amostra de um estudo depende do pressuposto que, para responder a questão do estudo, ela representa adequadamente a população alvo. A amostra por conveniência, geralmente, é uma abordagem prática apropriada para grande parte dos projetos de pesquisa clínica, e a decisão se o delineamento proposto para a amostragem é satisfatório dependerá do julgamento por parte do investigador.

2.2 Local/ ambiente (Caracterização da instituição)

A pesquisa foi realizada nas dependências da instituição onde viviam as crianças, uma casa-abrigo localizada na região da Zona Leste da cidade de São Paulo. Trata-se de uma entidade vinculada à Igreja Católica, cuja missão foi iniciada na diocese de São Paulo no ano de 2005. O objetivo dessa instituição é o de acolher crianças moradoras de rua ou aquelas encaminhadas pelo Conselho Tutelar ou pela Vara da Infância e Juventude, como medida de proteção contra maus tratos, negligência e outros tipos de violência. Entre os fundamentos que norteiam os objetivos da instituição estão a questão da espiritualidade e religiosidade, portanto, têm como princípio a fé e prática cristã no trabalho de resgatar as crianças para o convívio social.

Durante o período em que a pesquisadora esteve frequentando o abrigo para realização da coleta de dados, havia em torno de 16 a 20 crianças abrigadas, considerando que durante esse período algumas crianças foram desabrigadas por decisão judicial (retornando à família de origem) e novas crianças foram acolhidas. Cabe destacar que nesse conjunto de crianças, havia muitos grupos de irmãos, constituídos por duas, três ou quatro irmãos cada grupo familiar.

No abrigo, as crianças dormiam em quartos com 04 a 06 camas, sendo separados os quartos entre meninos e meninas. Cada criança possuía a sua cama e uma gaveta individual onde guardavam suas roupas e material escolar. O ambiente era limpo e organizado, e as próprias crianças eram responsáveis por arrumar e manter a organização de suas camas e gavetas. A maioria das crianças tinha família e estava no abrigo por encaminhamento da Vara de Infância e Juventude, devido a negligência dos pais, abandono, violência ou por problemas relacionados à dependência química dos pais. No caso dos adolescentes, todos viviam em situação de rua e já haviam feito uso de algum tipo de entorpecente, antes de serem acolhidos. No abrigo, as crianças realizavam semanalmente uma auto-avaliação “Como estou?” para que, juntos com os educadores, pudessem avaliar o seu comportamento, refletindo sobre as consequências dos seus atos e recebendo elogios pelos progressos. As crianças podiam receber visitas dos pais e familiares aos finais de semana, e algumas tinham permissão para passar os finais de semana em casa, nos casos autorizados pelo juiz.

O abrigo não possuía nenhum tipo de convênio com o Município ou Estado, toda a verba para manutenção era proveniente de benfeitores (pequenos empresários e amigos estrangeiros) que contribuía mensalmente com a missão. A única relação com o poder público era o cadastro no Conselho Municipal de Assistência Social (COMAS), órgão que gerencia esse tipo de serviço no município de São Paulo. Por se tratar de uma instituição

filantrópica vinculada a uma entidade religiosa, vale ressaltar que é uma característica dessa instituição o fato de que todos os educadores sejam missionários ou voluntários, sem nenhum tipo de remuneração ou vínculo empregatício. Nesse abrigo não havia profissionais de psicologia ou outros técnicos, exceto a coordenadora pedagógica, que era também missionária e possuía formação em pedagogia, e a assistente social que atendia a todas as casas e serviços vinculados à instituição.

Na época em que as entrevistas foram realizadas, o abrigo contava com 06 educadores responsáveis pelas crianças: duas missionárias e dois casais, também missionários; todos moravam na casa e viviam integralmente para este serviço. Além desses educadores (missionários), outros voluntários ajudavam nas tarefas do abrigo, como cozinha e limpeza, por exemplo. No abrigo, era consenso entre os educadores que o fato deles ofertarem “amor gratuito” e terem isso como missão seja um diferencial para estabelecerem um bom vínculo com as crianças. Eles encaravam esse trabalho como um “dom” ou “vocação”, pois quando as crianças chegam ao abrigo são muito “difíceis” (*sic*), especialmente quando vêm diretamente da rua, devido às dificuldades em se adaptar às regras e normas da casa. Com o tempo, as crianças vão apresentando melhoras no comportamento e conseguem se vincular com os educadores, segundo estes, graças ao diálogo e muito amor, pois as crianças percebem que eles estão “doando suas vidas sem esperar nada em troca” (*sic*). De acordo com relato dos mesmos, eles desenvolvem um amor muito grande por essas crianças e sentem muito quando elas retornam para casa, pois acabam não tendo mais contato com as mesmas. Por outro lado, entendem que o objetivo maior da instituição é que as crianças possam retornar ao seu lar, portanto, devem estar preparados.

As primeiras entrevistas e, posteriormente, a aplicação do instrumento, foram realizados no escritório da instituição em uma sala reservada, que continha mesa e cadeiras adequadas para tal fim, o que tornou possível assegurar a privacidade das crianças.

Outros dois abrigos foram visitados e consultados sobre a possibilidade de realização da pesquisa, e nos dois casos a autorização foi consentida, porém, por sugestão da banca de qualificação, optou-se por fixar o trabalho em um único abrigo, colhendo mais detalhe sobre a dinâmica da instituição.

2.3 Materiais e instrumentos

A) Entrevistas abertas não-diretivas

De acordo com Bleger (1972, p.1), “a entrevista é um instrumento fundamental do método clínico e é, portanto, uma técnica de investigação científica em psicologia”. A entrevista aberta permite ao entrevistador uma ampla liberdade para as perguntas, com toda flexibilidade em cada caso particular. Ainda, sobre a técnica da entrevista, Ocampo e Arzeno (1979) apontam como um dos objetivos da entrevista inicial, perceber a primeira impressão do entrevistado, considerando importantes aspectos, tais como linguagem corporal, expressão verbal, gestos, clareza ou confusão na fala; outro importante objetivo, entre muitos outros mencionados pelas autoras, seria estabelecer um bom *rapport* para reduzir ao mínimo a possibilidade de bloqueios e paralisações e criar um clima favorável à aplicação dos testes.

Assim, as entrevistas iniciais com as crianças foram conduzidas de forma livre, sem questões pré-definidas e facilitadas pelo uso da técnica de desenho livre a fim de que as crianças pudessem se expressar de maneira livre e espontânea durante o *rapport*. Embora este estudo apresente a produção do Desenho da Família com Estórias de apenas quatro crianças, todas as crianças dentro da faixa de idade estabelecida participaram das entrevistas iniciais e os desenhos produzidos pelas mesmas constam nos anexos do presente trabalho (ANEXO D).

Foram realizadas, ainda, entrevistas abertas e não-diretivas com a coordenadora pedagógica e educadores do abrigo, acompanhadas de observação assistemática, a fim de se colher dados sobre a instituição, sobre a rotina do abrigo e sobre o histórico das crianças. Tais entrevistas foram realizadas na mesma sala onde ocorreram as entrevistas com as crianças, sendo individuais, no caso das educadoras (missionárias), e em dupla, no caso das entrevistas com os casais, que foram realizadas na presença de ambos. Não havia um roteiro pré-definido e as entrevistas transcorreram de forma livre, informal e não estruturada, caminhando no sentido de se obter maiores detalhes sobre a dinâmica de funcionamento da instituição e focalizando também a relação existente entre os educadores e as crianças.

B) Desenho de Família com Estória

O Procedimento do Desenho de Família com Estórias (DF-E), de Walter Trinca, constitui-se em um instrumento para uso clínico e em pesquisa, e não consiste em um teste psicológico.¹ Trata-se de um procedimento derivado da técnica do Desenho com Estórias e tem por finalidade a detecção de processos e conteúdos psíquicos de natureza consciente e inconsciente, relacionados aos objetos internos e externos que dizem respeito à dinâmica familiar. Caracteriza-se pela facilidade de obtenção de informações sobre a situação intrapsíquica e intrafamiliar da pessoa no contexto da família, associando técnicas gráficas e técnicas de apercepção temática sobre o tema família (TRINCA; TARDIVO; 2000; TRINCA, 1997).

Cada desenho seguido de uma história constitui uma unidade de produção. Para realização deste procedimento são necessárias folhas de sulfite brancas, tamanho A4, lápis preto grafite nº 02 e uma caixa de lápis coloridos com 12 cores. Não é aconselhável o uso de borracha.

Consiste na realização de uma série de quatro desenhos de família, na ordem correspondente às seguintes instruções:

- 1) *“Desenhe uma família qualquer”*
- 2) *“Desenhe uma família que você gostaria de ter”*
- 3) *“Desenhe uma família em que alguém não está bem”*
- 4) *“Desenhe a sua família”*

Após a realização de cada desenho é solicitado ao examinado que conte livremente uma história associada ao desenho: *“Você, agora, olhando o desenho, invente uma história associada ao desenho”*.

Na fase do inquérito solicita-se os esclarecimentos que se fizerem necessários à interpretação e compreensão do material produzido, tanto no desenho quanto na história. O inquérito tem também o propósito de obtenção de novas associações. O examinador toma nota detalhada da estória e das verbalizações do examinado durante a execução do desenho, tais como a sequência e ordem de realização, perguntas e respostas durante o inquérito, reações verbais e não verbais, o título e todas as expressões e dificuldades verificadas durante o processo de aplicação.

¹ Recentemente o Procedimento Desenhos-Estórias (D-E) e suas derivações foi analisado pela Comissão Consultiva e considerado teste psicológico por contemplar os requisitos apresentados na Resolução CFP nº 002/2003. Seu uso passa a ser exclusivo de psicólogo e até que receba um parecer favorável do CFP, somente poderá ser utilizado em pesquisas. (fonte: Jornal Psi, número 167, nov-dez 2010).

Concluído o primeiro desenho, bem como a fase de inquérito, retira-se o desenho da vista do participante e repete-se os mesmos procedimentos observando as respectivas consignas. Pretende-se obter em uma única sessão de 60 minutos, a série completa com 4 unidades de produção. Não sendo possível, recomenda-se retorno a uma nova sessão de aplicação. Não se alcançando, em duas sessões, as quatro unidades de produção, avalia-se o material que o examinado produziu em ambas (TRINCA; TARDIVO, 2000).

C) Dados fornecidos pela instituição

Além das entrevistas dirigidas aos coordenadores e educadores do abrigo, a pesquisadora teve acesso ainda às pastas individuais das crianças, as quais continham breve história de vida, dados referentes ao histórico familiar, informações sobre as visitas técnicas realizadas às famílias, relatórios recebidos de instituições anteriores por onde a criança tenha passado, relatórios técnicos encaminhados ao juizado, encaminhamentos dados a partir do abrigamento (visita às famílias, inclusão na rede escolar, consultas médicas, exames clínicos, etc), entre outros.

2.4 Procedimentos

O contato com a instituição foi estabelecido inicialmente por ocasião do estágio curricular em Psicologia Comunitária e da Saúde, realizado pela pesquisadora, dois anos antes, ainda na época da graduação em Psicologia. Nesse intervalo, a instituição passou por diversas mudanças, tanto em seu espaço físico quanto no quadro de coordenadores e educadores. As crianças também eram outras, sendo que algumas haviam sido adotadas, outras desabrigadas, retornando às famílias de origem, e outras haviam fugido.

Com o objetivo de se estudar a percepção de família em crianças abrigadas, retomou-se o contato com a instituição, e em contato com os novos coordenadores, foram apresentados a eles a proposta do estudo e os objetivos da pesquisa. Na ocasião, foi entregue uma carta de apresentação contendo dados da pesquisadora e as principais informações sobre o trabalho a ser desenvolvido, tais como objetivos do estudo e sua finalidade acadêmica, os aspectos éticos envolvidos, os instrumentos e procedimentos a serem adotados, sendo então solicitada autorização para a realização do estudo naquele local. Após a autorização por escrito da instituição, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética da Universidade Metodista de São Paulo para ser avaliado, sendo obtida a aprovação para realização do mesmo.

Com a aprovação pelo Comitê de Ética da UMESP (ANEXO A) e autorização da instituição (ANEXO B), foram realizadas novas visitas ao abrigo para melhor caracterização do local, familiarização com o ambiente e aproximação da pesquisadora com as crianças que possivelmente participariam da pesquisa. Inicialmente, as visitas foram realizadas em umas das casas, localizada no município de Itapeçerica da Serra; com a reorganização da instituição e a saída de algumas crianças (por adoção, fuga ou desabrigo), a casa de Itapeçerica da Serra foi destinada ao abrigo apenas dos adolescentes, e as crianças restantes foram transferidas para outra casa, na zona leste de São Paulo, onde se deu continuidade à pesquisa.

Nas primeiras visitas foram realizadas algumas brincadeiras e desenhos livres com todas as crianças envolvidas, para que houvesse entrosamento entre a pesquisadora e as mesmas. Na oportunidade, estas foram comunicadas que estaria sendo feita uma pesquisa com as crianças, e aquelas que quisessem participar teriam que fazer alguns desenhos que seriam solicitados pela pesquisadora; assim, todas foram consultadas quanto ao interesse em participar.

Ficou estabelecido que a psicóloga passaria a estar no abrigo aos sábados pela manhã, dando início às entrevistas individuais com as crianças. Participaram das entrevistas iniciais todas as crianças que, após convidadas, manifestarem o interesse em participar da pesquisa, de forma espontânea e voluntária, e que atendiam à faixa de idade estabelecida inicialmente (07 a 11 anos). Devido à existência de muitos grupos de irmãos, selecionou-se, a partir das entrevistas iniciais, uma criança de cada grupo familiar. Foram escolhidas aquelas crianças que apresentaram melhores condições de se expressar através do desenho e verbalmente, tanto que algumas produções gráficas estão anexas a este trabalho – as quais considerou-se não viáveis de serem analisadas em sua plenitude, dada sua insuficiência ou pobreza de conteúdo. Porém, tornou-se importante apresentá-los para que fossem apreciados (ANEXO D).

A aplicação dos Desenhos de Família com Estórias (DF-E) ocorreu em datas previamente acordadas com as crianças, buscando interferir o mínimo possível em suas atividades e na rotina da instituição. As sessões para realização do DF-E, incluindo a execução dos desenhos e o inquérito, tiveram duração de aproximadamente uma hora, e apenas uma criança realizou o desenho em duas sessões.

Para análise dos resultados, foram extraídos conteúdos das entrevistas com as crianças e outras informações relevantes fornecidas pela instituição, bem como o material produzido a partir da aplicação do procedimento de Desenho de Família com Estórias (DF-E). Todo material foi analisado e interpretado à luz da psicanálise, amparando-se na teoria das relações de objeto de Melanie Klein e seus colaboradores.

Com relação ao procedimento de “Desenho de Família com Estória”, os seus elementos constituem uma unidade de produção, num total de quatro, em que se pede que a criança conte uma história sobre aquela produção desenhada. Tal procedimento é fundamentado na suposição que o indivíduo pode revelar suas disposições, esforços e conflitos ao estruturar ou completar uma situação incompleta, suposição esta que fundamenta as técnicas projetivas em geral (TRINCA, 1997).

A análise e interpretação do DF-E segue o mesmo referencial adotado para análise do Desenho com Estórias; porém, a partir do referencial de análise proposto por Trinca (1987), Tardivo (1997) organizou grupos e traços, considerando sete das dez áreas propostas por Trinca, com 33 traços no total. Tal proposta visa à facilitação da análise, de modo a permitir o uso do instrumento em outras pesquisas e orientar a interpretação clínica, especialmente aos profissionais que estiverem ainda iniciando a experiência com esse instrumento. Os grupos e traços procuram abarcar aspectos da personalidade psicanaliticamente relacionados entre si de forma dinâmica.

No quadro a seguir (Quadro 1) são descritas as principais características dos grupos e traços propostos pela autora que orientaram a análise (TARDIVO, 1997):

Quadro 1 – Grupos e traços para orientação da análise DF-E de acordo com Tardivo (1997).

Grupo	Traço	Característica
Grupo I	Atitudes básicas	<p>1. <i>Aceitação: necessidades e preocupações com aceitação, êxito, crescimento e atitudes de segurança, domínio, autonomia, auto-suficiência e liberdade;</i></p> <p>2. <i>Oposição: atitudes de oposição, desprezo, hostilidade, competição, negativismo, não-colaboração, desconsideração e rejeição com aos outros;</i></p> <p>3. <i>Insegurança: necessidades de proteção, abrigo e ajuda; atitudes de submissão, inibição, isolamento e bloqueio; percepção do mundo como desprotetor, medo de não conter os impulsos; dificuldades em relação ao crescimento.</i></p> <p>4. <i>Identificação positiva: sentimentos de valorização, auto-imagem e autoconceito reais e positivos, busca de identidade e identificação com o próprio sexo.</i></p> <p>5. <i>Identificação negativa: sentimentos de menos valia, incapacidade, pouca importância; identificação com o outro sexo, auto-imagem idealizada ou negativa, e problemas ligados à imagem corporal.</i></p>
Grupo II	Figuras significativas	<p>6. <i>Figura materna positiva: mãe sentida como presente, gratificante, boa, afetiva, protetora, facilitadora, objeto bom e sentimentos positivos em relação à mãe;</i></p> <p>7. <i>Figura materna negativa: mãe vivida como ausente, omissa, rejeitadora, objeto mau, atitudes e sentimentos negativos em relação à mãe;</i></p> <p>8. <i>Figura paterna positiva: pai sentido como próximo, presente, gratificante e afetivo, protetor.</i></p> <p>9. <i>Figura paterna negativa: pai ausente, omisso, ameaçador, autoritário, além de outros sentimentos negativos em relação ao pai.</i></p> <p>10. <i>Figura fraterna (e outras) positivas: aspectos de relacionamento com os irmãos e outros iguais; ou seja, cooperação, colaboração, igualdade.</i></p> <p>11. <i>Figura fraterna (ou outras) negativas: se refere aos aspectos negativos nas relações, competição, rivalidade, conflito, inveja, falsidade, etc.</i></p>
Grupo III	Sentimentos expressos	<p>12. <i>Sentimentos derivados dos instintos de vida: mais construtivos, como alegria, amor, energia, instinto sexual, conquista, sentimentos de mudança construtiva;</i></p> <p>13. <i>Sentimentos derivados do instinto de morte: são os mais destrutivos, como ódio, inveja, ciúme persecutório, voracidade, desprezo, etc.</i></p> <p>14. <i>Sentimentos derivados do conflito: sentimentos ambivalentes, luta entre instinto de vida e de morte; próprios da fase da elaboração da posição esquizoparanóide e da vivência da posição depressiva, como postula Klein. Aparecem sentimentos de culpa, medos de perda e de abandono, solidão, tristeza, desproteção, ciúme depressivo e outros.</i></p>
Grupo IV	Tendências e Desejos	<p>15. <i>Necessidades de suprir faltas básicas: desejos de proteção e abrigo, necessidades de manter as coisas da infância, de compreensão, de ser contido, de ser cuidado regressivamente, afeição primitiva e necessidades orais;</i></p> <p>16. <i>Tendências destrutivas: mais hostis, desejos de vingança, de atacar, destruir, de separar os pais, de ocupar (destruindo) o lugar do pai ou da mãe, necessidade de poder;</i></p> <p>17. <i>Tendências construtivas: mais evoluídas como necessidades de cura, aquisição, realização e autonomia, mas também de liberdade, de crescimento, construtividade, desejo de canalizar energia sexual e agressiva, de recuperar partes sadias, de desligar-se das coisas infantis, de evitar danos físicos ou psicológicos.</i></p>
Grupo V	Impulsos	18. <i>Amorosos;</i> 19. <i>Destrutivos</i>
Grupo VI	Ansiedades	20. <i>Ansiedades paranóides;</i> 21. <i>Ansiedades depressivas.</i>
Grupo VI	Mecanismos de Defesa	22. <i>Cisão;</i> 23. <i>Projeção;</i> 24. <i>Repressão;</i> 25. <i>Negação/anulação;</i> 26. <i>Regressão a estágios primitivos;</i> 27. <i>Racionalização;</i> 28. <i>Isolamento;</i> 29. <i>Deslocamento;</i> 30. <i>Idealização;</i> 31. <i>Sublimação;</i> 32. <i>Formação reativa;</i> 33. <i>Negação maníaca ou onipotente</i>

Nesta avaliação, utilizou-se também das contribuições de Lima (1997) para as análises parciais nas quais se busca uma compreensão do grafismo, da temática, do título e inquerito. Com relação às figuras humanas, é importante salientar que essas não são analisadas em seus detalhes, mas em seus aspectos mais gerais, só incluindo detalhes quando estes sobressaíram de alguma forma. Do ponto de vista das histórias, a análise segue o preconizado por outras técnicas como o CAT, o TAT e o procedimento de Desenhos-Estórias.

Para a análise e interpretação dos desenhos, no que se refere aos detalhes do grafismo e aspectos gerais do desenho, contou-se com o amparo de manuais clássicos, como Hammer (1991) e Corman (1979), Buck (2003) e Van Kolck (1981; 1984).

2.5 Aspectos éticos

A presente investigação buscou atender estritamente aos requisitos descritos na Resolução 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996) que trata de pesquisas envolvendo seres humanos, e da Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2000), que dispõe sobre a realização de pesquisas em psicologia, envolvendo seres humanos.

Todas as crianças e os seus responsáveis legais (coordenadores do abrigo) foram orientados sobre a proposta do trabalho e a natureza acadêmica deste estudo. Foi solicitado ao responsável o preenchimento e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido –TCLE (ANEXO C), garantindo que os dados obtidos através dos procedimentos de investigação psicológica seriam utilizados para fins acadêmicos, e que os participantes teriam a sua privacidade preservada e identidade mantida sob sigilo.

2.6 Riscos e benefícios

Por se tratar de uma pesquisa no campo da saúde mental, esta investigação foi entendida como sigilosa, preservando-se a integridade física e psicológica dos participantes. Levando-se em conta o que consta na Resolução 016/2000 (CFP, 2000) esta pesquisa foi considerada de risco mínimo, não sujeitando os participantes a riscos maiores do que os encontrados em sua atividade cotidiana.

Acredita-se que realização do presente estudo constituiu-se em benefício para a instituição e aos participantes, além de gerar contribuições ao desenvolvimento do conhecimento científico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentam-se os resultados obtidos pela análise e interpretação de quatro casos de crianças abrigadas. Destaca-se que os nomes dados às crianças são fictícios, utilizados apenas para efeito didático, e que os seus verdadeiros nomes foram omitidos a fim de se preservar a identidade, em respeito à privacidade da criança, considerando-se a importância do sigilo e da ética profissional. Os desenhos foram reproduzidos no corpo do texto em tamanho menor que o original, sendo mantidas as proporções.

As figuras foram analisadas com base nos grupos e traços propostos por Tardivo (1997), bem como nas contribuições de Lima (1997) buscando-se adotar a análise do ponto de vista do processo de diagnóstico do tipo compreensivo, o qual pretende uma visão global do paciente e a síntese integrativa das partes, partindo das análises parciais para se atingir o todo.

As análises dos desenhos, no que se refere aos detalhes do grafismo e aspectos gerais dos desenhos, com interpretação dos detalhes que mais despertaram a atenção, foram fundamentadas a partir das contribuições de Van Kolck (1984), Hammer (1991), Buck (2003) e Corman (1979) sobre a interpretação dos testes gráficos e desenhos projetivos.

3.1 CASO 1 – ELIAS

Identificação

Nome: Elias

Sexo: masculino

Idade: 10 anos

Escolaridade: 4ª série do Ensino Fundamental

Tempo de abrigamento: 01ano e 08 meses (na aplicação do DF-E)

Histórico da criança

Elias estava no abrigo há um 01 ano e cinco meses, quando se iniciaram os primeiros contatos. Antes do abrigamento, a criança vivia nas ruas no centro de São Paulo, pois havia fugido de casa. Elias tinha ainda cinco irmãos, contudo era o único abrigado, sendo que o mais velho encontrava-se interno na Fundação Casa (Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente) e os demais viviam com a mãe. De acordo com informações obtidas na instituição, a criança estava em processo de desabrigamento, porém, segundo a coordenadora do abrigo, a mãe apresentava comportamento pouco afetivo em relação ao filho; tinha permissão para receber a visita do filho em casa aos finais de semana, porém, só o recebia caso um dos monitores do abrigo fosse acompanhá-lo. Além disso, a mãe exigia que a instituição lhe enviasse o leite, pois a mesma reclamava que o filho comia muito e acabava com o leite dos outros irmãos.

Por estar há mais tempo no abrigo, Elias era a única criança que já havia tido algum contato anterior com a psicóloga (comigo), quando ainda estagiária. As entrevistas iniciais foram realizadas na antiga sede do abrigo, em Itapeceira da Serra. Elias apresentava bom comportamento e boa comunicação, apesar de ser tímido. Aparentemente, mantinha bom relacionamento com os “tios” do abrigo e com as outras crianças. Nos desenhos e entrevistas iniciais sempre mencionava a mãe e o desejo de voltar para casa. Os desenhos de família com estória foram aplicados meses depois, já na nova casa, visto que o período de mudança coincidiu também com o período de férias, e a pesquisadora esteve ausente.

A seguir são apresentadas as produções de Elias referentes ao procedimento de Desenhos de Família com Estórias e suas análises.

3.1.1 Primeira Unidade de Produção: “A família pobre”

“Desenhe uma família qualquer”.

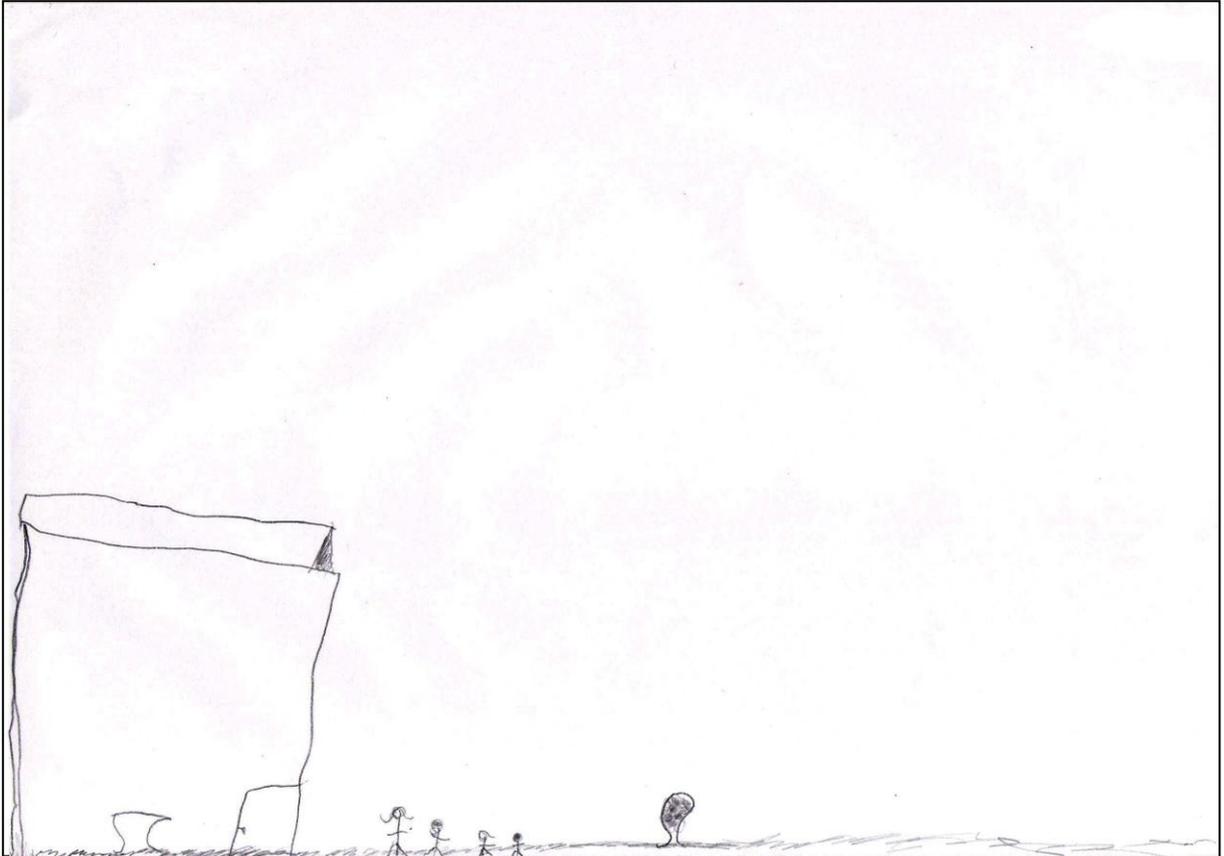


Figura 1 – Caso Elias: “A família pobre”.

Tempo de execução: 03 minutos.

Observações durante a execução: Elias perguntou se havia régua. Começou desenhando primeiramente o solo, depois a parede e o teto. Verbalizou: “*Minha casa é feia*”. Foi orientado a fazer o desenho da maneira que soubesse.

3.1.2.1 Relato da Estória

P – Psicóloga

E - Elias

P: Agora, olhando para o seu desenho, conte uma história sobre o desenho que você fez.

E: *Não sei, tia.*

P: Invente uma história, do jeito que você souber.

E: *Era uma casa pobre, não tinha nada, não tinha TV. E só.*

P: Quem morava nessa casa?

E: *A família.*

P: O que você pode contar sobre esta família?

E: *Aí eles iam passear até que um dia quebrou a cadeira, aí eles não tinham mais comida, aí eles tinham que pedir pra arrumar.*

P: Arrumar o quê?

E: *Comida. É só.*

P: Essas pessoas têm nome?

E: *Não.*

P: Quem são as pessoas dessa família no desenho?

E: *Essa aqui é a mãe, esse é o irmão, a irmã e o outro irmão bebezinho, por ordem de tamanho.*

P: Tem mais alguma coisa que você queira contar sobre esta família?

E: *Não.*

[Ao final, Elias escreveu seu nome no canto superior da folha; por motivo de sigilo o nome foi omitido].

3.1.2.2 Análise e Interpretação

Aspectos gerais do desenho

Na primeira unidade de produção a criança demonstrou certa inibição da expansão vital, com impulsos fracos (desvitalizados), regressivos, sem iniciativa e fortemente fixado aos pais. Com relação à qualidade do grafismo, a linha fina, traz indicativos de insegurança, timidez, sentimentos de incapacidade e inferioridade, inibição, rejeição pelo ambiente e tendências ao isolamento. Em relação à posição do desenho, executado na metade inferior da folha, tal fato aponta para o materialismo e fixação à terra e ao inconsciente, insegurança e inadequação, com depressão. A utilização do segundo quadrante para realização do desenho denota a força dos impulsos, desejos, instintos, obstinação e teimosia.

As figuras humanas foram desenhadas em tamanho muito pequeno, a começar pela cabeça, pequena e sem ênfase, o que de acordo com Hammer (1991) é característico de deprimidos ou socialmente inadaptados. Sendo o rosto a parte mais expressiva do corpo, por representar o contato sensorial com a realidade e o traço social do indivíduo, a omissão

dos caracteres faciais indica uma tendência a evitar problemas de contato, indivíduo evasivo com referência a relação interpessoal (cautela, superficialidade e hostilidade).

Outras interpretações poderiam ser feitas em relação à omissão dos olhos, nariz e boca, pescoço e outros detalhes essenciais, sinais de timidez, passividade, retraimento, sensação de desamparo e castração; porém, essas interpretações detalhadas serão aqui dispensadas, considerando-se apenas o aspecto geral que foi o uso do recurso de figuras em palito, que de acordo com Corman (1979) revelam gesto de pouca amplitude e inibição da expansão vital.

O desenho da casa reflete a atitude da criança no que diz respeito à situação familiar e a relação com os pais (HAMMER, 1991). O telhado simboliza a área da fantasia e a vida mental. O telhado pequeno sinaliza pouca vazão à fantasia com orientação para o concreto, reiterando a impossibilidade de criar. Os riscos no telhado representam a tentativa do sujeito em se defender da ameaça de perda e controle da fantasia. O reforço nos limites da parede representa o esforço consciente, hipervigilante e intenso para manter o ego intacto. A linha frágil dá indícios de colapso emocional iminente e fraco controle do ego (CORMAN, 1979). A porta, que representa o contato com o ambiente, foi desenhada apoiada à parede, o que também é um indicativo de fragilidade e necessidade de segurança. A porta pequena (BUCK, 2003) pode indicar inadequação e, não havendo janelas na casa, uma forma secundária de interação com o ambiente e dificuldades no contato podem estar sendo retratadas. É ainda interessante observar, que segundo Buck (2003) a casa grande retrata um ambiente restritivo, tensão e compensação, e a localização à esquerda da página pode representar retraimento, regressão, bem como a falta de detalhes essenciais também pode indicar retraimento.

O desenho da primeira unidade de produção traz também a figura de uma árvore, que de acordo com Hammer (1991), abrange os sentimentos mais básicos e duradouros e permite a projeção dos sentimentos mais profundos da personalidade, na medida em que torna mais fácil para o sujeito atribuir traços e atitudes mais conflituosas e emocionalmente perturbadoras. A presença da linha do solo representa o grau de contato com a realidade. A árvore em fechadura, ou seja, tronco e folhagem em linha contínua, é dada por sujeitos oposicionistas e negativistas. O tamanho, muito pequeno, é indicador de inibição, retraimento, regressão e descontentamento. Sendo a copa o ponto de contato com o ambiente, o formato em bola ou esfera representa a fantasia, e um possível medo da vida real. A presença de frutos representa o desejo de realização, de conseguir as coisas e procurar recompensas, e de acordo com Hammer (1991), necessidade de independência.

Aspectos de conteúdo

Observa-se no caso em questão um primitivismo tanto cognitivo quanto afetivo da criança. O desenho aponta pouca vitalidade, impulsos fracos e presença de conflitos na situação familiar. A criança deprecia sua própria produção gráfica quando afirma “*minha casa é feia*” (sic). Desenha uma casa pobre, revelando necessidade de procurar ajuda. Esse pedido de ajuda não se refere apenas ao alimento, mas à real necessidade de afeto e de estabelecer relações com pessoas significativas.

As atitudes básicas de Elias em relação a si e ao mundo são de insegurança e revelam pressão do ambiente. A figura materna se faz presente no desenho, mas não há vinculação positiva com a mãe que é percebida como ausente e omissa. A criança retrata a mãe e três irmãos e não inclui no desenho a figura paterna. Assim o pai é percebido como uma figura ausente, não há identificação dessa criança com nenhum modelo de figura paterna, tanto que não há referência ao pai ou a alguém que exerça este papel na história.

Em relação aos sentimentos expressos, há uma ambivalência de sentimentos, e é possível identificar a luta entre o instinto de vida e de morte; “*a cadeira quebrou*” (sic), não há nada na casa, não há condições de sobrevivência. Assim, constata-se a necessidade de suprir faltas básicas (alimentos) e o desejo de proteção e abrigo, e para isso tem que sair com os irmãos para “arrumar comida”. Elias revela a necessidade de conservar as coisas da infância e necessidades orais de afeição primitiva.

A história contada pela criança sustenta a ideia da fragilidade do ego e o sofrimento que a mesma vem enfrentando, pois narra uma casa vazia e quebrada, sem comida, sem televisão, sem nada, o que mostra o quanto Elias se sente desvitalizado e abandonado. Ao mesmo tempo, revela um pedido de ajuda da criança: “*eles tinham que pedir pra arrumar*” (sic). A escolha do título “Família pobre” confirma a ideia de fragilidade do ego, desvitalização, sentimentos de abandono e insegurança.

3. 1. 2. Segunda Unidade de Produção: “A família feliz”

“Desenhe uma família que você gostaria de ter”

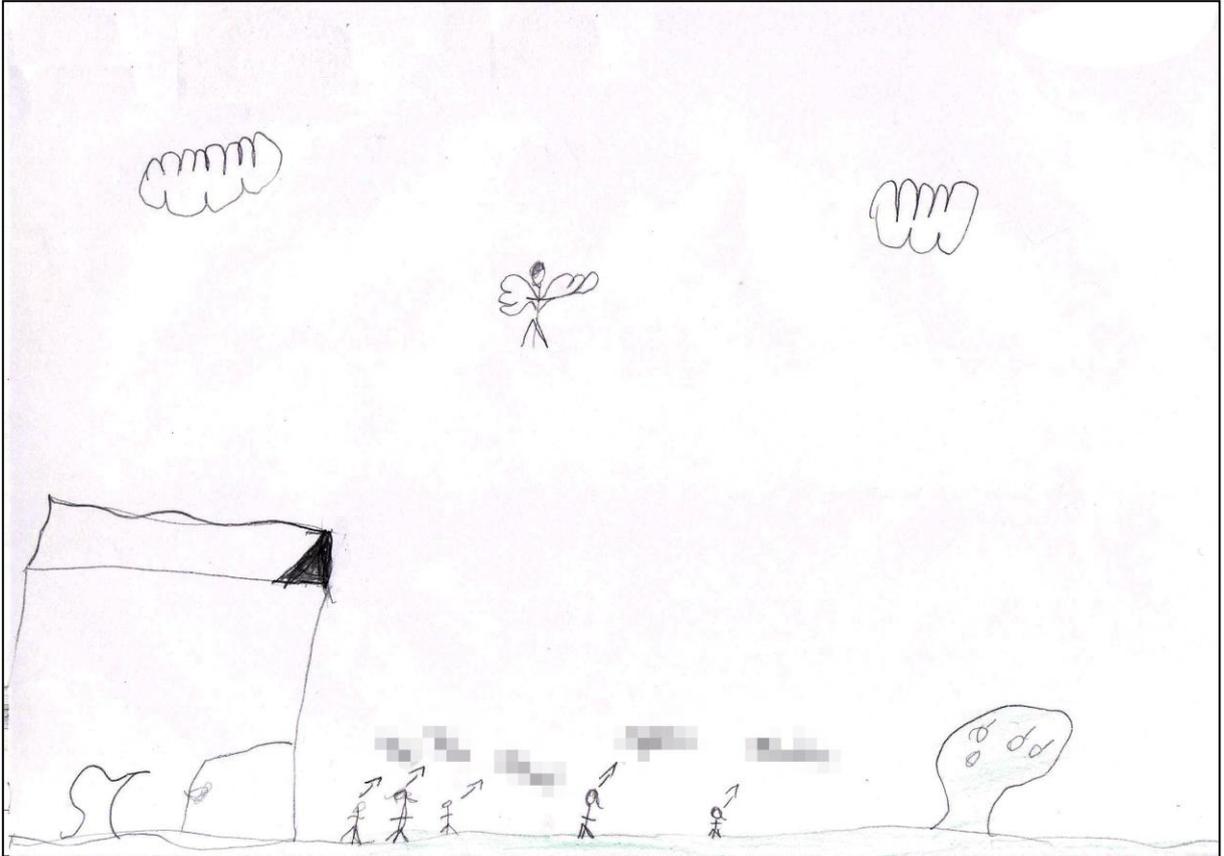


Figura 2 – Caso Elias: “A família feliz”.

Tempo de execução: 04 minutos.

Observações durante a execução: Durante a execução, Elias repetiu a mesma sequência do desenho anterior, fazendo primeiro a casa, a árvore, e por fim, as pessoas. Tendo em vista que durante o inquérito o desenho permaneceu com a criança, enquanto contava a história referente ao segundo desenho, Elias inseriu novas figuras, a saber: a avó com asas e duas nuvens, além de colorir a árvore.

3. 1. 2. 1 Relato da Estória

P: O que é isto que você desenhou? [referindo-se às setas]

E: *É pra eu colocar os nomes. Elias, que sou eu, [soletrou o nome da avó e da mãe] Nair*, que é minha vó. A outra, Roseli* [soletrando], que é minha mãe. Ah. Faltou mais um, Ricardo* [soletrando enquanto escrevia].*

P: Quem é o Ricardo?

E: *Meu irmão, ele tem 13 anos. Tia você sabe como escreve Stefany*?*

P: Sei sim. [A psicóloga soletrou para a criança] Quem é a Stefany?

E: *Minha irmã.*

P: Conte uma história sobre o seu desenho.

E: *Nós tava indo pro parque. Eu, minha vó, minha mãe. Nós tudo indo pro parque. Aí minha vó morreu. Vou fazer ela indo pro céu [E. desenhou a avó no meio da folha, com duas asas e desenha duas nuvens] Eu sei que ela já tá no céu porque sempre ela ía na missa. Aí eu fugia de casa. Aí eu fiz ela ir pro céu. E é só. Minha família inteira.*

P: Ah. Você fugia?

E: *É. Pra ir pra casa dos meus amigos. É só.*

P: E como você fez ela ir pro céu?

E: *É que eu fugia daí ela ficava triste e passava mal. Ai deu um derrame nela e ela morreu. Aí Ela morreu e foi pro céu. A família que eu gostaria de ter era que minha vó tivesse viva ainda.*

P: Faz tempo que ela morreu?

E: *Não sei, eu já estava aqui. Minha mãe que me contou.*

P: Que nome você dá pra essa história?

E: *Família Feliz.*

[Enquanto falava, Elias pegou o lápis verde e coloriu levemente o solo e a árvore]

* Os nomes foram trocados com a finalidade de preservar a identidade do participante e familiares.

3. 1. 2. 2. Análise e interpretação

Aspetos Gerais do desenho

A qualidade do grafismo e as características gerais a respeito do desenho, na segunda unidade de produção, seguem os mesmos traços da unidade anterior. O desenho está localizado no segundo quadrante, indicando a força dos desejos, impulsos e instintos. A

posição na metade inferior da folha representa materialismo, fixação à terra e ao inconsciente, orientação para o concreto, insegurança, inadequação, com depressão. O tamanho do desenho indica como a criança está reagindo às pressões do ambiente, com sentimentos de inferioridade, inibição, constrição e depressão, comportamentos emocionalmente dependentes e ansiosos. O traçado com linha fina manifesta pouca energia e vitalidade, insegurança, timidez, sentimentos de incapacidade, falta de energia e de confiança em si, e ainda, segundo Buck (2003), força de ego fraca.

No que se refere às figuras humanas, assim como na unidade anterior, foram feitas em forma de figuras “palitos”, revelando pouca amplitude e inibição da expansão vital, frequentemente representado por pessoas que acham as relações interpessoais desagradáveis (VAN KOLCK, 1984). Os aspectos gerais dos desenhos se assemelham muito aos da primeira unidade de produção, com ausência de detalhes essenciais, tais como olhos, boca e nariz, dando indícios, novamente, de um contato pobre com a realidade, dependência, desamparo, sentimentos de perda de autonomia. A linha de solo representa necessidade de segurança, e também, ansiedade.

A casa é relativamente grande, em relação ao tamanho das figuras humanas, o que indica ambiente restritivo, tensão e compensação. A ausência de detalhes essenciais, como a janela, é sinal de retraimento. A porta apoiada na parede revela insegurança e necessidade de apoio; a fechadura representa atitude defensiva, as paredes finas e fracas simbolizam limites de ego fraco. A presença de borradura no teto, com forte intensidade, pode ser um indicador de conflito nessa área ou expressão de ansiedade. A presença de nuvens é um indicador de ansiedade.

O desenho da árvore com inclinação à direita pode representar a capacidade de entrega pessoal, disponibilidade para servir aos outros, mas também influenciabilidade e fraqueza de domínio, fixação no futuro e desejo de esquecer um passado infeliz (VAN KOLCK, 1984). A presença dos frutos é indicativa de desejo de realização e de conseguir as coisas fácil e rapidamente, e de acordo com Hammer (1991) as maçãs são desenhadas por crianças com necessidade de independência.

Aspectos de conteúdo

Nota-se, através da sequência do desenho, que Elias desenha a mãe, depois a avó, colocando-se ao lado desta, e em seguida seus irmãos, mais distantes. Assim, a avó parece ser a figura positiva, significativa e afetiva com a qual a criança se identifica (CORMAN, 1979). No entanto, essa figura significativa e positiva que lhe representava a avó foi perdida,

e para não sentir seu abandono ele projeta as partes ruins na mãe. Essa cisão permite que conserve as partes boas (da mãe boa que é a avó) que mantém dentro dele.

Elias perde a avó, mas não consegue integrar as partes boas e más. Não tem figuras amadurecidas – idealização do bom (a avó) cindido do mal. Mesmo tendo uma mãe, ele continua abandonado, já que não sente essa como continente, amorosa. A fuga de casa pode representar um desejo (fóbico) de evitar a situação de conflito presente na casa e na família.

A criança sente tristeza pela morte (abandono) da avó, que anuncia ter sido uma figura significativa positiva para si. Elias vivencia sentimentos de culpa e ansiedades depressivas, pela morte da avó, compreendendo ser o responsável pelo dano sofrido pelo objeto desejado (a avó).

Observa-se, portanto, a presença dos mecanismos de cisão e dissociação, utilizados pelo ego face a um objeto dividido. De acordo com Piccolo (1979, p.227),

esta divisão do objeto e do ego corresponde a um mecanismo primário que implica, contudo, um certo grau de organização da realidade caótica do começo da vida, já que permite afastar e separar dois tipos de experiências que se sucedem de forma alternada.

A autora refere-se às experiências de união, proteção e satisfação, e experiências de abandono, dor e insatisfação. Assim sentidas, essas experiências tendem a ser separadas, uma vez que o ego, com pouca capacidade, ainda não tem condições de integrá-las.

A escolha do título “Família Feliz” é incoerente com a cena retratada, visto que o desenho revela uma família frágil, pobre, vazia, sem vitalidade e energia, assim como a casa e a árvore. Esse paradoxo pode até dar indicativos de uma tentativa de integração das partes boas e más, mas sem a menor coerência ou discriminação.

3. 1. 3. Terceira Unidade de Produção: “*Família briguenta*”

“Desenhe uma família em que alguém não está bem”

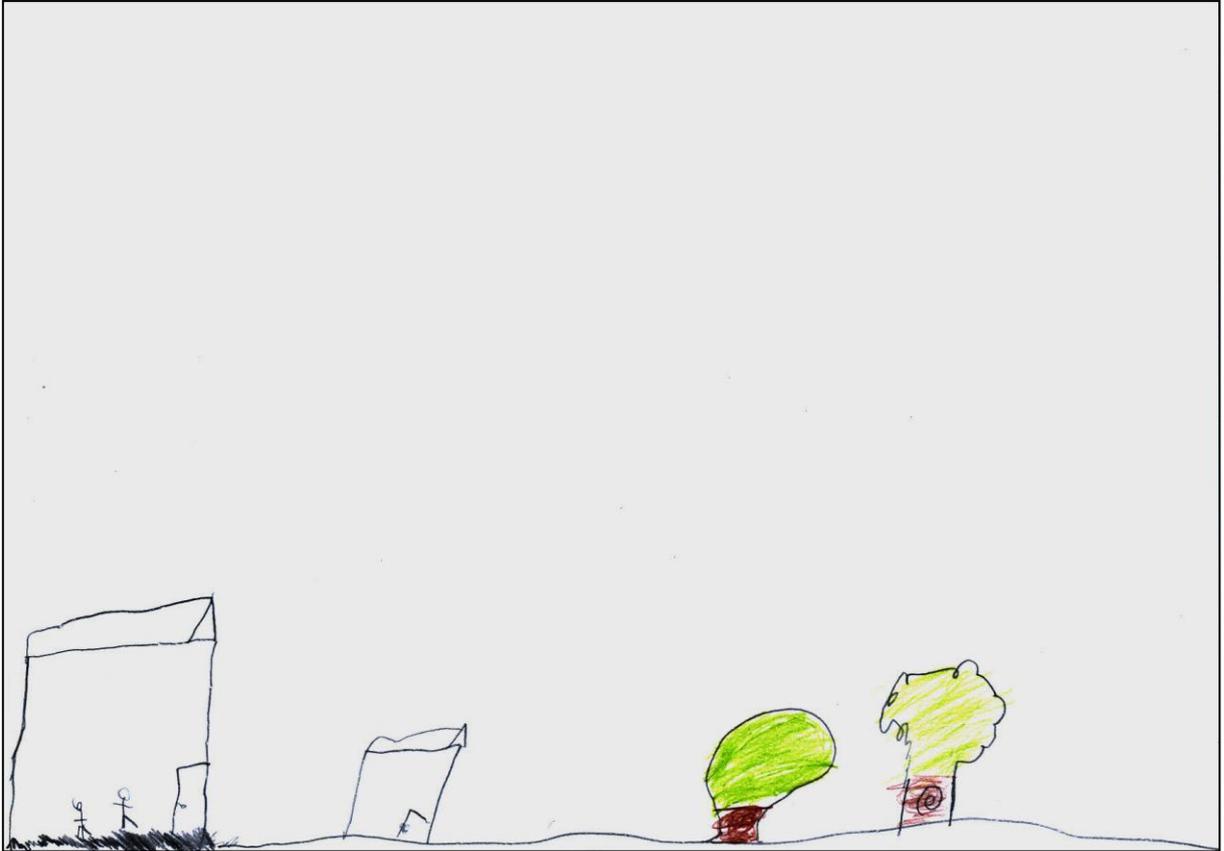


Figura 3 – Caso Elias: “Família briguenta”.

Tempo de execução: 4 minutos.

Observações durante a execução: Quando foi pedido a Elias que desenhasse uma família em que alguém não está bem, Elias verbalizou: “*Ah, tia, não sei. Toda a família está bem*”. A psicóloga repetiu a solicitação à criança, que começou a desenhar sem verbalizações durante a execução do desenho. Ao concluir a tarefa, Elias começou a contar a história, antes que lhe fosse solicitado.

3. 1. 3. 1 Relato da Estória

E: *Aqui é o marido que não estava bem. E aqui é uma casa que o vizinho não consegue dormir por causa da briga.*

P: Quem mora nessa casa?

E: *O pai e a mãe.* [Enquanto contava, Elias começou a pintar a árvore de verde e marrom, depois desenhou outra árvore e a coloriu]

P: Qual o título da sua história?

E: *Eu não sei o que é título.*

P: É o nome que você dá para sua historinha.

E: *Família briguenta*

3. 1. 3. 2. Análise e interpretação

Aspectos gerais do desenho

A qualidade do grafismo e a distribuição das figuras na página seguem o mesmo estilo dos desenhos anteriores, no que se refere ao traçado, tamanho, localização e posição na página, e por isso não serão detalhados. É importante destacar, novamente, o primitivismo, com as figuras humanas desenhadas em *palito* com ausência de detalhes essenciais; aspectos que podem indicar restrição, inibição, dificuldades no contato com a realidade, sentimentos de inferioridade e inadequação. O uso da figura em palito pode estar relacionado também a uma atitude defensiva ou exaustão com a tarefa.

A casa pequena sinaliza insegurança, descontentamento e regressão. Novamente não há janelas, sinalizando dificuldades no contato, e as portas estão amparadas na parede, revelando fragilidade, insegurança e necessidade de apoio. A queda sugerida (observada na segunda casa) é um indicativo de extrema angústia. A transparência na casa, permitindo ver as pessoas através das paredes, pode indicar pobre orientação para a realidade, imaturidade conceitual ou inibição intelectual. Pode estar ligada ainda há algum conflito de ordem emocional, conforme destaca Hammer (1991, p.34), a transparência em um desenho “traz em si a negação da realidade, uma vez que o sujeito permite que alguma coisa seja vista através de algo que convencionalmente esconde”.

Sobre o desenho da árvore, a inclusão da segunda árvore revela carência afetiva e necessidade de companhia. Segundo Buck (2003) as crianças frequentemente desenhavam duas árvores que são identificadas como pai e mãe. Ainda, segundo esse autor, a inclusão da segunda árvore parece refletir a extrema necessidade de pertencer a uma família ou grupo e a ansiedade de ficar sozinho. A árvore perto da casa geralmente representa o indivíduo e pode retratar sentimentos de rejeição pelos pais e grande necessidade de afeição (BUCK, 2003).

A linha de solo revela necessidade de objetivação do real (VAN KOLCK, 1984). A ausência de raiz indica o sentimento de “estar no ar” separado do elemento que o nutre; a

copa representa o ponto de contato com o ambiente e é o campo de expressão e plano de realização da personalidade. A copa achatada em cima significa que a pessoa se sente pressionada, obediência não desejada e sentimentos de insuficiência. A orientação para a direita representa o dom de si, caráter bondoso e benevolente do indivíduo. As cicatrizes no tronco indicam traumas. A divisão presente entre o tronco e a copa revela discrepância entre o desejo e a realidade, entre o querer e a ação, o que aponta novamente para uma inibição do potencial criativo da criança.

Aspectos do conteúdo

Inicialmente, Elias apresentou resistência em executar a tarefa solicitada, utilizando mecanismo de negação ao dizer “*toda a família está bem*” (*sic*). A resistência, de acordo com Van Kolck (1984), ocorre frente a conflitos em relação ao tema, quando o indivíduo não quer entrar em contato com esses problemas.

Apesar da resistência apresentada inicialmente, Elias executou a tarefa e, ao concluir o desenho, imediatamente começou a contar a história. Nessa história, ocorreu a revelação de um conflito, pois havia um casal parental brigando. O inquérito foi breve e faltou nesta fase uma investigação mais profunda acerca do conflito apresentado na história; poderia ter se perguntado à criança “por que o marido não está bem?” ou “por que brigaram?”. De qualquer forma, o desenho traz muitos elementos que revelam a existência de um conflito: o marido não está bem e briga com a mulher, ao mesmo tempo, há uma casa ao lado, de onde alguém presencia a cena e testemunha a existência desse conflito.

Nesta produção a criança se utiliza novamente dos mecanismos de cisão ou divisão (*splitting*), na tentativa de separar os objetos maus e ameaçadores, dos objetos bons. Essa divisão também pode ser observada através da presença de duas casas e duas árvores.

A atitude básica da criança é de insegurança. As figuras paterna e materna são percebidas como objetos maus, ameaçadores, com sentimentos negativos em relação a essas figuras. Novamente, o pai revela-se como ausente, submisso, ameaçador. Os sentimentos derivados desse conflito são ambivalentes, e surgem da luta entre os instintos de vida e de morte, próprios da fase de elaboração da posição esquizoparanóide e da vivência da posição depressiva.

Aparecem nessa etapa, sentimentos de culpa, perda, abandono, solidão, tristeza e desproteção. As tendências e desejos são de recuperar a parte sadia, evitando danos físicos ou psicológicos.

Os mecanismos de defesa observados são os de cisão, dissociação, negação. Tais mecanismos são característicos da ansiedade depressiva, de que a própria agressividade aniquile o objeto bom, quando o ego, em identificação com o objeto, sente-se ameaçado.

3. 1. 4. Quarta Unidade de Produção: “A família feliz (de novo)”

“Desenhe a sua família”



Figura 4 – Caso Elias – “A família feliz”

Tempo de execução: 02 minutos.

Observações durante a execução: Quando foi dada a instrução “desenhe a sua família” a criança disse que já havia desenhado a sua família (referindo-se à segunda unidade de produção), ao que lhe foi lembrada a instrução daquela unidade “desenhe a família que você gostaria de ter” e que fizesse o desenho como quisesse, mesmo que repetisse.

3. 1. 4. 1. Relato da Estória

E: *Terminei. Aqui minha mãe tá dormindo. Ela dorme cedo. E aqui é o prédio que mora a minha tia. A Marta. E o nome da família é: família feliz, de novo. Pode ser?*

P: *Pode. Como quiser. Quem mora nesta casa?*

E: Eu, meus irmãos, minha mãe, meu padrasto. Minha tia. Ah! Não, minha tia mora no prédio.

P: Tem mais alguma coisa que queira dizer sobre o desenho?

E: Não. Quantas folhas eu já fiz, tia?

P: Quatro.

3. 1. 4. 2. Análise e interpretação

Aspectos gerais do desenho

Nessa unidade de produção Elias revela sua dificuldade de representação de si mesmo e da família e de entrar em contato com os conflitos familiares. Não desenhou nenhuma figura humana. A casa possui paredes frágeis e trêmulas, demonstrando fragilidade do ego. A casa está vazia, indicando falta de defesa do ego. As paredes muito altas indicam restrição e o telhado pequeno revela, novamente, pouca vazão à fantasia e inibição da capacidade de criar e fantasiar. O prédio geralmente é um lugar em que moram muitas pessoas, porém, não existe vínculo entre essas pessoas, não é um ambiente afetoso e caloroso. Tanto na casa como no prédio, não há janelas nem portas, ou seja, inacessibilidade, isolamento e total ausência de contato, pouca interação com o ambiente.

As figuras estão localizadas na margem inferior do papel, podendo ser interpretado como indício de necessidade de apoio, medo de ação independente e falta de segurança pessoal (HAMMER, 1991). Nessa unidade a criança não representa a família dele, revelando grande dificuldade na interação familiar. O desenho da quarta unidade de produção é pobre, frio, desvitalizado e com poucos conteúdos, demonstrando uma atitude superdefensiva da criança e diálogo inflexível, como quem quisesse dizer “não quero mais falar sobre isso”.

Aspectos do conteúdo

Na quarta unidade de produção, a criança expressa grande dificuldade de entrar em contato com o tema proposto. Ao ser solicitado que desenhasse a sua própria família, a criança realiza um desenho com total ausência de vitalidade, uma casa vazia, sem comunicação e sem contato com o ambiente. As personagens, idealizadas, aparecem apenas na história. A mãe, a qual aparece apenas no relato, “está dormindo”, é desvitalizada, inerte e sem energia, não apresenta nenhum movimento para amparar ou ajudar o filho. Assim, as atitudes em relação à mãe são negativas, pois esta se revela omissa, rejeitadora. Mesmo assim, a criança idealiza uma casa feliz, com uma “família feliz”,

composta por ele, pela mãe e pelo padrasto. Há uma desarmonia e incongruência entre o que foi expresso no desenho e o relato verbal da criança, que aparentemente, não tem noção do que é a felicidade.

O prédio desenhado ao lado da casa, onde mora a tia, revela a tentativa de separar o bom e o ruim, preservando os aspectos bons, assim, nota-se a presença dos mecanismos de cisão, dissociação e de controle onipotente do objeto.

Supõe-se que a tia, citada na história, possa ser uma figura, afetiva, positiva e significativa para essa criança, ainda que idealizada, considerando que a avó o abandonou, como se verifica na segunda unidade de produção, e a mãe dorme. A presença da tia revela o desejo da criança de receber carinho, amor e a necessidade de proteção e abrigo. Ao mesmo tempo, sente culpa e teme ser abandonado por alimentar esse desejo.

Os sentimentos expressos são ambivalentes, derivados de conflitos que surgem da luta entre os instintos de vida e de morte, próprios da elaboração da posição esquizoparanóide e da vivência da posição depressiva. Aparecem sentimentos de culpa, medos de perda e de abandono, tristeza, desproteção.

Os mecanismos de defesa identificados são os de cisão, isolamento, negação, idealização e controle onipotente do objeto. Sobre o mecanismo de isolamento nos testes gráficos, Piccolo (1979) afirma que tal mecanismo deriva da necessidade de manter isolados os vínculos hostis e afetuosos dissociados, e podem ser observados nos desenhos com tais características: casa fechada, pobre, isolada, não há nada em volta, falta caminhos de acesso, portas e janelas não existem. Tais aspectos muito se aproximam do desenho de Elias.

A anulação entre o objeto gráfico e verbalização correspondente apóia-se no mecanismo de dissociação pelo qual a criança controla o vínculo agressivo com o objeto. O aspecto retraído, sem afeto, distante, atribuído à mãe se anula na produção verbal. A dissociação deriva da necessidade de dissociar o vínculo amoroso; as características persecutórias atribuídas ao objeto externo odiado são deslocadas para outros objetos externos que passam a ser temidos e evitados (PICCOLO, 1979).

3. 1. 5. Síntese Geral – Caso Elias

No caso Elias observa-se, pelos dados apresentados, a presença de sentimentos de insegurança, inferioridade, a busca por figuras significativas e maduras com quem possa se vincular. O primitivismo no grafismo indica ainda problemas no nível adaptativo, pois a produção gráfica não está de acordo com a idade, revelando inaptidão que pode ser de ordem intelectual ou de natureza afetivo-emocional, hipótese considerada adequada para o caso em questão, porém, não refutada através de quaisquer testes.

O quadro a seguir apresenta a síntese dos principais aspectos identificados, para uma melhor compreensão a respeito de como essa criança percebe a família, como introjetou as figuras significativas, como estabelece as relações entre os objetos bons e maus, suas defesas, sentimentos, atitudes, tendências e desejos.

Quadro 2 – Síntese da análise do DF-E – Elias.

G1.	Atitudes básicas	<p>1. <i>Insegurança.</i></p> <p>2. <i>Identificação positiva: a identificação positiva é dirigida à tia e à avó, ainda que idealizada.</i></p> <p>3. <i>Identificação negativa: identificação com a figura paterna é ausente, tanto nos desenhos quanto no relato;</i></p>
G2.	Figuras significativas	<p>1. <i>Figura materna negativa: mãe vivida como ausente, omissa, rejeitadora, objeto mau, atitudes e sentimentos negativos em relação à mãe;</i></p> <p>2. <i>Figura paterna negativa: pai ausente.</i></p> <p>3. <i>Figura fraterna (e outras) positivas: aspectos de relacionamento com os irmãos e outros iguais; ou seja, cooperação, colaboração, igualdade.</i></p>
G3.	Sentimentos expressos	<i>Sentimentos derivados do conflito: sentimentos ambivalentes, luta entre instinto de vida e de morte; próprios da fase da elaboração da posição esquizoparanóide e da vivência da posição depressiva, como postula Klein. Aparecem sentimentos de culpa, medos de perda e de abandono, solidão, tristeza, desproteção, ciúme depressivo e outros.</i>
G4.	Tendências e desejos	<i>Necessidades de suprir faltas básicas: desejos de proteção e abrigo, necessidades de manter as coisas da infância, de compreensão, de ser contido, de ser cuidado regressivamente, afeição primitiva e necessidades orais;</i>
G5.	Impulsos	<i>Amorosos e Destrutivos</i>
G6.	Ansiedades	<i>Ansiedades paranóides (culpa pela morte da avó)</i>
G7.	Mecanismos de defesa	<p><i>Cisão</i></p> <p><i>Negação/anulação</i></p> <p><i>Isolamento</i></p> <p><i>Idealização</i></p> <p><i>Negação maníaca ou onipotente</i></p> <p><i>Dissociação</i></p>

3.2. CASO 2 – LETÍCIA

Identificação

Nome: Letícia

Sexo: feminino

Idade: 09 anos

Escolaridade: 4ª série do Ensino Fundamental

Tempo de abrigamento: 02 meses

Histórico da criança

Letícia contava com 09 anos e vivia no abrigo há 02 meses, quando do contato inicial com a mesma. A garota foi encaminhada ao abrigo juntamente com o irmão de 08 anos pelo Conselho Tutelar. Na época, não estava frequentando a escola, porém, aguardava matrícula para iniciar a 4ª série do ensino fundamental. Antes de irem para este abrigo, haviam sido encaminhados ao CRECA (Centro de Referência à Criança e ao Adolescente). O motivo do encaminhamento foi devido à negligência da mãe e do padrasto, que faziam uso abusivo de álcool e outras substâncias entorpecentes. Segundo o relato das crianças, o pai “trabalhava na esquina” (tráfico de drogas) e a mãe sofria agressão do ex-companheiro (pai das crianças), que era traficante, usuário de álcool e drogas e encontrava-se preso. O atual parceiro da mãe também tinha envolvimento com o tráfico e também a agredia. A mãe, a qual se encontrava em processo de reabilitação da dependência química, havia começado a frequentar o abrigo poucos dias antes do contato inicial com a criança, para estar mais próxima dos filhos, e também ajudava na cozinha e limpeza do abrigo, aos finais de semana.

A família morava em área de risco e teve que ser removida do local após a residência ter sido atingida por enchentes. A mãe recebia auxílio aluguel e estava procurando uma nova casa para alugar, sendo este um dos critérios exigidos em juízo para reaver a guarda dos filhos.

O *rapport* com a criança foi breve e ocorreu em um único dia, após uma conversa com o grupo de crianças explicando sobre a realização da pesquisa. Letícia prontamente se propôs a participar, demonstrando ser uma criança comunicativa e com boa sociabilidade. No abrigo, assumia a liderança na maioria das atividades e mantinha bom relacionamento com todas as crianças. O desenho livre realizado na ocasião encontra-se nos anexos. O DF-E foi aplicado algumas semanas depois e realizado em uma única sessão de aproximadamente 60 minutos.

3. 2. 1. Primeira Unidade de Produção: (sem título)

“Desenhe uma família qualquer”.

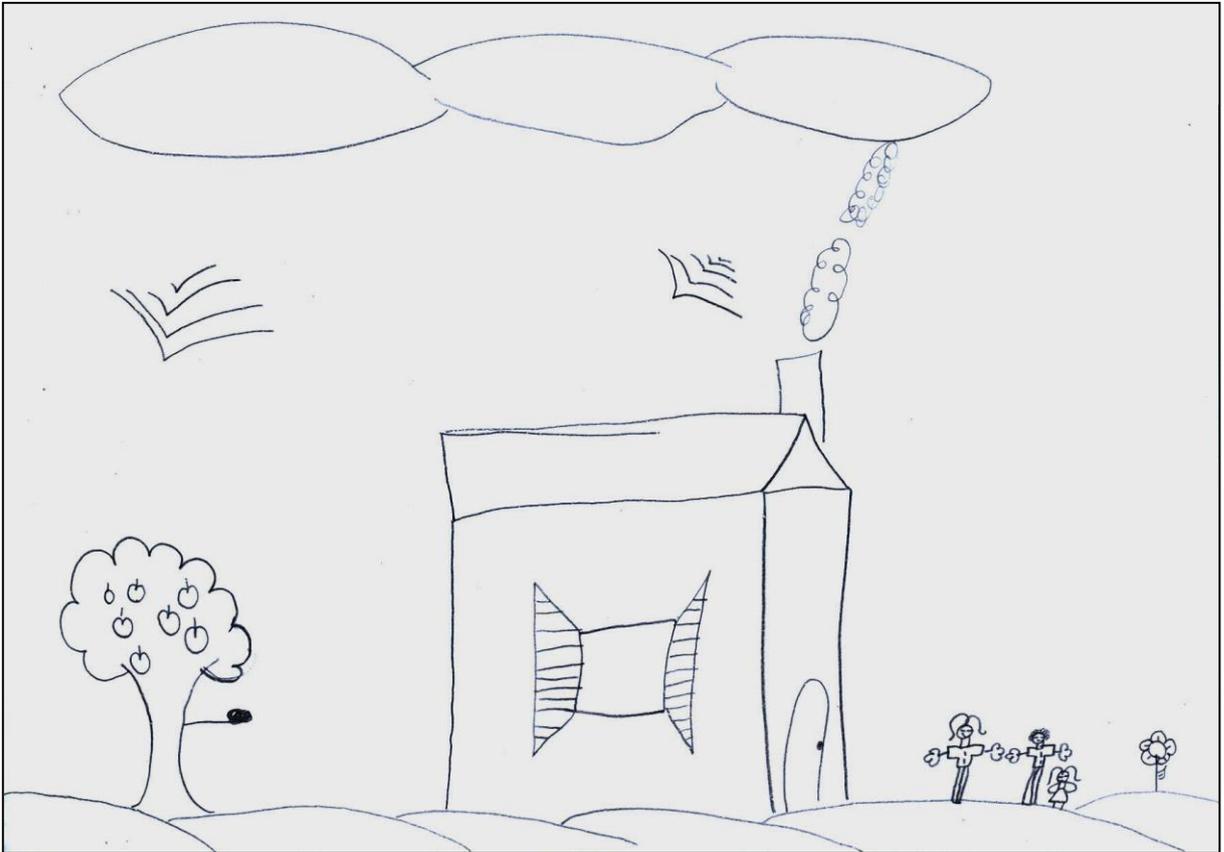


Figura 5 – Caso Letícia – Primeira Unidade de Produção (sem título).

Tempo de execução: 7 minutos

Observações durante a execução: A criança perguntou: “*Tia pode ser da minha família também?*”. Ao que foi respondido que poderia fazer o desenho como achasse melhor. Letícia desenhou primeiramente a árvore, as maçãs, a casa com chaminé, as nuvens e a flor, por último as pessoas, ao lado da casa.

3.2.1.1. Relato da Estória

P: Agora, olhando para o seu desenho, conte uma história sobre o que você desenhou.

L: *Aqui é uma casa. Aqui é a senhora e aqui é o tio.*

P: Que senhora?

L: *Você.* [referia-se à psicóloga]

P: E quem é o tio?

L: *É o tio Toninho*. E só.*

P: Quem mora nessa casa?

L: *Ninguém.*

P: Tem mais alguma coisa para contar sobre o seu desenho?

L: *Não.*

P: Que nome você dá para sua história?

L: *É muito difícil tia. Eu não sei.*

[Letícia, em silêncio, olhou para o desenho, não conseguiu criar um título para sua história]

P: Tudo bem. Se você conseguir pensar em um nome, você me fala.

* *Nome fictício, refere-se ao monitor do abrigo.*

3. 2. 1. 2. Análise e interpretação

Aspectos gerais do desenho

Sobre os aspectos gerais da primeira unidade de produção, o desenho está localizado na segunda metade inferior da página, indicando materialismo, fixação à terra, orientação para o concreto e inadequação com depressão. O traçado forte é um sinalizador de tensão, ansiedade e organicidade. A presença da linha de solo indica necessidades de segurança e também, ansiedade; quando desenhado como uma colina, pode representar sentimentos de isolamento e exposição, dependência materna e exibicionismo (BUCK, 2003). A criança desenha uma casa grande, sinalizando ambiente restritivo, tensão e compensação. A casa está localizada no centro da página, o que pode ser indicador de rigidez. A ênfase na janela significa ambivalência social e a janela aberta representa controle do ego pobre. A porta, relativamente grande, pode ser um sinal de dependência, com atitudes defensivas, representadas pela fechadura. A chaminé indica preocupações sexuais e as fumaças, tensão intensa no lar. As nuvens indicam fantasia e ansiedade.

O desenho da árvore revela a vivência de fantasia, através da copa em forma de nuvem e também a dependência e imaturidade, o que é indicado pelas frutas (maçãs). A presença do ninho, próprio em crianças de 09 a 12 anos, principalmente em indivíduos fantasistas, revelam uma concepção infantil de mundo.

As figuras humanas representadas são pequenas, sinalizando insegurança, retraimento, descontentamento, regressão. Os braços, que representam o contato com objetos e pessoas, foram desenhados longos e finos, nas figuras adultas, e em uma só linha, demonstrando marcados sentimentos de inadequação no contato e sinal de deterioração; na criança, os braços estão voltados para trás do corpo, indicando fuga do contato, rejeição e atitude primitiva, necessidade de controlar a expressão dos impulsos agressivos e hostis. As mãos, nas figuras adultas, foram desenhadas em tamanho grande,

expressando poder e comportamento agressivo, impulsividade, inadaptação nos aspectos mais refinados dos relacionamentos sociais; pode ser a expressão de atitudes compensatórias no contato com o outro, ou, ainda, sinalizador de vivências de agressão. Na figura infantil, as mãos estão escondidas atrás das costas, expressando evasão. Na cabeça, os olhos pequenos e omissão das pupilas revelam introversão e contato pobre com a realidade. A omissão do nariz sinaliza timidez, passividade e sensação de desamparo. A boca côncava e oralmente receptiva é comum em indivíduos infantis e dependentes. A ênfase no pescoço, que representa a ligação entre os impulsos instintivos corporais e o controle exercido pelo cérebro, foi observada nas figuras adultas, indicando necessidade de controle; já na figura menor, que representa a criança, o pescoço foi omitido, indicando perda de controle, imaturidade ou regressão e desamparo perante os impulsos que o assaltam. As pernas, nas duas figuras adultas, estão juntas, sinalizando rigidez e tensão. A figura menor tem as pernas pequenas e finas, assim como os pés, que nas três figuras foram omitidos, revelando desamparo e perda de autonomia, além de preocupações sexuais. Em relação aos acessórios, os botões na roupa das figuras adultas indicam personalidade infantil, dependência e inadequação, forte dependência materna.

Aspectos de conteúdo

Na primeira unidade de produção, a criança perguntou se poderia desenhar a sua própria família, porém, não o fez. Ao invés disso, desenhou duas figuras adultas – a psicóloga (pesquisadora) e o monitor do abrigo – com quem se identifica e busca uma vinculação afetiva positiva. A identificação com essas figuras revelam o desejo de se vincular com figuras adultas, maduras, que possam lhe dar continência.

A casa grande, reveladora de um ambiente restritivo, pode estar simbolizando o abrigo que, ao mesmo tempo em que é grande e habitado por muitas pessoas, é percebido pela criança como vazio, já que “não mora ninguém”. Letícia percebe a casa vazia, pois não encontrou figuras com quem pudesse estabelecer relações afetivas e significativas, que pudessem dar lugar aos seus objetos de identificação reais e imaginários. A criança sente dificuldade em dar nome ao desenho, revelando sua dificuldade de entrar em contato com o tema.

3. 2. 2. Segunda Unidade de Produção: “A família feliz”.

“Desenhe uma família que você gostaria de ter”.



Figura 6 – Caso Letícia – “A família feliz”

Tempo de execução: 11 minutos

Observações durante a execução: Antes de começar o desenho, a criança comentou: “É muita família que eu gosto. Tia pode ser de qualquer uma? Da minha também?”. Ao que lhe foi respondido que sim. Enquanto desenhava, a criança contava coisas sobre o abrigo, sobre um passeio que as crianças fariam à praia caso se comportassem bem. Segue relato das verbalizações, durante a execução do desenho, anterior à solicitação da história:

L: A tia Ana* (nome fictício, refere-se à tia do abrigo) falou que se eu merecer, eu vou pra praia.

P: Você gosta de ir à praia?

L: Eu nunca fui pra praia, nunca, nunca. Nem quando eu era pequenininha. A tia Ana falou que a gente vai em cinco lugares: o parquinho do Carmo, a praia, a chácara. Os outros eu não lembro agora. Pronto. Terminei. Aqui sou eu, meu avô, minha avó, meu primo, meu

outro primo e duas primas. É uma família enorme. Nem vou desenhar todos porque não vai dar. Eu tenho um montão de primos. A minha tia Ester tem três, minha tia Elena tem três, minha tia Luiza tem cinco e a outra tem três.

3.2.2.1. Relato da Estória

P: Agora, olhando para o desenho que você fez, invente uma história sobre o que você desenhou.

L: A gente tava indo pra casa. A gente tava na Igreja e tava voltando para casa. Um dia a gente foi com meu vô, minha vó, meus três primos que são irmãos e as primas que são irmãs também.

P: O que mais?

L: É só.

P: Eles estão felizes ou estão tristes?

L: Eles estão feliz.

P: E o que eles vão fazer agora?

L: Vão pra casa. Só.

[L. escreveu os nomes dos personagens]

P: Qual nome você dá para a sua história?

L: De novo? Pode ser família feliz?

P: Sim. É este o título que você quer?

L: É.

3.2.2.2. Análise e interpretação

Aspectos gerais do desenho

A análise referente à localização na página e qualidade do grafismo assemelha-se aos aspectos apontados na unidade anterior. A localização da casa, à esquerda da página, é indicadora de retraimento, regressão, organicidade, preocupação consigo mesmo, fixação no passado, impulsividade, necessidade de gratificação imediata. A linha se solo revela necessidade de segurança e ansiedade. A casa sem chaminé pode indicar falta de calor, e a porta encostada na parede pode revelar fragilidade no contato, com atitudes defensivas, ilustradas também pela fechadura. A parede aparentemente é fraca, indicando fraqueza nos

limites do ego. Há uma grande nuvem, revelando fixação na fantasia e ansiedade; o traçado leve revela medo, hesitação, insegurança.

O tamanho do desenho, em especial das figuras humanas, é pequeno em relação à página, e dá indícios de inferioridade, inibição, constrição, depressão, comportamento emocionalmente dependente e ansioso, descontentamento e regressão. A cabeça, pequena e sem ênfase, é característica em desenho de neuróticos, deprimidos ou socialmente inadaptados. O cabelo é a expressão de que se está vivo ou crescendo, e indica vitalidade sexual. Os olhos pequenos indicam introversão e contato pobre com a realidade; de acordo com Van Kolck (1984) parecem excluir o mundo, e quando são desenhados com só um círculo, em crianças, revelam dependência, emoção, falta de discriminação e superficialidade. A boca côncava, assim como no desenho anterior, é comum em indivíduos infantis e dependentes. A ênfase no pescoço indica necessidade de controle.

Os braços longos, mas fracos e finos, indicam pouca capacidade de manipulação; e em horizontal, formando ângulo reto com a linha do corpo, revelam contato superficial e pouco afetivo; no desenho de Letícia, as figuras femininas estão com os braços para trás das costas, o que revela fuga de contato, rejeição, atitudes primitivas, necessidade de controlar a expressão de impulsos agressivos e hostis. As mãos, nas figuras adultas, são grandes e expressam poder, comportamento agressivo, impulsividade e inaptidão dos aspectos mais refinados das relações sociais. As pernas longas indicam necessidade de autonomia e, por estarem juntas, revelam também rigidez e tensão. A omissão dos pés revela insegurança no passo e na adaptação sexual, falta de autonomia e desamparo. Os botões sinalizam inadequação e forte dependência materna.

Aspectos de conteúdo

Na segunda unidade de produção a criança desenha sua família expandida (avós e primos), mas não inclui no desenho a sua família nuclear (pai ou padrasto, mãe e irmão). A criança posiciona-se ao lado dos avôs, antes dos outros primos, indicando que os avôs são as figuras afetivas e significativas ou o modelo parental que ela gostaria de ter. Segundo Corman (1979) a criança se coloca no desenho ao lado das pessoas que lhe são mais significativas. É possível observar indícios de sentimentos de culpa, medo e ansiedade, quando a criança conta, em sua história, que a família estava voltando da igreja, e também quando comenta, em sua fala durante a execução do desenho, que “se eu merecer, eu vou para a praia”.

A presença de muitos primos representa relação positiva com as figuras fraternas. Provavelmente, o ideal de família que a criança possui seja de uma família grande e cheia de gente, mas ao contrário, transmite a ideia de que ela não tem nenhuma família. Assim, a

quantidade numerosa de figuras pode revelar atitudes compensatórias da criança contra sentimentos de solidão e abandono.

A relação positiva, ainda que fantasiada, é dirigida aos primos e não ao irmão, que é excluído do desenho e da história, podendo indicar competição, rivalidade, inveja, conflito e falsidade. Segundo Hammer (1991) as crianças, às vezes, omitem seus irmãos e irmãs, invariavelmente, por sentirem fortes ciúmes, numa tentativa simbólica de eliminar competições perturbadoras com o rival.

Na história, os personagens estavam voltando da igreja e iam para casa, revelando necessidade de suprir faltas básicas, como abrigo e proteção, de ser contido e cuidado. Os impulsos são amorosos e nota-se presença de ansiedades depressivas e também paranóides.

3. 2. 3. Terceira Unidade de Produção: “A família pobre”

“Desenhe uma família em que alguém não está bem”.

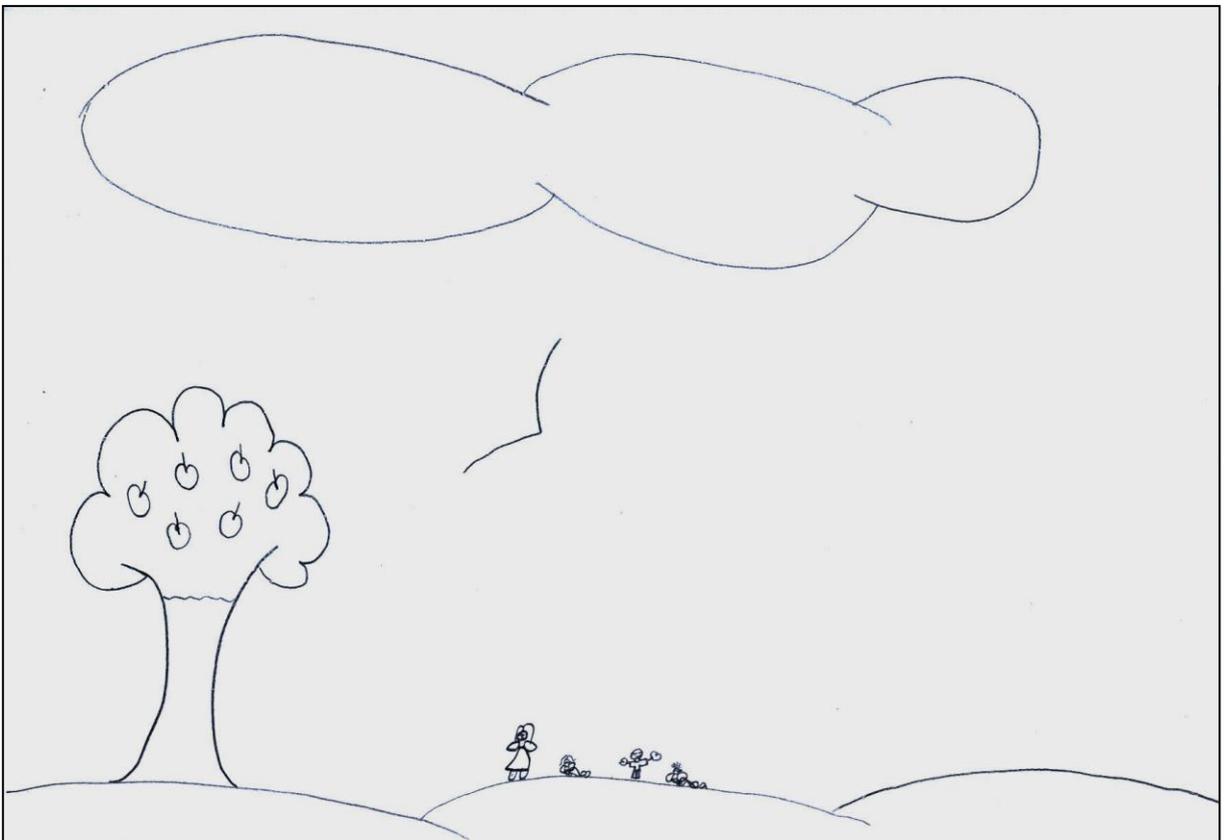


Figura 7 – Caso Leticia – “A família pobre”

Tempo de execução: 08 minutos

Observações durante a execução: Quando solicitado “desenhe uma família em que alguém não está bem”, a criança disse: “*Dos pobres, né? Que tá mais triste ainda, que não tem casa*”. Novamente, durante a elaboração do desenho a criança falou sobre sua mãe e sobre o abrigo. Seguem as verbalizações:

L: *Tia, não era a minha mãe que vinha me ver hoje, era minha tia. É a segunda vez que ela vem. Eu pedi pra ela trazer uma colega minha, mas tem que ver se a mãe dela vai deixar... Pronto, terminei.*

3. 2. 3. 1. Relato da Estória

P. Conte uma história sobre o desenho que você fez.

L: *Um homem pobre que tava sentado na calçada. E só. Tia, sabia que eu vi um homem vestido de mulher?*

P. Ah, é? E aí?

L: *Eu pensei ‘que estranho, um homem vestido de mulher’. Eu nem tinha percebido. Minha mãe que me falou que era homem [pausa]. Alguém uma vez me contou que quando a gente tá aqui, Jesus tá lá em cima, ele vê tudo. [desenhou uma árvore enquanto falava] Eu vou pôr aparelho. Será que eles vão deixar eu sair pra ir no dentista? Porque eu não quero ficar com os dentes todos pra fora. Eu já usei aparelho uma vez, mas eu perdi. Ele era desses que a gente tira, eu fui na casa da minha tia e tirei pra comer, depois eu não achei mais.*

P. Sobre o seu desenho, o que mais você tem para contar sobre estas pessoas? Por que esse homem estava na rua?

L: *Ele tava na calçada porque perdeu a casa.*

P: E as outras pessoas, quem são?

L: *É a mulher e a filha deles, o menino também.*

P: Todos eles moram na rua?

L: *Moram.*

P: E o que eles vão fazer agora?

L: *Eles vão pedir dinheiro pra conseguir emprego e uma casa.*

P: Como ele perdeu a casa?

L: *Ele perdeu a casa porque encheu. Ele morava lá no Itaim, aí a casa dele encheu de água. Eu já vi. Minha casa já encheu também. Eu ficava com muito medo. Eu não quero mais morar lá. Ainda bem que minha mãe agora tá morando em outra casa.*

P: E com quem você morava?

L: *Com minha mãe, meu irmão e meu tio.*

P: Seu tio?

L: *É. Na verdade é o meu padrasto, mas ele não é casado com a minha mãe, eu chamo ele de tio. Eu nunca vou chamar ele de pai, porque eu já tenho um pai.*

P: Mas você gosta dele?

L: *Às vezes, não muito porque ele vivia me chamando de nomes que eu não gosto: saco de batata, puro osso. Eu não gosto que ninguém mexa comigo.*

P: Como vocês vieram para o abrigo?

L: *O Conselho que trouxe a gente, porque eles tavam brigando muito.*

P: Quem estava brigando?

L: *Minha mãe e o meu tio.*

P: Mas eles brigavam com você também?

L: *Não. Eles brigavam muito. Às vezes, quando ele bebia, ele gritava com a gente. Mas eu não gostava quando ele batia na minha mãe. Aí ele chutava e empurrava a gente. Dá medo.*

P: E você quer voltar pra casa?

L: *Eu quero. Depende do tratamento na minha mãe.*

P: Que tratamento?

L: *Ela tá fazendo tratamento pra parar de beber. Ela disse que ele vai fazer também, mas ele não está fazendo. Ela agora já tá trabalhando e vem ajudar aqui de vez em quando. Já é a segunda vez que ela vem. Se ele não fizer o tratamento, ela vai ter que escolher ficar com ele ou com a gente. Se ela ficar com ele eu vou pra casa da mãe do meu tio.*

P: Você gosta dela?

L: *Gosto. Ela é boazinha.*

P: Posso guardar o seu desenho?

L: *Pode. Eu já terminei.*

3. 2. 3. 2. Análise e interpretação

Aspectos gerais do desenho

No desenho de “*uma família em que alguém não está bem*”, há uma grande nuvem, revelando fixação na fantasia e ansiedade. A árvore está localizada à esquerda da página, essa posição indica retraimento, regressão, organicidade, preocupação consigo mesmo, fixação no passado, impulsividade, e necessidades de gratificação imediata. O desenho da árvore é grande em relação ao tamanho das figuras humanas, revelando ambiente restritivo e de tensão, e a linha do solo indica necessidade de segurança. A copa em forma de nuvens revela fantasia, medo do contato com a realidade e falha no aproximar-se mais intimamente das coisas. Os frutos indicam o desejo de realizar, conseguir as coisas e obter

sucesso; as maçãs são geralmente desenhadas por crianças com necessidade de independência.

Sobre as figuras humanas, estas foram desenhadas em tamanho muito pequeno, indicando insegurança, retraimento, descontentamento, inadequação e regressão. A localização no centro da página representa rigidez. A queda, não somente sugerida, mas observada, visto que as pessoas estão no chão, é indicadora de extrema angústia. A linha de solo, que normalmente fornece um ponto de referência ao objeto, foi desenhada em forma de colinas, o que pode representar sentimentos de isolamento e dependência materna. Faltam detalhes essenciais no desenho das figuras humanas, revelando retraimento. A cabeça pequena, braços curtos, ausência de pés e mãos (essas presentes em apenas uma figura), expressam problemas de contato e adaptação social, e é também sinal de deterioração. A omissão dos pés e dedos indica insegurança no passo e da adaptação social, e expressam falta de autonomia.

Os desenhos são pobres em detalhes, indicando pouca energia e vitalidade. As pernas cortadas ou diminuídas revelam desamparo, perda de autonomia. Os braços muito pequenos revelam culpa, inadequação e rejeição.

Aspectos do conteúdo

Ao iniciar a história, a criança falou que iria desenhar uma família pobre, que está na rua; aparentemente, utiliza-se dos mecanismos de compensação e racionalização, como se quisesse dizer: “eu tenho um problema, não tenho casa e estou longe da minha família, mas pelo menos tenho onde morar”. Por outro lado, esta foi a única unidade de produção em que apareceu a figura de pai e mãe, a figura do pai é representada como frágil, fraco e pobre, mas a família está unida e vai em busca de ajuda para se reerguer e conseguir uma nova casa.

O que se verifica nesta unidade de produção, através do personagem que perdeu a casa e está morando na rua com sua família, são as atitudes básicas de insegurança e sentimentos de perda e abandono. Esses sentimentos são derivados de conflitos, próprios da fase de elaboração da posição esquizoparanóide e da vivência da posição depressiva. Há um desejo de reparação, com a necessidade de suprir faltas básicas, quando a família vai “pedir dinheiro pra conseguir um emprego e uma casa” (*sic*).

A criança conta resumidamente a história e muda de assunto, voltando novamente a contar de fatos cotidianos. Na ocasião, conta que viu um homem vestido de mulher, o que pode sinalizar que a imagem de homem e a representação de pai que ela possui, podem estar distorcidas ou fragilizadas. Nota-se também a vivência de ansiedades persecutórias

quando a criança diz que *“quando a gente está aqui, Jesus está lá em cima, vendo tudo”* (sic). Em sua fala a criança revela ainda sentimentos de ansiedade e fantasias em relação ao abrigo, quando diz: *“será que eles vão deixar eu sair para por o aparelho?”*.

No decorrer do relato, a criança faz uma projeção direta ao identificar-se com a história de vida do personagem, relatando uma situação de inundação vivida na região onde morava. Neste ponto, chama-se a atenção para a ocorrência de uma falha durante o inquérito, quando a pesquisadora dirige perguntas tais como: “Com quem você morava?” ou “Como ele perdeu a casa”, desviando o foco da história inventada para a situação real de vida da criança, transformando o inquérito em entrevista jornalística ou interrogatório, como define Muchielli (1978). Ao invés disto, poderia ter aprofundado o inquérito retomando a história do personagem que havia perdido a casa. Tal fato, de certa forma, induziu a fala da criança e impediu que novas associações pudessem ser extraídas a partir do estímulo do desenho. Ao mesmo tempo, verifica-se a necessidade da criança em falar muito de si, tanto enquanto desenhava quanto durante o relato da história, revelando sua carência afetiva, necessidade de atenção e o desejo de se vincular e obter atenção da psicóloga.

A relação com a figura materna é negativa, vista como fraca, talvez por conta da dependência e da opção que a mãe fez pelo padrasto e não pelos filhos; assim, a mãe e o padrasto são percebidos como objetos maus e são atacados, e a avó ocupa o papel de figura materna positiva em quem a criança deseja investir e com quem deseja se vincular para obter segurança e proteção.

3. 2. 4. Quarta Unidade de Produção: “Uma família muito feliz”

“Desenhe a sua família”



Figura 8 – Caso Letícia – “Uma família muito feliz”

Tempo de execução: 28 minutos

Observações durante a execução: Durante a execução do desenho a criança interrompeu por diversas vezes a atividade para falar sobre outros assuntos, alguns relacionados ao desenho e outros não. Seguem as verbalizações anteriores ao relato da história:

L: *Eu vou tentar fazer a minha família inteira.*[continuou desenhando em silêncio]

L: *Tia, ele também fez um monte de desenhos?*

P: *Ele quem?*

L: *O outro menino.*

P: *Fez o mesmo número de desenhos que você. Por quê? Você já está cansada?*

L: *Não. Eu gosto de desenhar. Quase todos os dias eu desenho porque eu quero aprender. Eu tenho que aprender muito ainda. Eu já sei bastante coisas, mas tenho que aprender muito mais. A lição que eu mais gosto é de matemática. Eu já sei o mais, o menos, a do um, do dois, do quatro e do cinco.*

P: A tabuada?

L: É. [pausa nas verbalizações]

L: *Eu tenho um monte de primos. Eu sou uma das mais velhas. Da minha família são: da minha tia Alice*, um, da minha outra tia Bete*, um, da minha outra tia Cátia*, mais um. [começou a falar os nomes e idades dos primos] Vou colocar até quantos anos eles tem pra não esquecer. Vou colocar só duas letras (nos nomes). Eu vou colocar minha colega que vai vir, aqui na frente. O nome dela é Isabelle, eu chamo ela de Isa TKM, por causa do programa de televisão. Todo mundo chama ela de Isa TKM.*

L: *Tia, depois que eu terminar, eu posso mostrar uma música que eu escrevi?*

P: Ah. Você escreve música? Pode sim, depois que terminarmos você me mostra.

L: *Tia, tá todo mundo brigando.*

P: Como assim?

L: *Aqui no abrigo todo mundo fica brigando, porque as meninas não querem que eu converse com as outras. Mas eu tenho que conversar com todo mundo, não precisa brigar. Porque senão leva consequência ou então vai pra cadeira do pensamento.*

[pausa]

L: *Ah! Tem um monte de família, que eu até esqueci. Agora é os meninos. Primeiro as mulheres. Todo mundo fala “primeiro as damas” não é? Aqui também, na hora do jantar, na hora do café, todo mundo fala “primeiro as damas”. Menos os pequenininhos, porque primeiro são os pequenininhos, aí tanto faz, porque eles são pequenos, então os grandes tem que esperar. Meu irmão é educado. Quando a gente vai entrar em algum lugar ele fala “primeiro as damas”.*

L: *Sabe, tia, no primeiro dia de aula, eu não fico, eu volto pra casa. Porque fica todo mundo olhando pra mim, eu não gosto. Na minha vida toda foi assim. Nos outros dias eu fico, depois eu conheço todo mundo, mas no primeiro dia eu vou embora. Também quando tem alguma dança, aí os meninos pedem pra dançar comigo. Eu tenho vergonha. Eu sempre tenho vergonha de tudo.*

[pausa]

L: *Tia tem um primo meu que se chama Pacote, ele tem um monte de apelido. Eu nem sei o nome dele de tanto apelido que ele tem.*

L: *A minha tia Ester quando eu contei pra ela o que tinha acontecido, ela disse que não ia deixar a gente aqui. Se nós fosse pro abrigo ela ia dar um jeito de tirar nós.*

P: E o que foi que você contou a ela?

L: *Que minha mãe e o meu tio tinha brigado. Você conhece a Cláudia do Conselho?*

P: Não conheço.

L: *Não conhece? Foi ela que trouxe a gente pra cá. Minha mãe e meu tio estavam brigando muito. E tava eu e meu irmão sentado lá fora chorando porque a gente tava com muito*

*medo. Aí meu pai chegou lá de carro com um amigo dele do conselho. Aí a gente foi pro CRECA**, fiquei dois dias no CRECA depois eu vim pra cá.*

L: Terminei. Tudo isso é minha família.

(* Nomes fictícios; ** Centro de Referência à Criança e Adolescente).

3. 2. 4. 2. Relato da Estória

P. Conte uma história sobre desenho que você fez.

L: A gente tava no aniversário da minha prima Carina. Ela ia fazer 10 anos. A gente tava na casa de uma colega da minha tia e tava voltando pra casa. E só. Isso tudo é a minha família. Vixi, esqueci do meu irmão, ele tem sete anos. [nesse momento inseriu a figura do irmão]

P. O que mais você tem para contar sobre o seu desenho?

L: Nada.

P: E o que eles vão fazer agora?

L: Eles vão para casa.

P: O que mais?

L: É só.

P: Que nome você dá para sua história?

L: Família feliz.

3. 2. 4. 2. Análise e interpretação

Aspectos gerais do desenho

O desenho demonstra fixação na fantasia, através da grande nuvem na metade superior da folha. A casa, localizada à esquerda da página, indica retraimento, regressão, organicidade, preocupação consigo mesmo, fixação no passado, impulsividade, necessidade de gratificação imediata. A linha de solo revela necessidade de segurança e ansiedade. A chaminé revela preocupações sexuais e a fumaça, intensa tensão no lar. A porta com fechadura indica atitude defensiva. A ênfase no telhado sinaliza introversão e fantasia. As paredes finas representam fraco limite do ego.

Sobre as figuras humanas, observa-se que a criança desenhou quatorze pessoas, sendo seis figuras femininas e sete figuras masculinas. Todas com a cabeça pequena, ênfase no pescoço, pernas curtas, omissão dos pés, olhos pequenos e braços curtos, indicando, como nas análises anteriores, insegurança, retraimento, descontentamento,

regressão, marcados sentimentos de inadequação no contato e sinal de deterioração. Nas figuras femininas, os braços estão voltados para trás do corpo, indicando fuga do contato, rejeição e atitude primitiva, necessidade de controlar a expressão dos impulsos agressivos e hostis; as mãos estão escondidas, atrás das costas, expressando evasão. Nas figuras masculinas, as mãos foram desenhadas grandes, expressando poder e comportamento agressivo, impulsividade, inadaptação nos aspectos mais refinados dos relacionamentos sociais. Os olhos pequenos e omissão das pupilas revelam introversão e contato pobre com a realidade. A omissão do nariz sinaliza timidez, passividade e sensação de desamparo. A ênfase no pescoço, presente no desenho das figuras masculinas, indica necessidade de controle; nas figuras femininas, o pescoço foi omitido, indicando perda de controle, imaturidade ou regressão e desamparo perante os impulsos que o assaltam. As pernas são pequenas e finas, e assim como a omissão dos pés, em todas as figuras, revelam desamparo e perda de autonomia, além de preocupações sexuais.

Novamente observa-se um exagero no número de figuras inseridas no desenho. De acordo com Corman (1979), “é da constituição natural das meninas serem mais sociáveis, mais dependentes da família, mais carentes de presença humana e menos solitárias que os meninos, tendem a desenhar uma ‘fiada’ de irmãos e irmãs, primos e primas e ainda colegas, dando-lhes, às vezes, nomes, coisa que raramente os meninos fazem”. No entanto, esse exagero pode ser um sinalizador de falta de controle e perseverança, motivado pelo desejo de atender alguma necessidade.

Aspectos de conteúdo

Sobre os aspectos de conteúdo, durante as verbalizações e no relato das histórias, nota-se que a criança revela certa hostilidade vivida no abrigo “*aqui fica todo mundo brigando*” (*sic*), o que sugere um aspecto negativo das relações com as figuras fraternas, de competição, rivalidade, conflito, inveja, e outros sentimentos que possam estar sendo vividos entre as demais crianças do abrigo. Revela também curiosidade a respeito do que poderia ser feito com o seu desenho e com o desenho das outras crianças “*tia, ele (o outro menino) também fez um monte de desenho?*”.

O irmão, mais uma vez é “esquecido”, sendo inserido no desenho apenas durante a narração da história. Verifica-se aqui uma desvalorização deste personagem (o irmão) e, de acordo com Corman (1979) consiste num dos mecanismos mais primitivos, quando se nega a realidade a qual se sente incapaz de se adaptar; tal negação exprime-se no desenho pela supressão pura e simplesmente daquilo que provoca angústia. Quando falta num desenho, um dos membros da família, quando este existe verdadeiramente e esteja presente no lar,

pode-se concluir que o sujeito deseja de todo o coração seu desaparecimento. A pessoa excluída é frequentemente um dos irmãos, mas não é raro que após suprimi-la a criança se defenda racionalizando essa ausência (CORMAN, 1979).

Em relação ao número de pessoas desenhadas, pode ser um indicativo de defesa maníaca, conforme indica Piccolo (1990, p. 253),

há uma grande preocupação em 'encher o desenho de conteúdos' que tendem a enriquecer (...), evita-se assim o temor à destruição interna do objeto e os próprios sentimentos de vazio e de carência.

Novamente, as figuras materna e paterna não aparecem no desenho e tampouco na história da criança. No relato anterior à história, a criança faz menção ao pai biológico e relata que jamais chamaria o padrasto de pai, pois ela tem um pai; aparentemente existe uma vinculação afetiva forte com esse pai, ainda que idealizada; enquanto que a figura da mãe é ausente, rejeitadora e omissa. A mãe, enquanto objeto bom, mais uma vez é deslocada para outra figura, dessa vez, a tia.

Verifica-se que Letícia busca se vincular com a pesquisadora, quer que ela saiba da sua história e de sua vida, por exemplo quando pergunta "*Você não conhece a Cláudia do conselho?*" e se surpreende pelo fato da psicóloga não conhecê-la. Esse desejo de se vincular à figuras adultas e significativas é comum em crianças, ao mesmo tempo revela a carência afetiva e a necessidade de encontrar substitutos que supram a ausência dos pais.

3. 2. 5. Síntese geral – Caso Letícia

O caso em questão trata-se de uma criança que esta em situação de abrigo, como medida de proteção, no caso, pela negligência da mãe e padrasto e o envolvimento de ambos no uso de substâncias entorpecentes. A criança expressa, através do DF-E sentimentos de culpa, medo, ansiedade e abandono e utiliza de mecanismos de defesa como compensação e racionalização para lidar com esses sentimentos que lhe causam angústia e sofrimento.

Segue quadro com a síntese da análise do caso:

Quadro 3 – Síntese da análise do DF-E – Letícia.

G1.	Atitudes básicas	<p><i>Aceitação: necessidades e preocupações com aceitação, êxito, crescimento e atitudes de segurança, domínio, autonomia, auto-suficiência e liberdade;</i></p> <p><i>Insegurança: necessidades de proteção, abrigo e ajuda; busca esta vinculação com figuras adultas nos educadores do abrigo; percepção do mundo como desprotetor, medo de não conter os impulsos; dificuldades em relação ao crescimento.</i></p>
G2.	Figuras significativas	<p><i>Figura materna positiva: os sentimentos positivos em relação a figura materna são dirigidos à avó (objeto bom); que é sentida como presente, gratificante, boa, afetiva, protetora, facilitadora;</i></p> <p><i>Figura materna negativa: a mãe é vivida como ausente, omissa, rejeitadora (objeto mau); atitudes e sentimentos negativos em relação à mãe, que não aparece nas estórias.</i></p> <p><i>Figura paterna positiva: buscada no tio do abrigo ou no avô;</i></p> <p><i>Figura paterna negativa: pai ausente, omissa, ameaçador, autoritário, além de outros sentimentos negativos em relação ao pai. Na terceira unidade de produção nota-se a figura do pai frágil e impotente, nas demais unidades, o pai não está representado;</i></p> <p><i>Figura fraterna (e outras) positivas: aspectos de relacionamento com os irmãos e outros iguais; ou seja, cooperação, colaboração, igualdade. Muito revelada através do grande número de primos, mas o conteúdo não revela detalhes sobre como esses relacionamentos são vividos.</i></p> <p><i>Figura fraterna (negativa): foi observado o desejo de excluir o irmão, através na não inclusão dele nos outros desenhos, na quarta unidade de produção, a criança lembra de incluí-lo, somente no final.</i></p>
G3.	Sentimentos expressos	<p><i>Sentimentos derivados dos instintos de vida: mais construtivos, como alegria, amor, energia, instinto sexual, conquista, sentimentos de mudança construtiva;</i></p> <p><i>Sentimentos derivados do conflito: sentimentos ambivalentes, luta entre instinto de vida e de morte; próprios da fase da elaboração da posição esquizoparanóide e da vivência da posição depressiva, como postula Klein. Aparecem sentimentos de culpa, medos de perda e de abandono, solidão, tristeza, desproteção, ciúme depressivo e outros.</i></p>
G4.	Tendências e desejos	<p><i>Necessidades de suprir faltas básicas: desejos de proteção e abrigo, necessidades de manter as coisas da infância, de compreensão, de ser contido, de ser cuidado regressivamente, afeição primitiva;</i></p> <p><i>Tendências construtivas: mais evoluídas como necessidades de cura, aquisição, realização e autonomia, mas também de liberdade, de crescimento, construtividade, desejo de canalizar energia sexual e agressiva, de recuperar partes sadias, de desligar-se das coisas infantis, de evitar danos físicos ou psicológicos.</i></p>
G5.	Impulsos	<p><i>Amorosos</i></p> <p><i>Destrutivos</i></p>
G6.	Ansiedades	<i>Ansiedades paranóides e também Ansiedades depressivas</i>
G7.	Mecanismos de defesa	<i>Projeção</i>

		<i>Repressão</i> <i>Racionalização</i> <i>Isolamento</i> <i>Idealização</i> <i>Compensação</i>
--	--	--

3.3 CASO 3 – LUIZ

Identificação

Nome: Luiz

Sexo: masculino

Idade: 10 anos

Escolaridade: 4ª série do Ensino Fundamental

Tempo de abrigamento: 06 meses

Histórico da criança

Luiz contava com 10 anos quando da execução do desenho e cursava a 4ª série do Ensino Fundamental. Estava no abrigo há 06 meses quando da aplicação do instrumento, e estava abrigado com outros três irmãos, duas meninas de 07 e 09 anos e o irmão caçula, com 05 anos de idade. Foram encaminhados pelo Conselho Tutelar, após queixas de maus tratos e abandono. A denúncia havia sido feita por um tio, após a mãe ter deixado as crianças sozinhas, sem comida e atenção, por vários dias, sob os cuidados de uma pessoa adulta com “doença mental”. O companheiro da mãe era pai apenas do filho caçula e havia falecido. As outras crianças não tinham contato com o pai biológico, que segundo relatos dos familiares (conforme relatórios do abrigo), era traficante de drogas. No abrigo, as crianças recebiam visitas periódicas da mãe, tios, primos e outros familiares.

Antes da aplicação do DF-E, Luiz havia participado de algumas entrevistas iniciais para *rapport*, e um dos desenhos produzido nessa ocasião encontra-se anexado ao final deste trabalho (ANEXO D). Os desenhos do instrumento DF-E foram coletados em duas sessões de 60 minutos cada uma, sendo realizadas duas unidades de produção em cada sessão. A seguir são apresentadas as produções da criança referentes ao procedimento de Desenhos de Família com Estórias e suas análises.

3.3.1 Primeira Unidade de Produção: “Peixe feliz”

“Desenhe uma família qualquer”

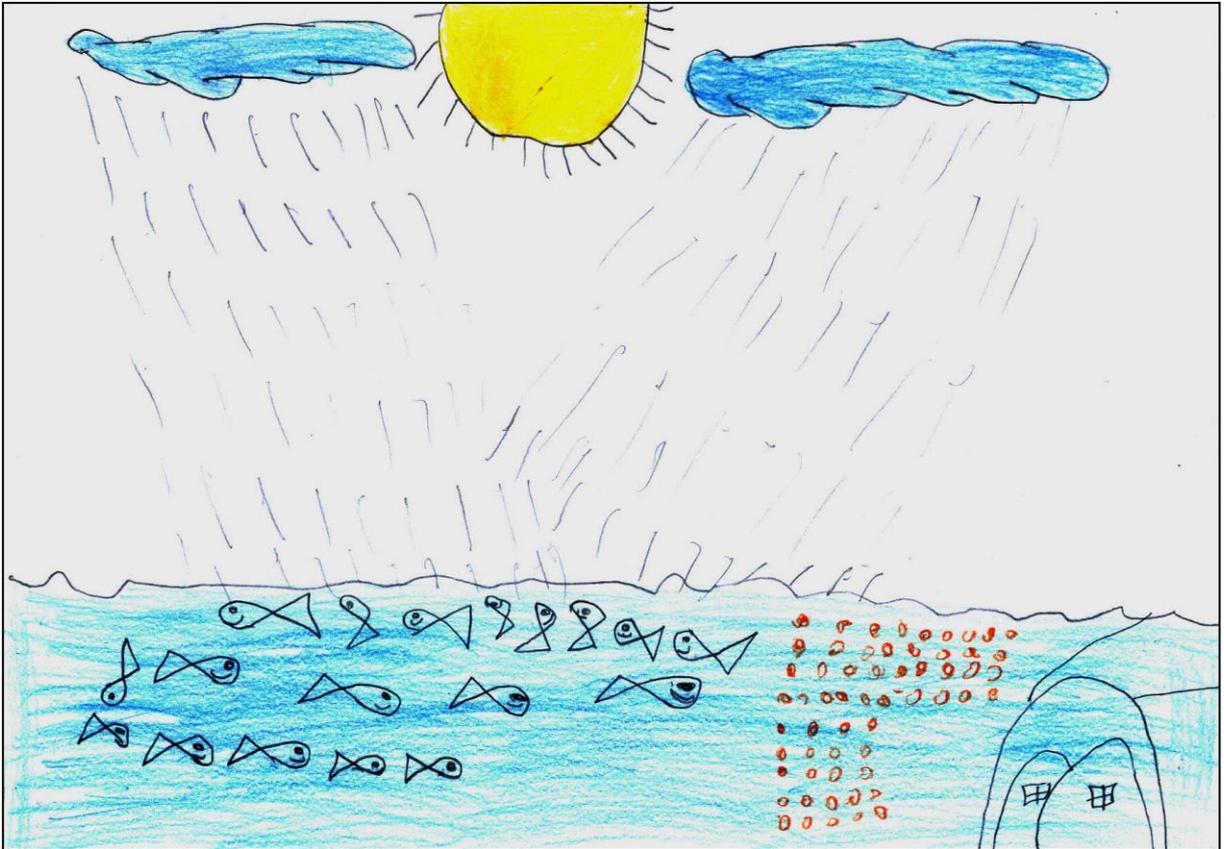


Figura 9 – Caso Luiz – “Peixe feliz”

Tempo de execução: 25 minutos

Observações durante a execução: A criança iniciou desenhando as nuvens e o Sol. Enquanto desenhava perguntou à psicóloga se os desenhos seriam dados às famílias, ao que foi respondido que não. Depois de desenhar e colorir o Sol e as nuvens, a criança olhou para a folha e disse: “*Deixa eu ver o que eu faço...*”. Depois traçou uma linha divisória na folha e desenhando o mar. “*Deixa eu pensar...Já sei, pode ser uma família de peixes?*”. A psicóloga respondeu: “Pode ser uma família do jeito que você quiser”. Desenhando, então, alguns peixes e depois uma casa no fundo do mar: “*duas portas, que é para os peixes dormir*” (sic). Luiz contou os peixes, desenhando algumas bolinhas, contou novamente os peixes, e continuou a desenhar as bolinhas. Apontou para as bolinhas e disse: “*aqui é a comidinha deles*”. Olhou novamente para o seu desenho e disse: “*O que eu faço mais?*” (pausa), “*Deixa eu ver se faço mais alguma coisa*” (pausa), “*Já sei, já sei!*”. Desenhando pingos de chuva. “*Pronto. Terminei*”.

3.3.1.1 Relato da Estória

P: Agora, olhando para o seu desenho, conte uma história sobre o que você desenhou.

L: *É difícil.* [pausa]

L: *Os peixe trabalhava pra ganhar comida do mestre, e quem ganhasse mais ia guardando comida.*

P: Eles ganhavam comida, e aí?

L: *Aí eles ficava feliz.*

P: E quem era o mestre?

L: *Era o que ajudava e dava comida pra eles.*

P: E o que mais?

L: *E quando chovia eles brincava e guardava comida. E só.*

P: E isso, o que é? [apontando para a casa]

L: *É a casa deles.*

P: E quem morava nessa casa?

L: *Todos. O mestre e eles.*

P: Tem mais alguma coisa que você queira contar sobre sua história?

L: *E quando fosse o aniversário deles, eles ia fazer um bolo.*

P: Ah. Eles iam fazer um bolo! E aí?

L: *É só.*

P: Qual nome você dá para sua história?

L: "Peixe feliz".

3.3.1.2 Análise e Interpretação

Aspectos gerais do desenho

O desenho da família na primeira unidade de produção é representado por uma família de peixes. Em estudo realizado por Van Kolck (1981) a autora constatou que o desenho de animais apareceu em mais de 39% dos casos de desenhos infantis, por serem vivos e ativos, e por isso lhes chamam mais atenção. O desenho de animais é mais comum em meninos que em meninas, e os peixes são o segundo grupo de animais mais desenhados, após o grupo das grandes aves. O animal seria um símbolo escolhido para o qual a criança desloca sentimentos proibidos vivenciados em relação aos pais e irmãos, bem como os impulsos reprimidos. Os sentimentos proibidos, inaceitáveis ou dolorosos, aspectos negativos e conflitivos, podem ser mais facilmente projetados no desenho de

animais que no da figura humana, ou mesmo da casa ou da árvore. De acordo com Levy e Levy (1991), o desenho do peixe pode estar relacionado ao autoconceito, e sentimentos de ser esquisito (esquízóide) tal como um peixe “fora d água”.

O desenho de uma família de peixes pode ser analisando também como uma fuga do contato com a realidade, refletindo a convicção da criança que apenas em um lugar tão distante poderia encontrar proximidade e interação familiar, junto com a expectativa de que a aceitação e proximidade familiar não poderiam ser atingidas neste mundo, refletindo a busca por satisfação na fantasia, como única solução possível para sua dolorosa fome de calor emocional e relações interpessoais (HAMMER, 1958 *apud* VAN KOLCK, 1981).

As nuvens no desenho são indicadoras de ansiedade generalizada em relação ao objeto desenhado. O sol parece representar a figura de maior autoridade ou de maior valência emocional dentro do ambiente do indivíduo (BUCK, 2003).

O desenho da chuva implica a necessidade do indivíduo em expressar seus sentimentos de estar sendo submetido a pressões ambientais fortes e opressivas (BUCK, 2003). Segundo Hammer (1991) o desenho da chuva sugere sentimentos de estar sob as mais pesadas condições ambientais de tensão.

A casa com duas portas e duas janelas revela o desejo e necessidade de contato e comunicação direta com o meio.

O desenho das comidinhas do peixe (bolinhas), assim como a chuva, aponta para falta de controle (obsessão) e mecanismo de perseveração com a necessidade de preencher todos os espaços possíveis.

Aspectos de conteúdo

Quando a criança pergunta o que seria feito com os desenhos, revela sua fantasia sobre que fim seria dado aos mesmos, indicando aspectos de persecutoriedade. Ao perguntar por diversas vezes “O que eu faço” a criança revela necessidade de direção, de saber o que fazer e aonde vai. Os comentários parecem representar uma necessidade compulsiva para estruturar a situação o mais completamente possível, como um indicativo de insegurança (BUCK, 2003).

No relato da estória a criança inclui a figura do mestre, que não aparece no desenho. A figura do mestre foi inserida para gratificá-lo, revelando a necessidade de uma pessoa que o ajude, que possa satisfazê-lo e gratificá-lo, já que o mestre era aquele que “ajudava e dava comida pra eles”. O personagem considerado protetor e nutridor, inserido na história, pode estar representando a figura do pai. Assim, a criança atribui à figura do pai os meios (seios) nutrízes que seriam atribuídos à mãe; tal figuração, de acordo com Corman (1979)

supõe grande imaturidade afetiva e fixação no estágio oral, estágio no qual o pai e a mãe não se diferenciam ainda. Por ser uma característica excepcional no desenho da família, o autor apresenta uma compreensão dessa relação alimentar com o pai, como um substituto da relação edípica pelo mecanismo de regressão ao estágio oral: o pai está presente e o protege, enquanto a mãe não é citada em momento algum.

O bolo de aniversário (que também foi inserido na estória) indica a presença do mecanismo de idealização, assim como o título da estória “peixe feliz”.

3.3.2 Segunda Unidade de Produção: “Brincadeira”

“Desenhe a família que você gostaria de ter”



Figura 10 – Caso Luiz – “Brincadeira”

Tempo de execução: 28 minutos

Observações durante a execução: Ao ser dada a instrução “desenhe a família que você gostaria de ter”, a criança sorriu. Mais uma vez, iniciou desenhando nuvens. Perguntou à psicóloga se os dois desenhos eram para ela, e a mesma respondeu que sim, que era para

ajudá-la em uma atividade escolar, e que ainda iria lhe pedir mais alguns. Desenhou um objeto no centro da folha, que aparentemente seria uma figura humana, quis apagar o desenho, mas como foi informado que não havia borracha, desenhou uma figura humana maior ao lado, começando pelo tronco e pescoço, depois, pés e pernas, cabeça, cabelo e mãos, nesta sequência. *“Agora eu fiz uma figura bem difícil”*. (Por que difícil?) *“É que eu ia fazer uma família e a gente ia chutar lata, mas tá muito grande, não dá pra chutar”*. Luiz pintou a figura humana e disse: *“Deixa ver o que mais... Já sei.”* Desenhou a figura feminina e pintou. *“Tia, pode fazer uma chuva, mas de pedrisco?”* (pode) *“Aí os dois tava tomando chuva na cabeça”*. Escreveu “ai, ui, uia” e repetia esses sons, enquanto escrevia.

3.3.2.1 Relato da Estória

P: Agora, conte-me uma história sobre o desenho que você fez.

L: *Ah, tia essa aqui é difícil.* [desenhou mais gotas de chuva]

L: *Ele tava brincando de bola quando a chuva chegou aí caiu granizo. Aí o braço dela quebrou.*

P: O braço dela quebrou, como assim?

L: *Ele tava jogando bola, e acertou a bola no braço dela, e o granizo quebrou o braço dela.*

P: O braço dela quebrou porque ele acertou a bola no braço dela ou foi o granizo?

L: *Ele chutou a bola e o braço dela quebrou.*

P: E aí?

L: *Aí o braço dela foi para o esgoto.*

P: O que aconteceu depois?

L: *Depois ela ficou sem braço.*

P: Quem são essas pessoas?

L: *Duas pessoas conhecidas que se encontraram e ficou brincando.*

P: Eles já se conheciam e se encontraram, de onde eles se conheciam?

L: *Da China.*

P: Eles se conheceram na China? Como?

L: *Um morava na Itália, e o outro na China, aí eles se conheceram e ficaram amigos e brincaram.*

P: E o que vai acontecer com eles agora?

L: *Eles foram pro hospital. Porque ele chutou a bola com tanta força, e quebrou o braço dela.*

P: E aí?

L: *Depois o médico colocou um braço nela novo.*

P: E aí?

L: *E ele pediu brigado pro médico e para Jesus.*

P: Tem mais alguma coisa que você queira contar sobre a sua história?

L: *Que cada um pediu perdão para o outro.*

P: Que nome você dá para a sua história?

L: Brincadeira.

3.3.2.2 Análise e interpretação

Aspectos gerais do desenho

Em relação aos aspectos gerais do desenho, o tamanho da figura em relação à página é grande (aproximadamente 2/3 da folha) revelando sentimentos de expansão e agressão, falta de controle e inibição, ideias de grandeza que podem encobrir sentimentos de inadequação.

A sequência adotada pela criança na execução das figuras humanas, iniciando pelo pescoço e tronco, depois pernas e pés, deixando por último a cabeça e os braços, desvia da sequência considerada comum no desenho da figura humana, que seria iniciar pela cabeça, traços faciais, pescoço, tronco, braços, mãos, pernas e pés. Tal sequência pode dar indícios de psicopatologia severa.

A cabeça é a área da inteligência e controle das fantasias; a cabeça pequena indica pouca racionalização e inadequação intelectual; nas duas personagens, foram desenhadas desproporcionalmente pequenas em relação ao tamanho do corpo, em geral, representado por indivíduos obsessivos compulsivos; pode, ainda, representar negação do lugar de pensamentos dolorosos e sentimentos de culpa. Os olhos pequenos revelam o desejo de ver o mínimo possível; parecem excluir o mundo, como se a criança estivesse absorto em si mesmo. A boca côncava e oralmente receptiva geralmente é desenhada por indivíduos dependentes e infantis; a concavidade para cima, tipo palhaço, revela o desejo de obter aprovação.

Sendo o pescoço, a ligação entre a cabeça (área do controle) e o corpo (área dos impulsos); a linha divisória existente entre o pescoço e cabeça, acentua a separação entre o controle e os instintos.

Os braços longos revelam um esforço por ambição exagerada. Os ombros, desproporcionalmente grandes, revelam muita preocupação acerca da necessidade de força ou poder, tanto físico quanto psicológico; quando quadrados ou enfatizados, revelam hostilidade.

O tamanho da perna conota um grande esforço por autonomia e pode revelar uma tentativa reparatória (ou reparação maníaca) pelo desejo de autonomia. As pernas afastadas são indicadores de agressão. Os pés muito grandes indicam a necessidade de segurança, e sugerem também a necessidade de demonstrar virilidade. A incapacidade de fechar a parte da pélvis sinaliza a presença de conflitos relacionados aos impulsos sexuais.

Na figura feminina a omissão das mãos pode estar ligada a sentimentos de inadequação; as mãos saindo do final do antebraço conotam hostilidade, assim como o braço amputado, dando indícios de violência. O tronco comprido e estreito carrega conotações esquizóides. A cintura revela forte conflito entre a expressão e o controle do impulso sexual, sendo que a cintura pequena ou apertada “cinturita” revela controle precário (saída em explosões). Os pés apontados para lados opostos revelam sentimentos de ambivalentes.

Na segunda unidade de produção, novamente, aparece o desenho da chuva, desta vez, “com pedriscos”. A chuva, deste modo, pode indicar perseveração, descontrole, obsessão. A chuva sobre a cabeça pode revelar a pressão que a criança sente sobre si mesmo, sugerindo sentimentos de estar sob as mais pesadas condições ambientais de tensão.

Aspectos do conteúdo

Quando solicitado à criança “*desenhe a família que você gostaria de ter*” a criança sorriu, o que poderia ser um indicativo de dissonância cognitiva. Ao dizer: “*agora fiz uma figura bem difícil*” a criança manifesta necessidade de ser reconhecido e valorizado. A família que gostaria de ter é a “ideal”, portanto, mobiliza e aciona a ação defensiva (idealização). Esta atitude defensiva justifica sua resistência em contar a história “*Ah, tia essa aqui é difícil*”. Nessa unidade nota-se a existência do conflito entre o desejado e o temido, entre a realidade e a fantasia.

Tais comentários parecem indicar uma necessidade compulsiva para estruturar a situação o mais completamente possível, como um indicativo de segurança. De acordo com Buck (2003) quando a criança fizer uma pausa maior que cinco segundos em cada desenho, um conflito é fortemente sugerido.

A chuva veio e atrapalhou, impediu a brincadeira de bola. Literalmente, apresenta um temporal como reflexo de seus sentimentos em um ambiente tenso e infeliz. As figuras estão desprotegidas das pressões ambientais, sem recursos para lidar com os aspectos desagradáveis do ambiente, a não ser permanecer no mesmo lugar, suportando tudo (Hammer, 1991).

Há sentimentos de perda daquilo que dava prazer e sentimento de castração, pelo fato em si e pelo braço quebrado, que pode indicar persecutoriedade e castração na punição. O braço quebrado foi para o esgoto, para o lixo, para onde não pode ser aproveitado, numa tentativa de deixar no esquecimento os aspectos dolorosos e ruins. Nota-se que o vínculo existente entre as duas personagens é de agressividade “*ele chutou a bola e o braço dela quebrou*” e “*ela ficou sem braço*”, lesada, castrada e impedida. A relação entre os dois personagens é de distanciamento “*são duas pessoas conhecidas*”, um morava na Itália e outro na China, e um dia se encontraram por acaso e ficaram brincando. Esta fala revela um pouco da dinâmica do abrigo, onde existem crianças de diferentes lugares e tem que aprender a viver juntos. Nota-se que não há vínculo e afetividade ou amizade entre essas pessoas. Observa-se, ainda, a utilização de mecanismo de deslocamento, visto que não consegue entrar em contato com a sua realidade, o local em que mora e onde vive a sua família, assim, desloca para locais distantes, como a China ou Itália, a trama de sua história.

Depois do braço quebrado, os dois foram para o hospital, este trecho revela um pedido de ajuda e o desejo de ser cuidado. O desejo de reparação é indicado através da figura do médico, que “*colocou um braço nela novo*” e pelo pedido de perdão “*cada um pediu perdão para o outro*”.

A história apresenta o descontrole do menino, que “*chutou a bola com tanta força e quebrou o braço dela*”. Nota-se, nesta unidade de produção, um ambiente de conflito e forte tensão, agressividade, hostilidade, descontrole, mecanismos de deslocamento e reparação maníaca. Contudo, o título “Brincadeira” não condiz com a história trágica e com o conteúdo apresentado, numa tentativa da criança de minimizar o conflito.

3.3.3 Terceira Unidade de Produção: “Cuidado com os acidentes”

‘Desenhe uma família em que alguém não está bem’



Figura 11 – Caso Luiz – “Cuidado com os acidentes”

Tempo de execução: 20 minutos

Observações durante a execução: iniciou desenhando as nuvens e o sol. Depois desenhou uma figura humana, começando pelas pernas, cinto, tronco, cabeça, cabelos. Perguntou: “*Como você falou mesmo?*” e a psicóloga repetiu a instrução. Desenhou os pés e por fim os braços. Coloriu a figura, e depois desenhou um chapéu sobre a cabeça.

3.3.3.1 Relato da Estória

P: Olhando para o seu desenho, me conte uma história sobre o que você desenhou.

L: *Ele fazia circo, aí depois ele pôs um negócio na cabeça.*

P: Que negócio?

(L. desenhou uma garrafa sobre a cabeça)

L: *É uma garrafa de vidro de álcool, aí o vidro caiu e quebrou no braço dele e ele se cortou todo.*

P: Ele se cortou? E aí?

L: *Aí o álcool caiu na boca dele, ele sentiu que passou mal e jogou tudo no esgoto.*

P: Ele jogou no esgoto?

L: *Ele engoliu um pouco e jogou fora, no esgoto.*

P: Quem é essa pessoa?

L: *O nome dele é Dé.*

P: E o que ele fazia no circo?

L: *Um monte de coisa, brincava com bola, com ursos.*

P: E com quem ele morava?

L: *Com a família dele.*

P: E onde está a família dele?

L: *No Brasil.*

P: O que mais?

L: *Ele mora com a mãe dele e com a família dele que ele tem; e com os amigos deles.*

P: Então ele mora com a família e com os amigos dele, quem são os amigos dele?

L: *Rael, Henrique, Guilherme e Tiago.*

P: E o que vai acontecer com ele agora?

L: *Ele foi pro médico e vai ficar internado.*

P: Ele vai ficar internado?

L: *É.*

P: Tem mais alguma coisa que você queira acrescentar à sua história?

L: *Não.*

P: Que nome você dá para essa história?

L: *Cuidado com os acidentes.*

3.3.3.2 Análise e interpretação

Aspectos Gerais do desenho

Novamente nesta unidade de produção a criança iniciou o desenho com as nuvens e sol na metade superior da folha, revelando fixação na fantasia. Em relação à sequência, no desenho da figura humana, mais uma vez a cabeça foi desenhada por último, dando indícios de patologia. Os traços faciais leves e com pobreza de detalhes sinalizam retraimento. Os

braços truncados e cortados sinalizam necessidade de conter o fluxo dos impulsos (VAN KOLCK, 1984).

Os braços truncados (ênfáticos) são indicadores de agressão e grande necessidade de realização; o tamanho grande revela tensão, compensação e necessidade de realização, revelam ainda sentimentos básicos de força e luta; podendo indicar também ambiente restritivo. O tronco, desproporcionalmente grande, implica a presença de muitos impulsos insatisfeitos que o indivíduo pode sentir intensamente; ombros quadrados revelam atitudes hostis e demasiadamente defensivas.

A linha da cintura tem a função de coordenar os impulsos de poder (parte superior do tronco) e os impulsos sexuais (parte inferior); no desenho verifica-se a presença de expressiva divisão do tronco e área genital. A ênfase exagerada expressada pelo cinto implica forte conflito na expressão e controle dos impulsos sexuais; segundo Van Kolck (1984) o cinto indica controle e racionalização da tensão pela divisão do corpo em zonas.

Aspectos do conteúdo

Nesta unidade a criança revela a sua dificuldade em entrar em contato com o tema, quando depois de desenhar a figura humana, pergunta à psicóloga: *“como é que a senhora falou mesmo?”* demonstrando dificuldades em entender o enunciado.

Novamente nessa história há indícios de sentimentos de castração e punição *“o vidro caiu e quebrou no braço dele e ele se cortou todo”*. Assim como na história anterior, a criança joga “no esgoto” aquilo que o faz se sentir mal, pois precisa deixar no esquecimento, enviar para o lixo. A família, que é a proposta inicial, não aparece no desenho, porém, foi inserida na história, como uma forma de idealização. A idealização aparece também quando a criança conta sobre o que o menino fazia, *“um monte de coisas, brincava com bola, com ursos”* como uma forma de busca por satisfação. O urso inserido na história pode ser indicador de agressividade.

Quando perguntado onde vive esta família, a criança respondeu “no Brasil”, uma resposta ampla e sem precisão, como mecanismo de deslocamento. A criança conta que o menino *“mora com a mãe dele e com a família dele que ele tem”*, precisando reafirmar a existência dessa família. O menino *“foi pro médico e vai ficar internado”*, revelando novamente necessidade de ajuda e reparação. A mesma necessidade de ser cuidado é demonstrada no título: *“cuidado com os acidentes”*.

3.3.4 Quarta Unidade de Produção: “O menino feliz”

“Desenhe a sua família”



Figura 12 – Caso Luiz – “O menino feliz”

Tempo de execução: 20 minutos.

Observações durante a execução: Ao ser passada a instrução “Desenhe a sua família”, a criança perguntou: “*Pode ser a família que gosta mais?*”. Ao que foi respondido: “Pode ser da família como você quiser”. Desenhou as nuvens e o Sol, colorindo-os. Depois, perguntou: “*Que mesmo você falou, tia?*” e a psicóloga repetiu o enunciado. Desenhou um prédio com janelas e grades, a seguir, uma figura humana sobre um skate, e outra figura ao lado. Traçou uma linha, acompanhando a lateral do prédio e seguindo como se fosse uma pista.

3.3.4.1 Relato da Estória

P: Conte uma história sobre o desenho que você fez.

L: *O menino tinha uma motinha de controle remoto e aí ele brincava junto, e ele tinha um skate, e ele apostava corrida.*

P: Ele apostava corrida? O menino e quem?

L: *E o controle remoto. Ele controlava a moto e o menino tava apostando corrida com ele.*

P: E o que mais?

L: *Ele apostava corrida pra ver quem ganha... aí eles brincava bastante até a mãe dele chamar.*

P: A mãe dele?

L: *É.*

P: E onde estava a mãe dele?

L: *No prédio. Ele morava no prédio.*

P: E quem mais morava com ele?

L: *Só eles. E no final de semana eles recebia visita.*

P: De quem eles recebiam visita?

L: *Dos amigos deles.*

P: Tem mais alguma coisa que você queira contar?

L: *Não, acabou*

P: Qual o nome da sua história?

L: *O menino feliz.*

3.3.4.2 Análise e interpretação

Aspectos Gerais do Desenho

A criança inicia novamente com o desenho de nuvens e o sol, que aparecem em todos os desenhos, revelando fixação na fantasia, necessidade de afeto e calor.

A figura humana é estereotipada, desumanizada, indicando imaturidade e sentimentos de despersonalização, com ausência de detalhes essenciais. A boca, em uma linha simples sinaliza negação da oralidade. A omissão dos pés e mãos expressa problemas de contato e adaptação social; a omissão das mãos pode sinalizar, também, possível sentimento de culpa devido à masturbação ou roubo, com desejos de automutilação.

O prédio, com muitas janelas, revela obsessividade compulsiva e ansiedade. Para Buck (2003), a casa geralmente parece salientar ajustamento da criança aos irmãos e aos pais, especialmente com a mãe. Nesse caso, o exagero de portas e janelas revela o desejo por acessibilidade e contato social, porém, esse contato é sem vínculo, sinalizando problemas na comunicação. A porta inclinada ou em queda sugerida sinaliza extrema angustia.

A moto desenhada ao lado da pessoa por ser indicada como objeto de identificação.

Aspectos do conteúdo

Nesta unidade, mais uma vez a criança apresenta dificuldade em compreender o enunciado, perguntando: “*pode ser a família que mais gosta?*” e depois, “*que mesmo você falou tia?*”. Apesar de haver perguntado se poderia desenhar a família que mais gosta, Luiz faz o desenho de um menino com uma motinha de controle remoto e um skate. Verifica-se que não há identificação da criança com as figuras parentais, e o objeto que a criança mais gosta é o brinquedo.

O prédio com janelas e grades é indicativo de dificuldades nos vínculos familiares. A porta está “flutuando”, revelando problemas na comunicação com o meio social e também atitude defensiva. Não há vínculo familiar, e a criança aposta corrida com o controle remoto. O menino vivia com a mãe (idealizada) no prédio, mas recebia visita dos amigos nos finais de semana, indicando a necessidade de contato social e interação. A idealização aparece também no título “O menino feliz”. A criança apresenta vivência na fantasia, como atitude defensiva para suportar a realidade.

3.3.5 Síntese Geral – Caso Luiz

Observa-se que, dos casos analisados, Luiz foi a única criança que teve a necessidade de duas sessões para completar as quatro unidades de produção. De acordo com Buck (2003), o tempo excessivo para completar o desenho indica relutância em produzir algo, talvez por causa do significado emocional intenso do símbolo envolvido.

O motivo do abrigo foi por negligência da mãe, ou seja, a criança não foi cuidada, não foi atendida/assistida em suas necessidades mais básicas. A produção gráfica revela sentimentos de abandono e carência.

Segue síntese com os aspectos gerais do caso:

Quadro 4 – Síntese da análise do DF-E – Luiz.

G1.	Atitudes básicas	<p><i>Aceitação: necessidades e preocupações com aceitação; busca por autonomia, auto-suficiência e liberdade;</i></p> <p><i>Oposição: atitudes de oposição, desprezo, hostilidade, competição, negativismo, não-colaboração, desconsideração e rejeição com aos outros;</i></p> <p><i>Insegurança: necessidades de proteção, abrigo e ajuda; percepção do mundo como desprotetor, medo de não conter os impulsos; dificuldades em relação ao crescimento.</i></p> <p><i>Identificação negativa: sentimentos de menos valia, incapacidade, desimportância; auto-imagem idealizada ou negativa, problemas ligados à imagem corporal e conflitos relacionados à área da sexualidade.</i></p>
G2.	Figuras significativas	<p><i>Figura materna negativa: mãe vivida como ausente, omissa, rejeitadora, objeto mau, atitudes e sentimentos negativos em relação à mãe;</i></p> <p><i>Figura paterna positiva, o pai é visto como protetor e como aquele que o nutre e alimenta, porém, esta identificação positiva com o pai é idealizada.</i></p> <p><i>Figura fraterna (ou outras) negativas: se refere aos aspectos negativos nas relações, competição, rivalidade, conflito, inveja, falsidade, etc. Não apresenta vinculação afetiva próxima com as figuras fraternas.</i></p>
G3.	Sentimentos expressos	<p><i>Sentimentos derivados do instinto de morte: são os mais destrutivos, como ódio, inveja, ciúme persecutório, voracidade, desprezo, etc.</i></p> <p><i>Além de sentimentos de abandono, isolamento e medo diante do desconhecido.</i></p>
G4.	Tendências e desejos	<p><i>Tendência ao descontrolo;</i></p> <p><i>Desejo de contatos sociais, desejo de ter família.</i></p> <p><i>Há também certa necessidade de controle, pois caso os desenhos fossem entregues à família, poderia haver “problemas”, “punições” para ele.</i></p> <p><i>Tendências destrutivas: mais hostis, desejos de vingança, de atacar, destruir, de separar os pais, de ocupar (destruindo) o lugar do pai ou da mãe, necessidade de poder,</i></p>

		<i>Tendências construtivas: mais evoluídas como necessidades de cura, aquisição, realização e autonomia; desejo de canalizar energia sexual e agressiva, de recuperar partes sadias, de desligar-se das coisas infantis, de evitar danos físicos ou psicológicos.</i>
G5.	Impulsos	<i>Mais destrutivos do que amorosos</i>
G6.	Ansiedades	<i>Ansiedades paranóides: sentimentos de perseguição. Teme que o desenho possa "informar" à família o que ele desconhece. Ansiedade/ fantasia: o que seria feito com o desenho? Fantasias persecutórias da criança que deseja conhecer qual será o seu destino. A criança precisa conhecer o caminho que vai seguir, não se anima, é cautelosa, teme o novo, possivelmente para proteger-se dos traumas vividos.</i>
G7.	Mecanismos de defesa	<i>Cisão Projeção Racionalização Deslocamento: peixe, China, Itália, Brasil. Idealização</i>

3.4 CASO 4 – CRISTIANO

Identificação

Nome: Cristiano

Sexo: masculino

Idade: 09 anos

Escolaridade: 4ª série do Ensino Fundamental

Tempo de abrigo: 05 meses

Histórico da criança

Cristiano contava com 09 anos quando da aplicação do instrumento, e estava abrigado há 05 meses, juntamente com os irmãos, Rodrigo, 07 anos e Clara, 03 anos. As crianças foram levadas ao abrigo pela mãe, que era usuária de drogas (crack) desde os 14 anos de idade e pediu para deixar as crianças no abrigo afim de que ela pudesse se tratar em uma casa de recuperação vinculada à mesma instituição.

Segundo informações colhidas no prontuário das crianças, a mãe não possuía um bom relacionamento com o companheiro, que é o pai das crianças. O pai é motorista autônomo e diz não ter condições de cuidar dos filhos pois precisa trabalhar. A mãe estava morando na mesma casa que o pai das crianças, pois a casa em que vivia antes era construída em local de risco e havia sido removida pela prefeitura. A mãe vivia com o auxílio de R\$ 75,00 do programa Bolsa Família e o auxílio aluguel cedido pela prefeitura. Segundo documentos da instituição, as crianças recebiam visita semanal da avó materna, porém, a mãe não comparecia às reuniões que eram organizadas pela instituição, as quais tinham como objetivo fortalecer os vínculos e orientar sobre o caráter provisório do abrigo.

O contato inicial com a criança havia ocorrido meses antes, pouco tempo depois da institucionalização e, na ocasião, Cristiano realizou um desenho livre que se encontra nos anexos deste trabalho. As quatro unidades de produção do DF-E foram coletados em uma única sessão e a criança levou cerca de 30 minutos para a execução das quatro unidades de produção, inclusive com as histórias. A seguir são apresentadas as produções da criança referentes ao procedimento de Desenhos de Família com Estórias e suas análises.

3.4.1 Primeira Unidade de Produção: “*Família Nazaré*”

“Desenhe uma família qualquer”

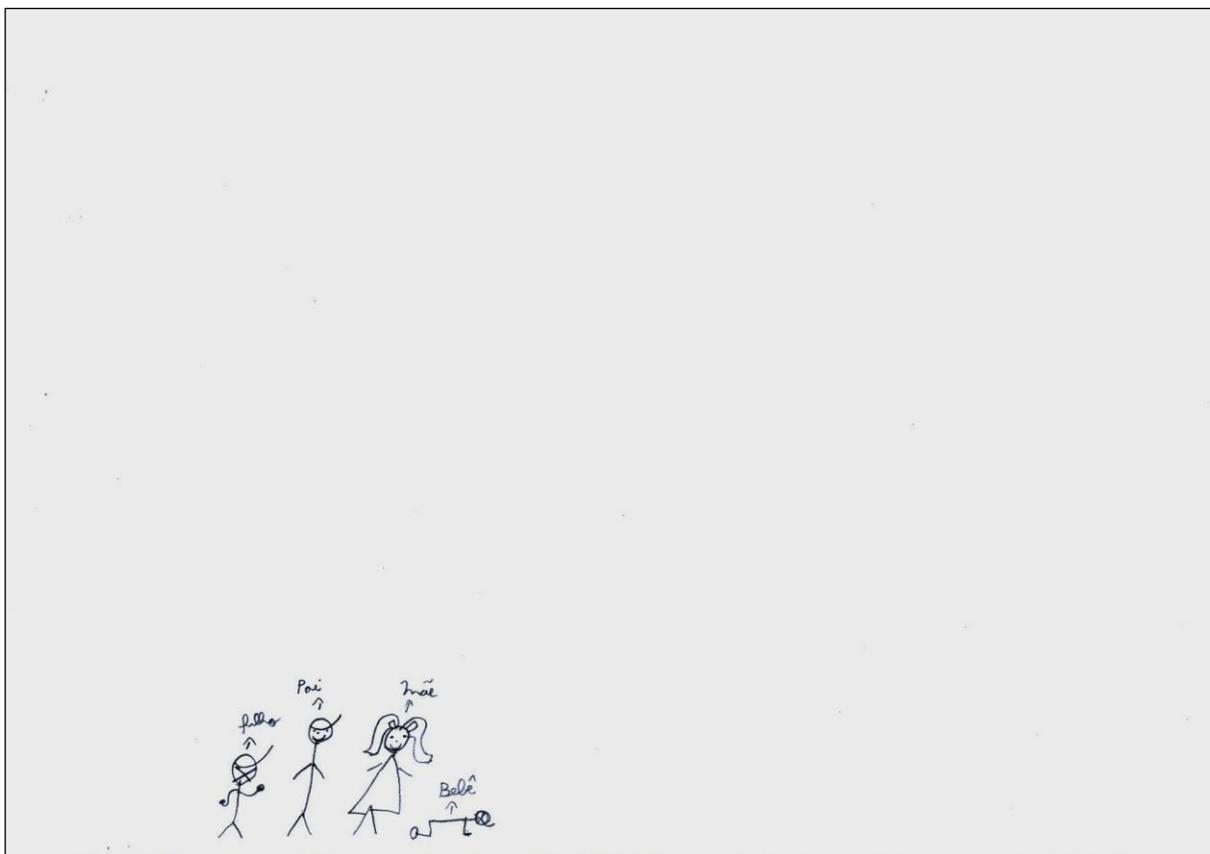


Figura 13 – Caso Cristiano – “Família Nazaré”

Tempo de execução: 3 minutos

Observações durante a execução: nada a observar.

3.4.1.1 Relato da Estória

P: Agora, olhando para o seu desenho, conte uma história sobre o que você desenhou.

C: *Eu desenhei uma família que se ama muito, que eles queria conhecer a Missão Belém.*

P: Onde eles vivem?

C: Num prédio.

P: Como é a vida dessa família?

C: *Não sei.*

P: O que eles fazem ou gostam de fazer?

C: *Eles gostam de brincar.*

P: E eles querem conhecer a Missão Belém?

C: *É. Pra conhecer Jesus.*

P: O que vai acontecer com essa família?

C: *Eles vão ser felizes.*

P: Tem mais alguma coisa que você queira contar sobre essa família?

C: *Não.*

P: Que nome você dá para a sua história?

C: *Família Nazaré.*

3.4.1.2 Análise e Interpretação

Aspectos gerais do desenho

O desenho da criança é desvitalizado e com pouca energia. O traçado leve indica sentimentos de inadequação, indecisão ou medo de derrota (BUCK, 2003), além de timidez, sentimentos de incapacidade, falta de energia e de confiança em si (VAN KOLCK, 1981).

A localização a esquerda da página dá indícios de sentimentos de retraimento e regressão; o uso da metade inferior da página revela concretismo, depressão, insegurança e inadequação. O tamanho pequeno sinaliza insegurança, retraimento, descontentamento e tendência ao isolamento. A ausência de detalhes do desenho salienta o retraimento e sentimentos de inadequação.

De acordo com Cormam (1979) as figuras em palito revelam gesto de pouca amplitude e inibição da expansão vital. Para Hammer (1991) os desenhos de figuras de palitos podem ser feitos como prova de aquiescência (consentimento/ aprovação) à solicitação do examinador, mas na realidade como uma evasiva (fuga, desculpa artilosa) disfarçada e ou negativismo. O mesmo autor coloca, ainda, que se o sujeito desenha figuras “palitos” ou representações abstratas, estas podem ser interpretadas como indicadores de evasão (fuga), sendo esta uma característica de indivíduos inseguros que duvidam de si mesmos.

Sobre o tempo de execução, Buck (2003) destaca que aqueles que desenharam com uma rapidez incomum parecem fazê-lo para se livrarem de uma tarefa desagradável.

Aspectos de conteúdo

Na primeira unidade de produção, a criança desenha quatro personagens; o pai, a mãe, um filho e um bebê. O filho está localizado ao lado do pai, revelando identificação com o mesmo, o bebê pode sinalizar o desejo de regressão aos estágios mais primitivos, com o desejo de ser cuidado e amado como quando era bebê. No relato, a criança apresenta esta família como uma família “*que se ama muito*”, demonstrando idealização e negação do conflito vivenciado pela separação da família. A família vive num prédio, o que pode ser associado com o ambiente do abrigo, local onde moram muitas pessoas, porém, com relações distantes entre elas. Quando questionado sobre o que gosta de fazer, Cristiano responde que eles “*gostam de brincar*”, demonstrando novamente a necessidade de cindir com a realidade conflitiva, com fuga na fantasia.

A desvalorização no desenho consiste em um dos mecanismos mais primitivos, pois trata de negar a realidade a qual a criança sente-se incapaz de se adaptar, e exprime-se no desenho pela supressão daquilo que provoca angústia. Nessa unidade de produção, nota-se que um dos membros da família foi suprimido. Corman (1979) explica que quando falta num desenho, um dos membros da família, quando este existe verdadeiramente e esteja presente no lar, pode-se concluir que o sujeito deseja o seu desaparecimento. A pessoa excluída é geralmente um dos irmãos, mas a própria criança pode deixar de se representar em seu desenho, pois não se sente a vontade em sua atual situação e gostaria de ser outro, permanecendo representada sob os traços de outra pessoa da qual adoraria ocupar o lugar.

No inquérito, a criança recorre ao mecanismo de idealização, ao passo que a produção gráfica apresenta desenho desvitalizado, com sentimentos de retraimento, inadequação, baixa auto-estima e inferioridade. A pobreza de criação e pouca capacidade de desiderar (fantasiar) pode estar relacionada aos sentimentos de abandono e carência afetiva.

3.4.2 Segunda Unidade de Produção: “A família unida”

“Desenhe a família que você gostaria de ter”

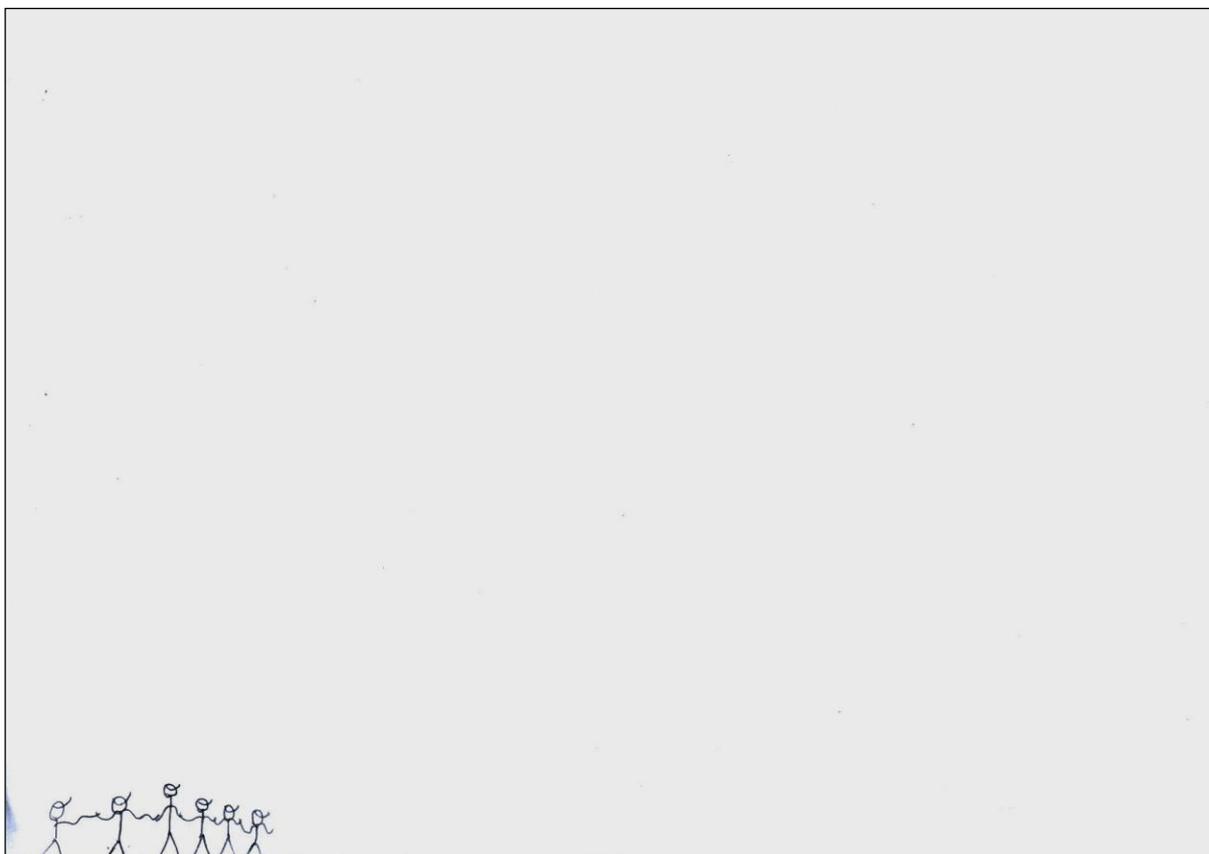


Figura 14 – Caso Cristiano – “A família unida”

Tempo de execução: 4 min.

Observações durante a execução: a criança realiza o desenho em silêncio e ao finalizar mostra para a psicóloga e inicia o relato.

3.4.2.1 Relato da Estória

C: *Todo mundo unido.*

P: Quem são essas pessoas?

C: *Eu, meu pai, minha mãe, meu irmão, minha irmã, meu padrinho e minha madrinha.*

P: E eles são unidos?

C: *Aham.*

P: Como eles são unidos?

C: *Não batendo, não brigando.*

P: O que mais?

C: *O título é “a família unida”.*

P: Uma família unida, ok. E o que vai acontecer com essa família?

C: *Eles vai ser uma família bem melhor.*

P: Tem mais alguma coisa que você queira dizer sobre essa família?

C: *Não. É só isso.*

3.4.2.2 Análise e interpretação

Aspectos gerais do desenho

Os aspectos gerais do desenho referentes à segunda unidade de produção se repetem ao anterior, sendo um desenho pobre, com pouca energia e desvitalizado, revelando mais uma vez, sentimentos de inadequação, indecisão ou medo de derrota, timidez, sentimentos de incapacidade, falta de energia e de confiança em si (BUCK, 2003; VAN KOLCK, 1981). Sobre a localização na metade inferior da página e à esquerda, sinalizam os sentimentos de retraimento e regressão; depressão, insegurança e inadequação. Assim como o tamanho reduzido do desenho que revelam sentimentos de insegurança, retraimento, descontentamento e tendência ao isolamento.

Novamente a criança recorre ao uso de figuras em palito, demonstrando inibição da expansão vital, e podem ainda indicar evasão (fuga), sendo esta uma característica de indivíduos inseguros. As figuras estão unidas e de mãos dadas. Corman (1979) lembra que em casos bastante habituais as crianças representam seus genitores abraçados, podendo indicar uma recusa do sujeito quanto a dissolução do lar.

Sobre o tempo de execução do desenho, novamente a criança o fez rapidamente, como forma de se livrar de uma situação desagradável.

Aspectos do conteúdo

Nesta unidade, mais uma vez a criança recorre ao mecanismo de idealização, revelando o desejo por uma família unida. Dá indícios de um ambiente familiar tenso e conflituoso, e manifesta o desejo de se afastar desta realidade penosa, idealizando uma família que não briga e que não se bate. No relato, acrescenta à família nuclear, a figura do padrinho e madrinha (na realidade, trata-se do casal de educadores do abrigo) demonstrando a busca por vinculação afetiva e positiva estas figuras significativas e o

desejo de ser acolhido, cuidado e protegido por estes, visto que os pais são figuras ausentes e frágeis.

A família representada no desenho é uma família idealizada e a criança nega a existência do conflito.

3.4.3 Terceira Unidade de Produção: “Os irmão que briga”

“Desenhe uma família em que alguém não está bem”

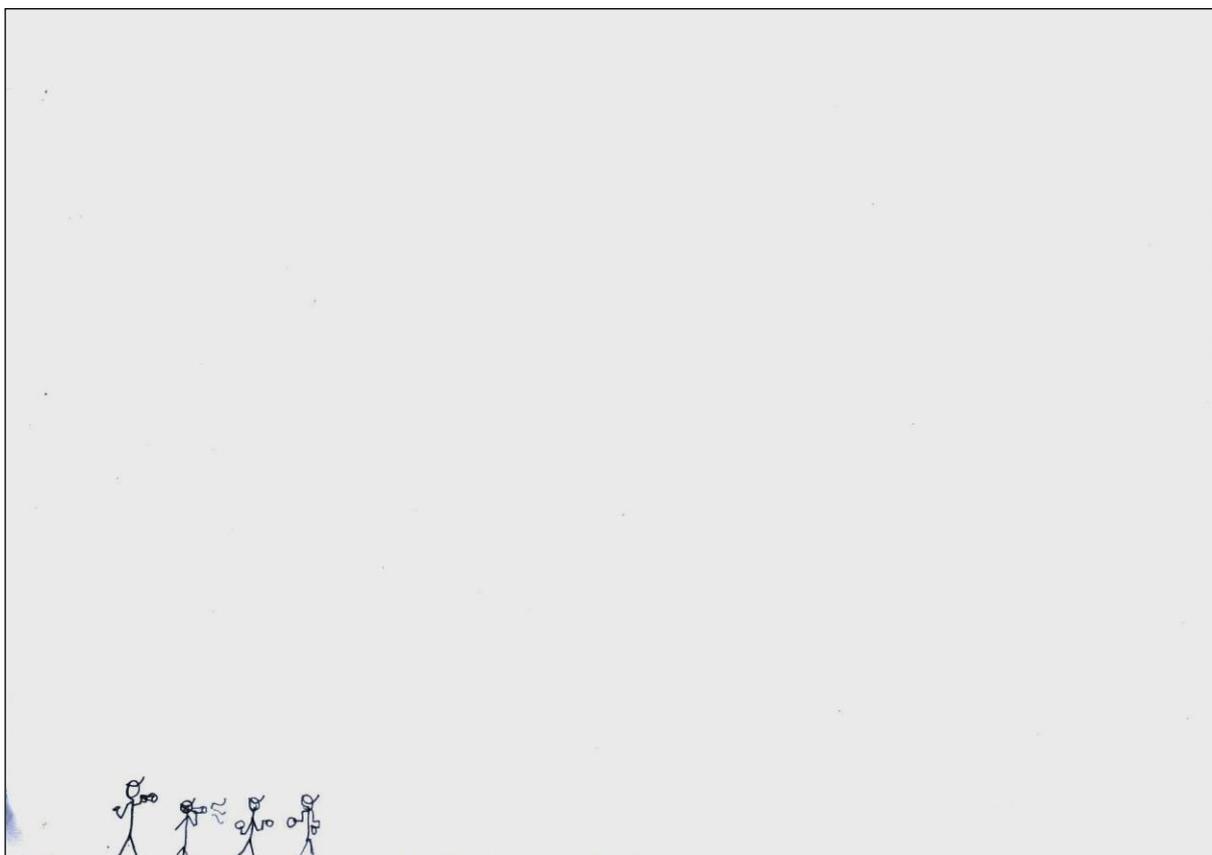


Figura 15 – Caso Cristiano – “Os irmãos que briga”

Tempo de execução: 3 min.

Observações durante a execução: a criança expressa angústia e tensão durante a execução do desenho.

3.4.3.1 Relato da Estória

P: Agora, conte-me uma história sobre o desenho que você fez.

C: *Uma família que vivia matando as pessoas.*

P: Como assim?

C: *Fumando droga e batendo no irmão.*

P: O que mais?

C: *E roubava coisa escondida.*

P: Quem são as pessoas dessa família?

C: *Meu pai, minha mãe, eu e o Rodrigo (irmão).*

P: O que você pensa sobre essa família?

C: *Que tem que melhorar.*

P: O que a família vai fazer para melhorar?

C: *Eles têm que ir pra Igreja, pra capela.*

P: Tem mais alguma coisa que você queira contar sobre o seu desenho?

C: *Não.*

P: Que nome você dá para a sua história?

C: *Os irmão que brigam.*

3.4.3.2 Análise e interpretação

Aspectos gerais do desenho

A criança recorre novamente à utilização de figuras em palito, evidenciando a fragilidade egóica, pouca capacidade para fantasiar e criar, pouca energia e pouca expansão vital. O desenho foi feito na margem inferior, na borda do papel (toca a margem, mas não parece se estender para além dela) – de acordo com Buck (2003) implica em depressão e tendência a comportar-se de maneira concreta e desprovida de imaginação.

Apesar de mais uma vez a criança recorrer ao desenho de figuras em palito, com uma produção pobre e desvitalizada, o desenho é bastante revelador no sentido de evidenciar conflitos reais com que a criança tem entrado em contato, tais como o uso de drogas pelos pais, a violência presenciada entre estes, e a rivalidade entre os irmãos. Os personagens estão fumando, roubando, brigando.

Aspectos do conteúdo

Na terceira unidade de produção, em que se solicita “desenhe uma família em que alguém não está bem, a criança faz uma projeção direta com o conteúdo apresentado, representando sua família real: pai, mãe e irmão, além de si. No entanto, exclui do desenho a irmã caçula. Corman (1979) afirma que, quando a criança tem ciúme do irmãozinho, poderá suprimi-lo, como forma de defesa contra a angústia que esta ameaça suscita. Tal defesa deriva da recusa e da negação de uma realidade penosa demais para ser suportada.

Cristiano revela o desejo de reparação, de que a família seja melhor. O desejo de reparação e de salvar a família pode estar atrelado, ainda, ao desejo de amenizar a culpa pela raiva que sente dos pais, pela inveja e pelo desejo de posse (roubo). De acordo com Cormam (1979), a angústia diante do superego é a angústia de culpabilidade, os ideais e proibições parentais foram introjetados, ampliando o recalçamento dos impulsos repreensíveis e desenvolvendo no ego tendências contrárias aos impulsos recalçados. O sujeito tende a humilhar-se e tornar-se minúsculo diante da instância temida, a fim de conseguir o perdão. A punição aceita extingue a falta e suprime a angústia e a culpa.

3.4.4 Quarta Unidade de Produção: “Uma família unida”

“Desenhe a sua família”

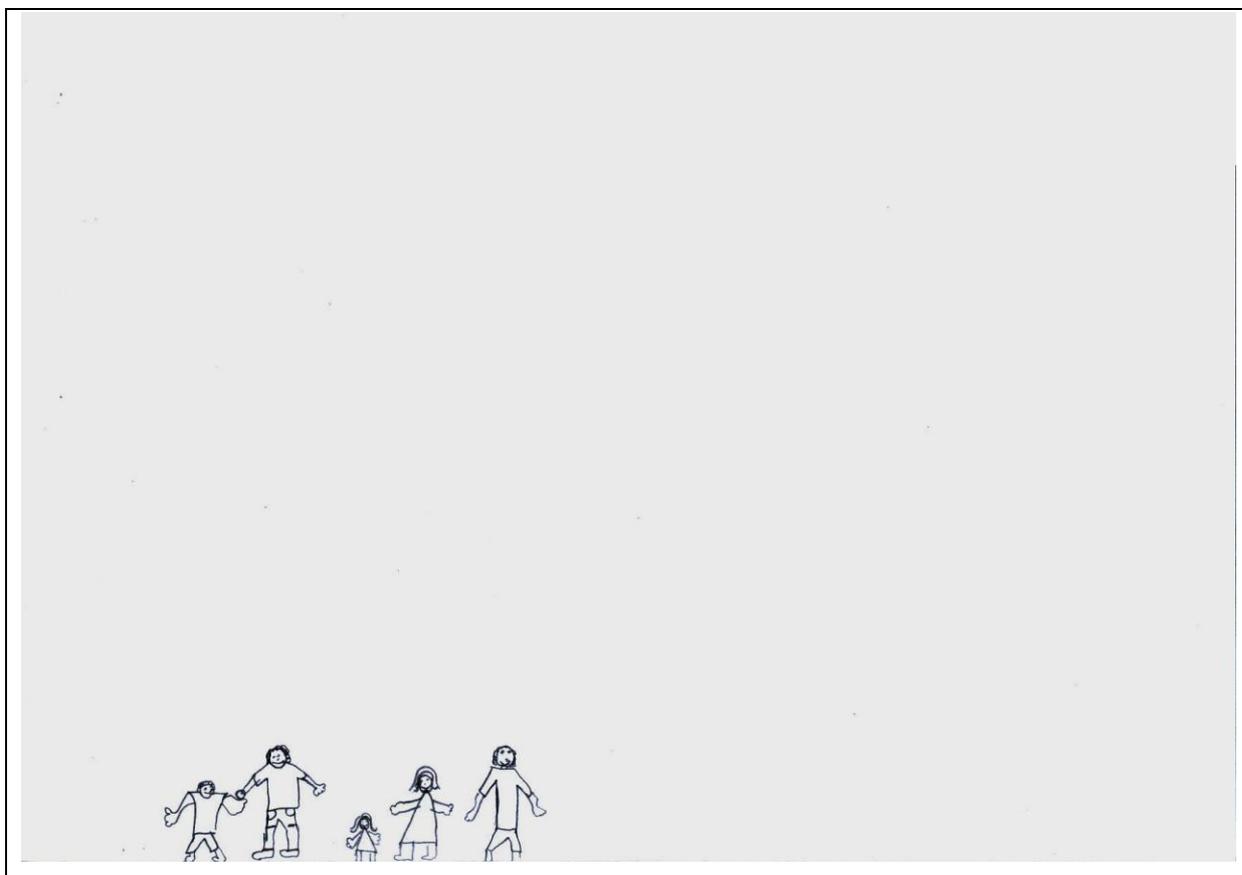


Figura 16 – Caso Cristiano – “Uma família unida.”

Tempo de execução: 6 min.

Observações durante a execução: nada a observar.

3.4.4.1 Relato da Estória

P: Agora, me conte uma história sobre esse desenho.

C: *É que eu gostaria de estar com meu pai e com minha mãe agora.*

P: E se você pudesse escrever uma história sobre essa família, como seria essa história?

C: *Seria que eu estava com muita saudade deles.*

P: E como seria essa família da história?

C: *Uma família que é sempre junta...*

P: Algo mais?

C: *... e também que eu queria ficar muito com eles. E só.*

P: Que nome você dá para essa história?

C: *Uma família unida.*

3.4.4.2 Análise e interpretação

Aspectos gerais do desenho

A última unidade de produção solicita da criança “Desenhe a sua família”. Apesar de se tratar de um desenho com pouca riqueza de produção gráfica, foi o que se apresentou melhor estruturado em relação às unidades de produção anteriores, com as figuras mais preenchidas, presença de cabeça, membros superiores e inferiores. No entanto segue o padrão no que diz respeito à localização na página e tamanho, no canto inferior esquerdo, reforçando a informação quanto às tendências ao retraimento, isolamento, depressão e inferioridade. As pernas separadas geralmente estão associadas à agressividade e os braços estendidos para fora revelam necessidade de afeição e proteção.

A criança reproduz a sua família nuclear: pai, mãe e os irmãos. Nota-se que um dos irmãos está ao lado do pai, e nesse caso há uma identificação com a figura paterna. O outro irmão está ao lado da mãe, que foi reproduzida pequena, em relação ao pai e ao segundo filho, sugerindo uma desvalorização da figura da mãe.

Aspectos do conteúdo

No inquérito a criança manifesta angústia e sofrimento pela separação dos pais, e revela o grande desejo de voltar para casa e ter novamente a família reunida. O sofrimento é tal que a criança demonstra sua incapacidade de fantasiar, assumindo uma projeção massiva expressa no desenho e na história.

A inibição ou restrição do ego, observada nesta unidade e nas anteriores, pode ser indicativo de algo mais grave, por estar ligada à realização de fantasias agressivas. De acordo com Piccolo (1979), a criança evita o perigo fantasiado anulando ou restringindo a função ligada a estas fantasias, ao mesmo tempo, tal defesa pode resultar em um empobrecimento e diminuição geral do ritmo das funções egóicas e costuma acompanhar estados depressivos.

3. 4.5 Síntese Geral - Caso Cristiano

Esse caso é mais um exemplo de criança abrigada por medida de proteção resultante da situação de vulnerabilidade social da família, no caso, a dependência química da mãe atrelada ao contexto de pobreza e violência no lar. A angústia e sofrimento da criança são nítidos e foram expressos tanto nas produções gráficas quanto no relato verbal.

Segue síntese da análise do caso:

Quadro 5 – Síntese da análise do DF-E – Cristiano.

G1.	Atitudes básicas	<p><i>Aceitação: necessidades e preocupações com aceitação;</i></p> <p><i>Insegurança: necessidades de proteção, abrigo e ajuda; atitudes de submissão, inibição, isolamento e bloqueio; percepção do mundo como desprotetor, medo de não conter os impulsos;</i></p> <p><i>Identificação negativa: sentimentos de menos valia, incapacidade, desimportância; desvalorização da auto-imagem; inferioridade.</i></p>
G2.	Figuras significativas	<p><i>Figura materna negativa: mãe vivida como ausente, omissa, rejeitadora, objeto mau, atitudes e sentimentos negativos em relação à mãe;</i></p> <p><i>Figura paterna positiva: pai sentido como próximo, presente, gratificante e afetivo, protetor (idealização)</i></p> <p><i>Figura paterna negativa: pai ausente, omissa, ameaçador, autoritário, além de outros sentimentos negativos em relação ao pai.</i></p> <p><i>Figura fraterna (ou outras) negativas: se refere aos aspectos negativos nas relações, competição, rivalidade, conflito, inveja, falsidade, etc.</i></p>
G3.	Sentimentos expressos	<p><i>Sentimentos derivados do conflito: sentimentos ambivalentes, luta entre instinto de vida e de morte. Aparecem sentimentos de culpa, medos de perda e de abandono, solidão, tristeza, desproteção, ciúme depressivo e outros.</i></p>
G4.	Tendências e desejos	<p><i>Necessidades de suprir faltas básicas: desejos de proteção e abrigo, necessidades de manter as coisas da infância, de compreensão, de ser contido, de ser cuidado regressivamente; desejo de retorno ao lar e de estar com a família.</i></p> <p><i>Tendências construtivas: necessidades de cura, aquisição, realização e autonomia; desejo de recuperar partes saudáveis, de desligar-se das coisas infantis, de evitar danos físicos ou psicológicos.</i></p>
G5.	Impulsos	<p><i>Tanto amorosos como destrutivos</i></p>
G6.	Ansiedades	<p><i>Ansiedades depressivas.</i></p>

G7.	Mecanismos de defesa	<i>Cisão;</i> <i>Projeção;</i> <i>Repressão;</i> <i>Negação/anulação;</i> <i>Regressão a estágios primitivos;</i> <i>Isolamento;</i> <i>Idealização;</i>
------------	-----------------------------	--

Como pode ser observado em todo processo de análise anteriormente apresentado, tanto nos dados dos casos como nas produções dos Desenhos da Família com Estórias dos quatro casos estudados houve uma presença marcante de sentimentos de insegurança e inferioridade; denotando ainda uma busca por figuras significativas e maduras para poderem se vincular; porém, sem muito sucesso. Observaram-se, ainda, figuras parentais internalizadas como fracas, ausentes ou mesmo ameaçadoras, levando-as ao estabelecimento de identificações negativas com estes objetos.

Os principais conflitos e idealizações no que se refere à introjeção das figuras parentais estão ligados aos sentimentos de culpa, abandono e desproteção, fazendo com que as crianças recorram a diversos mecanismos de defesa mais primitivos a fim de preservar o equilíbrio na relação com esses objetos, apoiados na fantasia e expressos na forma de perceber e valorizar alguns aspectos da realidade do ego e neutralizar outros para evitar o sofrimento psíquico.

No que se referiu ao arsenal defensivo, embora com suas peculiaridades, foi observado predomínio de defesas primitivas do ponto de vista do desenvolvimento psíquico. Assim, a forte presença de defesas esquizóides, que entram em ação diante das ansiedades psicóticas, - a idealização, a negação, dissociação, identificação projetiva e controle onipotente do objeto, foram preponderantes. Apareceram, ainda que em menor frequência, alguns mecanismos neuróticos, como a inibição, o deslocamento e a repressão.

De acordo com Segal (1975), tais defesas permitem ao ego ordenar as suas experiências, no sentido de organizar o universo de impressões emocionais e sensoriais da criança, constituindo-se em precondição para integração posterior. Nesse sentido é importante lembrar Piccolo (1979) ao explicar que tais defesas contêm aspectos adaptativos e são indispensáveis para o ajuste adequado à realidade, porém, se usados em excesso podem indicar um fracasso na evolução inicial, se estão baseados em fantasias hostis e invejosas. Segundo essa mesma autora, os mecanismos esquizóides têm por finalidade defender o ego de temores intensos de aniquilamento e morte. A dissociação é estabelecida em função das características idealizadas e persecutórias do ego, e implica em certo grau de organização da realidade caótica no começo da vida, pois permite separar dois tipos de experiências que se sucedem de forma alternada: a experiência de união, proteção e satisfação, e a experiência de dor, abandono e insatisfação.

Assim revelam essas crianças, que dispõem de formas bastante primitivas de sobrevivência psíquica; buscam se defender das ansiedades persecutórias com o que dispõem: de um arsenal defensivo ainda pouco maduro e que assim se configura pela própria experiência de vida por elas mostrada.

Por exemplo, na identificação projetiva, que é uma frequente defesa, não só os objetos maus e destrutivos são projetados nos outros, mas também as partes boas, como

forma de comunicação ou proteção. Esse mecanismo pode ser usado também como controle, a fim de se apoderar da outra pessoa, numa tentativa de expulsar ou rejeitar sentimentos e pensamentos maus, passando a responsabilidade para outras pessoas, defensivamente, com o objetivo de evitar conflito excessivo no ego individual. É sempre importante conhecer o objetivo, pois a identificação projetiva pode ter múltiplas funções (MEYER, 1987). Segal (1975) explica que se essa fase é vivida sob condições desfavoráveis, as ansiedades e os impulsos hostis são intensificados e a parte projetada é estilhaçada e desintegrada em fragmentos diminutos, que são projetados no objeto, desintegrando-os. Há um ódio violento de toda a experiência da realidade e o estilhaçamento do ego é uma tentativa de desfazer essa percepção. Ao mesmo tempo, a projeção visa destruir o seu objeto alvo, que tanto pode ser o objeto mau ou o objeto ideal, quando este lhe suscita insuportáveis sentimentos de inveja.

Klein (1952), explica que a antítese entre seio bom e mau deve-se principalmente à falta de integração do ego, e o bom e o mau não se distinguem completamente um do outro na mente da criança. As repetidas experiências de gratificação e frustração constituem poderosos estímulos para os impulsos libidinais e destrutivos, para o amor e para o ódio (KLEIN, 1957). Por isso, no caso dessas crianças estudadas, é importante lembrar Klein (1952; 1957); Segal (1975) e Meyer (1987) ao entender as defesas primitivas como mecanismos contra a ansiedade, numa tentativa de preservar a integridade do ego.

Tal como no caso 1, Elias, o grupo de mecanismos de cisão/divisão é notadamente marcado em sua produção; a dissociação e a própria cisão são evidenciados. O mecanismo de idealização, também encontrado com frequência nos casos apresentados, busca defender o indivíduo de ansiedades persecutórias, assim como o mecanismo de dissociação. As características indesejáveis do objeto são negadas, enquanto este é, ao mesmo tempo, recoberto de “bondade” (amor, poder onipotente, proteção, invulnerabilidade, etc.). A intensidade da idealização está diretamente relacionada com a intensidade da perseguição diante do objeto, e resulta de ansiedades persecutórias pelo medo de ser atacado e destruído pelo objeto. De acordo com a teoria kleiniana, a idealização é precursora de boas relações com o objeto idealizado. No entanto, uma idealização extrema pode bloquear ou impedir a relação com o objeto real, já que não existem objetos ideais, e sim idealizados (PICCOLO, 1979).

Os desenhos apresentados no Caso 1 – Elias e Caso 4 - Cristiano, são um exemplo de idealização fracassada, no sentido que as figuras foram idealizadas verbalmente, mas são graficamente fracas.

O mecanismo de negação pode ser identificado nos quatro casos apresentados, e corresponde à impotência do ego ante seus impulsos destrutivos; propõe-se a negar tanto a destruição do objeto quanto os sentimentos de dor, dependência e necessidades do ego.

Precede também a fantasia de controlar o objeto, negando o medo da separação e da dependência e favorecendo as fantasias de reparação onipotente do objeto. Tal mecanismo implica em privação do ego, pois limita a sua capacidade de conhecimento (PICCOLO, 1979).

As crianças recorreram, também, às defesas maníacas, as quais têm por finalidade defender dos ataques ambivalentes do ego e das ansiedades de culpa depressiva, na etapa de elaboração da posição esquizoparanóide. Através da idealização, nega a fantasia de destruição do objeto. De acordo com Piccolo (1979), a negação torna desconhecida a realidade psíquica e as partes da realidade externa que estão em harmonia com esses conflitos, e a dissociação evita a dor que é produzida pela ambivalência de amor e ódio a um mesmo objeto.

A inibição é um tipo de defesa de controle obsessivo. Embora tenha sido observada em outros casos, aparece com maior evidência no Caso 4 – Cristiano. Tal mecanismo tem por finalidade preservar o ego da própria agressão; esse controle obsessivo pode adquirir características patológicas, pois tendem a estereotipar-se com características rígidas e excessivas. O ego torna-se empobrecido e perde a possibilidade de sentir. A finalidade já não é preservar o objeto e sim evitar a desintegração do ego (splitting). Tais aspectos da inibição e isolamento estão manifestados nas produções de Elias (Caso 1) e Cristiano (Caso 4), através de desenhos empobrecidos e esvaziados. Conforme Piccolo (1979), a inibição e o isolamento bloqueiam a possibilidade de síntese e integração do ego e do objeto, o temor à união dos pares dissociados cria a necessidade de manter uma distância extrema em relação ao mundo externo para evitar ser mobilizado emocionalmente.

A percepção de família manifestada por essas crianças, não só nas produções gráficas, mas nos títulos e estórias, que se repetiram e perseveraram, puderam revelar tanto as fantasias, idealizações quanto a fuga ou dificuldade em entrar em contato com o tema proposto, como é o caso dos títulos, “Família Feliz” (casos 1, 2, 3) “Família briguenta” (caso 1) ou “Família que briga” e “Família Unida” (Caso 4); “Uma Família Pobre” (casos 1 e 2); ou como o caso da produção de Luiz (Caso 3), “Brincadeira” e “Peixe Feliz”.

Nessa percepção de família, as figuras parentais representadas demonstraram que as identificações positivas tendem a ser transferidas, numa busca de vínculos positivos com outras pessoas, tais como a avó, um tio ou tia, ou os próprios educadores do abrigo. As identificações com as figuras fraternas são negativas, e na maioria dos casos essas relações com as figuras fraternas foram negadas, suprimidas tanto do desenho quanto do relato verbal.

Conforme fora enfatizado na introdução, as investigações científicas (BOWLBY, 1976; CERDÁ, 2003; COLOMBO; AUGUSTA, 2005; DINIZ, 1993 MEYER, 1987; PINCUS; DARE, 1987; SPITZ, 2000; STRECHT, 1997; WINNICOTT, 2002) comprovaram que muitos

conflitos de ordem intelectual ou afetiva estão relacionados com os conflitos edípicos ou de rivalidade fraterna, e as primeiras relações que a criança estabelece com os objetos interno e externo. No caso destas crianças, tais exigências não foram cumpridas ou satisfeitas e as falhas vivenciadas em suas primeiras experiências com as relações de objeto tendem a ser repetidas ao longo da vida adulta.

Os resultados apresentados nestes casos fazem retomar a Spitz (2000) quando trata que as relações objetais perturbadas no primeiro ano de vida têm consequências que podem colocar em risco a própria sociedade, pois as vítimas de tais relações são mutiladas emocionalmente e apresentarão deficiências na capacidade de se relacionar, com pouca capacidade para formas mais complexas de intercâmbio pessoal e dificuldades em adaptar-se à sociedade.

No entanto, foram reveladas, ainda, tendências construtivas como o desejo de reparação e de recuperar as partes sadias, evitando danos físicos ou psicológicos, o que pode ser ressaltado como um aspecto positivo e salutar para o desenvolvimento psíquico destas crianças. Esses aspectos positivos podem, por exemplo, mostrarem aquilo a que Bowlby (1976) chama a atenção, ou seja, os cuidados substitutos, embora não muito adequados, são indispensáveis e sempre devem ser proporcionados. A esse respeito, retoma-se aqui as orientações de Winnicott (2002), o qual afirma que as instituições devem contar com um quadro adequado de profissionais que possam conter a tensão emocional dessas crianças, quando o próprio lar não é capaz de conter tal tensão, e enfatiza que um trabalho bem desenvolvido com essas crianças torna-se profilático na prevenção da delinquência. Ainda em relação aos cuidados substitutos, Bowlby (1976) salienta que estes devem incentivar os pais verdadeiros a fazerem visitas, promovendo a relação entre as crianças e os pais.

Como é característico dos testes e outras técnicas projetivas, o DF-E provoca na criança a mobilização de conflitos, e a criança tende a ficar mais regredida, reproduzindo figuras diminutas, as quais sinalizam indicadores regressivos e inibição (casos 1 e 4), ou muito grande e numerosa, revelando atitudes compensatórias (casos 2 e 3). A partir do estímulo “família” muitas defesas emergiram e foram deslocados para fora os sentimentos negativos em relação a vivência com os pais. Apareceram nesses momentos sentimentos de culpa, perda, abandono, solidão, tristeza e desproteção.

Tal como apontaram Yunes *et al.* (2001) estas crianças abrigadas parecem ser o resultado de um longo processo de enfraquecimento de laços afetivos com figuras familiares mais próximas, agravados muitas vezes pela não disponibilidade de outros sistemas na comunidade. As histórias de vida familiar dos quatro casos aqui apresentados ratificam estas informações, pois todos os casos tratam de crianças provenientes de família com histórico de negligência, pobreza, toxico-dependência e maus-tratos. Há assim uma

insuficiência das políticas públicas sociais voltadas para as famílias em situação de pobreza e vulnerabilidade; uma vez que os abrigos e as “redes sociais de apoio” são muito importantes não só para inclusão social da criança e garantia do direito à convivência familiar (JANCZURA, 2008, FÁVERO *et al.*, 2008; YUNES *et al.*, 2001), especialmente se os vínculos afetivos e simbólicos puderem ser orientados no sentido de prover o apoio.

Outros autores (SIQUEIRA; DELL’AGLIO, 2006; AMORÓS; PALÁCIOS, 2004; NOGUEIRA, 2005; IP, 2009; PINHEL, TORRES; MAIA, 2009; MASCARENHAS; DUPAS, 2001; MOTA; MATOS, 2010) também reconhecem a importância da reaproximação das crianças com suas famílias e consideram relevante a formação profissional dos profissionais e educadores de abrigos, que devem ser percebidos como adultos que terão a função de proteger e orientar, e para tanto precisam ser orientados em suas ações cotidianas de modo a compreender o impacto que seus gestos poderão ter sobre a vida dessas crianças. Novamente é possível lembrar Bowlby (1976) e suas contribuições sobre a importância dos cuidados substitutos, que embora não sejam tão adequados, são indispensáveis.

Assim, é possível dizer que especial atenção deve ser dada à preservação dos vínculos entre a criança e sua família de origem, considerando os dados do último levantamento sobre abrigos realizado (BRASIL, 2010), os quais apontam que cerca de 90% das crianças abrigadas possui família e dessas, quase 60% mantém vínculo com seus familiares. Com isso, entende-se o quanto o abrigo, enquanto importante componente da rede de apoio social e afetivo, precisa direcionar seus esforços no sentido de incentivar e estimular a preservação desses vínculos, auxiliando não apenas a criança, mas inserindo também as famílias em programas através dos quais estas possam ser acompanhadas e orientadas para que tenham condições de receber os seus filhos de volta ao lar. Ainda, conforme o Plano Nacional de Proteção e Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2010) o qual afirma que uma família que conta com orientação e assistência para acompanhar o desenvolvimento de seus filhos, com acesso a serviços nas áreas de saúde, educação e de assistência social, encontrará condições propícias para desempenhar bem as suas funções afetivas e socializadoras, bem como compreender e superar possíveis vulnerabilidades. As instituições podem colaborar com essas famílias, ainda, ajudando-as a descobrirem a importância da qualidade do afeto e a capacidade de amar.

Embora não faça parte dos objetivos deste trabalho avaliar o desempenho daquela instituição, observou-se que o abrigo onde foi realizada a pesquisa, busca atender ao que está prescrito no ECA, e principalmente, no que é enfatizado pelos autores mencionados, ou seja, a preservação dos vínculos familiares, preservando a individualidade da criança e permitindo que ela encontre ali figuras significativas com quem possa se vincular e sentir-se amparada e protegida. Conforme afirma Nogueira (2006), o ambiente abrigador poderá exercer um papel favorável sobre a vida dessas crianças, permitindo que as mesmas possam desenvolver a

capacidade de sonhar e se expressar. Assim, o abrigo pode se constituir em um rico espaço de afeto, solidariedade e proteção, onde as crianças possam viver experiências satisfatórias e produtivas, na falta da família original.

Sobre os resultados acima expostos, faz-se importante observar que, como todo teste projetivo, o DF-E não nos assegura certezas, mas probabilidades, permitindo-nos obter sobre a personalidade dos sujeitos em estudo, um certo número de hipóteses valiosas, as quais devemos nos encarregar de provar. Também é importante destacar, conforme Hammer (1991) sobre os perigos de se basear deduções interpretativas em dados isolados; na prática, a especulação interpretativa feita com base nos desenhos precisa ser verificada não apenas por meio de outros desenhos, mas na bateria projetiva como um todo, história do caso e impressão clínica vislumbrada durante a entrevista com o sujeito e todas as outras informações disponíveis. Por fim, conforme afirma Corman (1979), a síntese interpretativa válida não pode ser conseguida senão pela união da clínica e do teste projetivo, salvo por motivo de pura pesquisa científica – não se deve fazer interpretações às cegas, é preciso sempre recorrer à clínica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante os objetivos deste trabalho, que foram o de investigar a percepção de família em crianças abrigadas e identificar os principais conflitos e idealizações no que se referem à introjeção das figuras parentais, as análises dos quatro casos estudados revelaram que tanto nos dados levantados (conteúdos do histórico e entrevistas) como no instrumental projetivo dos Desenhos da Família com Estórias houve:

a) Quanto à estrutura e constituição - foi observada a presença marcante de sentimentos de insegurança e inferioridade; observadas ainda uma busca por figuras significativas e maduras com quem pudessem se vincular; porém, sem muito sucesso. As figuras parentais internas apresentaram-se frágeis, ausentes ou mesmo ameaçadoras.

Salienta-se que tais características revelam a base constitucional ou de personalidade dessas crianças, sobre a qual se estabelecem as suas relações de objeto. Características estas já estabelecidas quando de seus ingressos na casa-abrigo; de modo que, aquilo que já haviam obtido em matéria de carga afetiva de seus primeiros objetos e das relações com eles, será agora sobreposto e acrescido pelos novos objetos de relações vindouras.

b) Com relação aos conflitos, bem como às idealizações dessas imagens parentais, esses traduzem sentimentos de abandono e desproteção e que por vezes incorrem em sentimentos de culpa persecutória (de ataque); porém houve um predomínio de culpa depressiva, denotando muito mais um ataque ao próprio ego. Nessa dinâmica, essas crianças recorrem aos seus recursos defensivos mais primitivos do desenvolvimento humano a fim de evitar o sofrimento e preservar o equilíbrio psíquico.

c) Com relação aos recursos defensivos – embora com suas particularidades, foi observada forte presença de defesas primitivas, de qualidade esquizóide, as quais agem mediante o surgimento de ansiedades psicóticas (persecutórias), como idealização, a negação, dissociação, identificação projetiva e controle onipotente do objeto; entretanto também foram evidenciadas ansiedades de culpa depressiva, dando a entender que as dificuldades pareceram ser mais típicas da etapa de elaboração da posição esquizoparanóide.

Mas, é importante destacar o surgimento, ainda que em menor frequência e intensidade, de defesas neuróticas como, inibição, deslocamento e repressão; de modo que,

ainda que mais tímidas, as pulsões amorosas estiveram presentes. Tais recursos também pareceram impulsionar tendências construtivas como o desejo de reparação e de recuperar as partes sadias, a evitar danos físicos ou psicológicos.

Esses aspectos salutareos são importantes de serem aqui apontados, uma vez que podem ser também resgatados num processo psicoterapêutico ou de reajustamento psicossocial durante a lida com crianças institucionalizadas.

Por isso torna-se também importante demarcar o papel ou função do abrigo e de seus educadores/monitores que ocupam um lugar de real importância na vida dessas crianças. Pessoas essas cujo trabalho/ocupação principal reserva-se ao amparo e acolhimento afetivo-relacional; e cuja tarefa exige-lhes capacidade vincular positiva.

É possível dizer, embora não tenha sido esse um objetivo desse trabalho, que um trabalho de intervenção psicológica junto aos profissionais das instituições possa ajudá-los no sentido de capacitá-los a fortalecer essas pulsões amorosas na criança, tornando o abrigo um lugar de suporte, mesmo que temporário, para o crescimento e integração do ego, a partir do acolhimento das ansiedades relativas à separação, bem como diminuição dos conflitos. Assim sendo é necessário que tais profissionais consigam reconhecer na criança suas partes boas e produtivas, a fim de enaltecê-las e fortalecê-las.

Em relação aos resultados apresentados, cabe salientar que os quatro casos aqui expostos referem-se à crianças que têm família e mantêm contato com as mesmas. É possível que resultados diferentes pudessem ser encontrados, caso o mesmo instrumento fosse aplicado a outro grupo de crianças abrigadas que não conheceram ou que não mantêm vínculo algum com seus pais ou familiares. Ressalta-se que não é intuito deste trabalho produzir generalizações, além de que não foram utilizados outros instrumentos tais como teste de inteligência, para investigação relacionando a outros aspectos afetivos e intelectuais das crianças estudadas.

Espera-se que esta pesquisa possa auxiliar nas reflexões para planejamento de ações de assistência às crianças e adolescentes abrigados e suas famílias, bem como que possa inspirar novos estudos para melhor compreensão sobre a dinâmica familiar de crianças abrigadas e sobre as possibilidades de prevenção de doença mental e promoção de um desenvolvimento psíquico saudável.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. Adolescência. In: ____ ABERASTURY, A. et. al. **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1980.

AMORÓS, P.; PALACIOS, J. **Acojimiento familiar**. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

ANCONA – LOPEZ, M. Contexto geral do diagnóstico psicológico. In: TRINCA, W. et. al. **Diagnóstico psicológico: a prática clínica**. São Paulo: EPU, 1984. Temas básicos de psicologia, v. 10, p. 1-13.

ANZIEU, D. **Os métodos projetivos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. Ed. Rio de Janeiro: LTC

BLEGER, J. **Temas de psicologia: entrevistas e grupos**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Original de 1972)

BLEGER, J. **Psicohigiene e psicologia institucional**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 198p. (Original de 1973)

BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. (Original de 1976)

BOX, S. Introdução. In.: BOX, S.; COPLEY, B.; MAGAGNA, J.; MOUSTAKI, E. (Org.) **Psicoterapia com famílias: uma abordagem psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994, p. 17-26.

BRASIL. Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. São Paulo: 2007

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 196 de 10 de outubro de 1996. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_96.htm>. Acesso em: 05 de ago. de 2009.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária. Brasília, DF: Conanda, 2006. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sedh/.arquivos/.spdca/pncfc.pdf>. Acesso em 04 de set. de 2009.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Sistema Único de Assistência Social. Levantamento Nacional das crianças e adolescentes em serviços de acolhimento. Brasília, 2010. Disponível em: < <http://www.mds.gov.br/suas/levantamento-nacional-das-criancas-e-adolescentes-em-servicos-de-acolhimento>>. Acesso em: 16 de abr. de 2010.

BUCK, J. N. **H-T-P: casa - árvore – pessoa, técnica projetiva de desenho:** manual e guia de interpretação. São Paulo: Vetor, 2003.

CANHA, J. **A criança maltratada.** O papel de uma pessoa de referencia na sua recuperação. Coimbra: Quarteto Editora, 2003. Coleção Saúde e Sociedade, v.16

CERDÁ, J.S. Maltrato infantil. In. QUILES, J.M.O; SEBASTIÁN, M.J.Q.;M CARRILO, F.X.M. (Org.) **Manual de Psicología de la Salud con Niños Adolescentes y Familia.** Madrid: Pirámide Ediciones, 2003, p 233-246.

COLOMBO, R.I.; AGOSTA, C. B. **Abuso y maltrato intantil: hora de juego diagnóstica.** Vicente López: Cauquen Editora, 2005.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA. Resolução n. 016 de 20 de dezembro de 2000. Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/portal/orientacao/resolucoes_cfp/fr_cfp_016-00.aspx>. Acesso em: 15 de nov. de 2009.

CORMAN, L. **O teste do desenho da família.** São Paulo: Editora Mestre Jou, 1979.

CUNHA, J. A. (Org.). **Psicodiagnóstico V.** 5 ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DINIZ, J.S. A mãe natural e o abandono. In.: _____ **Este meu filho que eu não tive.** A adoção e os seus problemas, 2 ed. Porto: Edições Afrontamento, 1993, p. 25-41.

FÁVERO, E. T.; VITALE, M.A.F.; BAPTISTA, M.V. (Orgs). **Famílias de crianças e adolescentes abrigados: quem são, como vivem, o que pensam, o que desejam.** São Paulo: Paulus, 2008

FREITAS, N.K.; CUNHA J.A Desenho da família. In: CUNHA, J. A. (Org). **Psicodiagnóstico** V. 5 ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

HAMMER, E. F. **Aplicações clínicas dos desenhos projetivos.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

HEIMANN, P. Certas funções da introjeção e da projeção no início da infância. In: KLEIN, M.; HEIMANN, P.; ISAACS, S.; RIVIERE, J. (Orgs). **Os progressos da psicanálise**, 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986, p. 136-184. (Original de 1952).

HULLEY, S.B; NEWMAN, T.B; CUMMINGS, S.R. Escolhendo os sujeitos do estudo: especificação, amostragem e recrutamento. In: HULLEY, S.B. (Org.) **Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica.** 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 41–54.

INSTITUTO DA SEGURANCA SOCIAL - I.P. (2005). Percursos de Vida dos Jovens Após a Saída dos Lares de Infância e Juventude. Lisboa. Disponível em <<http://www2.seg-social.pt/left.asp?03.06.01.02.01>>. Acesso em: 07 jan, 2011

JANCZURA, R. Abrigos e políticas públicas: as contradições na efetivação dos direitos da criança e do adolescente. Porto Alegre, 2008. 273f. Tese (Doutorado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2008.

LEVY, S.; LEVY, R.A. Simbolismo nos desenhos de animais. In.: HAMMER, E. F. (Org) **Aplicações clínicas dos desenhos projetivos.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991, p.230-249.

KLEIN, M. Vida Emocional do bebê. In: KLEIN, M.; HEIMANN, P.; ISAACS, S.; RIVIERE, J. (Orgs) **Os progressos da psicanálise.** 3ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986, p. 216-255. (Original de 1952).

KLEIN, M. Os estágios iniciais do conflito edipiano e a formação do superego. In.:_____ **A Psicanálise de crianças.** (Org) Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997. (Original de 1932)

KLEIN, M. **Inveja e gratidão** - estudos das fontes do inconsciente. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1984 (Original de 1957).

LIMA, C. B. Desenvolvimento e atualização. In. TRINCA, W. **Formas de investigação clínica em psicologia**. São Paulo: Vetor, 1997, p. 217-251.

MASCARENHAS, S.H.Z.; DUPAS, G. Conhecendo a experiência de crianças institucionalizadas. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 413-419. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a10v18n1.pdf>> Acesso em: 07 jan, 2011

MOTA, C.; MATOS, P.M. Adolescentes institucionalizados: o papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrole. **Análise Psicológica**, v. 2, n. 28, abr. 2010, p. 245-254.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1414-98932010000100006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 07, jan 2011.

MEYER, L. **Família: dinâmica e terapia**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

MUCHIELLI, R. **A entrevista não-diretiva**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

NOGUEIRA, E.A. Histórias de abandono: um estudo clínico qualitativo sobre alguns aspectos psicodinâmicos encontrados em crianças e adolescentes abrigados. Mato Grosso do Sul, 2006. 210 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Católica Dom Bosco, 2006. (Campo Grande – MS)

NOGUEIRA, P. C.; COSTA, L. F. Mãe social: profissão? função materna?. **Estilos da clínica**, São Paulo, v.10, n.19, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282005000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 15 dez. 2010.

OCAMPO, M.L.S.; ARZENO, M.E.G. A entrevista inicial. In: OCAMPO, M.L.S.; ARZENO, M.E.G.; PICCOLO, E.G. e cols. **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas**. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 15-46 (Original de 1979)

PICCOLO, E. G. Os testes gráficos. In.: OCAMPO, M.L.S.; ARZENO, M.E.G.; PICCOLO, E.G. e cols. **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 203 – 311 (Original de 1979)

PINCUS, L.; DARE, C. **Psicodinâmica da família**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

PINHEL, J., TORRES, N.; MAIA, J. Crianças institucionalizadas e crianças e em meio familiar de vida: Representações de vinculação e problemas de comportamento associado. **Análise Psicológica**, v. 4, n. 27, p. 509-521, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v27n4/v27n4a06.pdf>>. Acesso em: 07 jan, 2010.

POROT, M. O Lar: segurança e solidariedade. In: _____ **A criança e a família**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1958.

RELVAS, A. P. **O ciclo vital da família**. Perspectiva sistêmica. Porto: Edições Afrontamento, 1996.

RICHTER, H.E. **A família como paciente**. São Paulo: Martins Fonte, 1990.

SAFRA, G. Procedimentos clínicos utilizados no psicodiagnóstico. In: TRINCA, W. (Org) **Diagnóstico psicológico: a prática clínica**. São Paulo: EPU, 1984. Temas básicos de psicologia, v. 10, p. 51-56.

SEGAL, H. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

SIQUEIRA, A.C; DELL'AGLIO, D.D. O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão da literatura. **Psicologia e Sociedade**, v. 18, n. 1, p. 71-80, jan-abr, 2006.

SPITZ, R.A. Doenças de carência afetiva do bebê. In: _____ **O primeiro ano de vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

STRECHT, P. A casinha de chocolate – trabalho terapêutico com crianças de instituições. In: _____ **Crescer vazio**. Repercussões psíquicas do abandono negligência e maus tratos em crianças e adolescentes. Lisboa: Assírio e Alvim, 1997, p 73-99.

TARDIVO, L.S.C. Análise e interpretação. In: TRINCA, W. **Formas de investigação clínica em psicologia**. São Paulo: Vetor, 1997, p. 115-155.

TRINCA, W. Processo diagnóstico do tipo compreensivo. In: _____ (Org) **Diagnóstico psicológico: a prática clínica**. São Paulo: EPU, 1984. Temas básicos de psicologia, v. 10, p. 14-24.

TRINCA, W. **Investigação clínica da personalidade**: o desenho livre como estímulo de apercepção temática. 2.ed. São Paulo: EPU, 1987.

TRINCA, W. Apresentação e aplicação. In:_____. **Formas de investigação clínica em psicologia**. São Paulo: Vetor, 1997.p.11-34

TRINCA, W. Referenciais teóricos do processo diagnóstico do tipo compreensivo. In:_____. **Formas de investigação clínica em psicologia**. São Paulo: Vetor, 1997, p. 25-33.

TRINCA, W.; TARDIVO, L.S.P.C. Desenvolvimento do Procedimento de Desenho-Estória. In: CUNHA, J. A. (et. al) **Psicodiagnóstico V**. 5 ed. Revisada e ampliada. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. p. 428-438.

VAGOSTELLO, L. O emprego da técnica do desenho da pessoa na chuva: uma contribuição ao estudo psicológico de crianças vítimas de violência doméstica. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007. Orientadora: Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo

VAN KOLCK, O. L. Os animais em desenhos livres de crianças. In: _____ **Interpretação psicológica dos desenhos**. 2ªEd. Rev. Amp. São Paulo: Livraria Pioneira, 1981

VAN KOLCK, O. L. **Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico**. São Paulo : E.P.U., 1984 (Coleção temas básicos de psicologia ; 5)

WADEEL, M. A família e sua dinâmica. In: BOX, S.; COPLEY, B.; MAGAGNA, J.; MOUSTAKI, E. (Org) **Psicoterapia com famílias**: uma abordagem psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

WERLANG, B.G. Avaliação inter e transgeracional da família. In.: CUNHA, J. A. (et. al) **Psicodiagnóstico V**. 5 ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

WINNICOTT, D.W. **Privação e delinquência**, 3 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

YUNES, M.A.M.; ARRIECHE, M.R.O.; TAVARES, M.F.A.; FARIA, L.C. Família vivida e pensada na percepção de crianças em situação de rua. **Paidéia**, v.11, n. 20, p. 47 – 56, 2001.

ANEXOS

ANEXO A - Aprovação do Comitê Ética



Universidade
Metodista
de São Paulo

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP-UMESP

Data: 26/10/2009 - Prot. Nº. 295857-09

CAEE: 0107.0.214.000-09

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP-UMESP

Título do Projeto de Pesquisa: Percepção de família em crianças abrigadas.

Pesquisador Responsável: Cecília Araújo Melo.

Curso/Faculdade: Faculdade da Saúde.

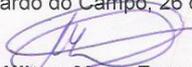
O Comitê de Ética em Pesquisa reunido em **26/10/2009** deliberou como segue sobre o protocolo em questão:

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo investigar como as crianças privadas do convívio com suas famílias, percebem a família. Será feita ainda uma revisão sobre como a idéia de família foi socialmente construída ao longo da história e uma revisão teórica sobre outros estudos realizados acerca do tema família, com fundamentação de base psicanalítica. O estudo será realizado com uma amostra de 20 crianças, de ambos os sexos, com idade de 07 a 11 anos, abrigadas em uma instituição que atende a crianças ex-moradoras de rua na região de São Paulo. A coleta de dados será feita na própria instituição onde as crianças encontram-se abrigadas. Serão utilizados os seguintes instrumentos para a coleta de dados: 1. Teste do Desenho de Família com Estórias de Walter Trinca, que consiste em solicitar que a criança faça quatro desenhos de família, e conte após cada desenho uma estória. Cada desenho seguido de uma história constitui uma unidade de produção; 2. Análise dos prontuários; 3. Análise das informações obtidas por meio de entrevistas não estruturadas, durante o *rapport*. Após leitura, análise do projeto e exame criterioso de todos os itens que compõem os documentos do Protocolo de Pesquisa, incluindo os itens presentes no Roteiro de Checagem para o parecerista e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi verificado que nada consta no processo que fira os princípios e normas da ética em pesquisa.

O CEP-UMESP considera o projeto de pesquisa **APROVADO**, lembrando que a condição de aprovação da pesquisa propriamente dita exige o que segue:

- Que sejam encaminhados ao CEP-UMESP relatórios anuais sobre o andamento da pesquisa (parciais e finais)
- Que sejam notificados ao CEP-UMESP eventos adversos que tenham ocorrido no curso da pesquisa e que sejam significativos do ponto de vista ético e metodológico;
- Que sejam notificadas eventuais emendas e modificações no protocolo de pesquisa

São Bernardo do Campo, 26 de outubro de 2009.


Prof. Dr. Nilton Abreu Zanco
Coordenador do CEP-UMESP

Campus Rudge Ramos
Rua do Sacramento, 230 - Rudge Ramos
09640-000 - São Bernardo do Campo - SP

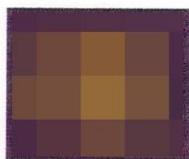
Campus Vergueiro
Av. Senador Vergueiro, 1301 - Jardim do Mar
09750-001 - São Bernardo do Campo - SP

Campus Planalto
Rua Dom Jaime de Barros Câmara, 1000 - Planalto
09895-400 - São Bernardo do Campo - SP

Campus São Paulo
Rua Silva Bueno, 1660 - Ipiranga
04208-050 - São Paulo - SP

Tel.: (011) 4366.5600
www.metodista.br

ANEXO B - Autorização da Instituição – Casa Nazaré



Associação [redacted]

À
UNIVERSIDADE METODISTA

Autorizamos a psicóloga **Cecília Araujo Melo**, CRP 06/95586, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), de São Bernardo do Campo, a realizar pesquisa sobre a **percepção de família em crianças abrigadas e crianças acolhidas por família substituta**, diante da autorização dos participantes e de seus responsáveis legais, por se tratar de pesquisa realizada com menores, para compor seu trabalho que terá como objetivos: investigar qual a percepção que as crianças abrigadas ou crianças acolhidas por famílias substitutas têm sobre a família, através da utilização de instrumentos e técnicas de investigação psicológica, pelos quais pretende-se identificar os principais conflitos e idealizações no que diz respeito à família.

É de nosso conhecimento que a realização deste trabalho nesta instituição não oferece risco ou danos a quem dela participe. No entanto, caso haja contratempos ou alguma necessidade, a psicóloga compromete-se a dar apoio psicológico e/ou fazer encaminhamento à instituição adequada para tal, em comum acordo com os técnicos da área psicológica, responsáveis pela instituição.

Atenciosamente,

São Paulo, 13 de Setembro de 2009

Programa de acolhida ao menor de rua e em situação de risco

[redacted signature area]

[redacted signature area]

Ir. [redacted]

Diretora Geral do Programa de acolhida
ao menor de rua e em situação de risco

Programa de acolhida ao menor de rua e em situação de risco

Abrigo

Rua

Cep:

SP

Fone/Fax

CNPJ

ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
 responsável legal pelo menor _____ -
 _____,

consinto que este participe do estudo intitulado “**Percepção de família em crianças abrigadas**” que tem por objetivos: investigar a percepção de família em crianças abrigadas e identificar os principais conflitos e idealizações no que se refere a introjeção das figuras parentais.

Fui informado (a) que serão coletados desenhos de família com estórias realizados pela criança sob minha responsabilidade e que o presente estudo, que tem caráter acadêmico, será realizado pela psicóloga Cecilia Araujo Melo, sob orientação da Profª Drª Marília Martins Vizzotto, docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Metodista de São Paulo.

Declaro ter compreendido as informações e estou ciente que a criança em questão não sofrerá nenhum prejuízo de ordem psicológica e física e que a sua privacidade será preservada. É de meu conhecimento que, caso haja contratempos ou alguma necessidade, a psicóloga compromete-se a dar apoio psicológico e/ou fazer encaminhamento à instituição adequada para tal, em comum acordo com os técnicos da área psicológica, responsáveis pela instituição.

Concordo que os dados sejam publicados para fins acadêmicos ou científicos, desde que seja mantido o sigilo sobre a participação da respectiva criança. Acrescento ainda que fui informado (a) de que poderei a qualquer momento comunicar a desistência do menor sob minha responsabilidade em participar do estudo.

São Paulo, ____ de _____ 2010.

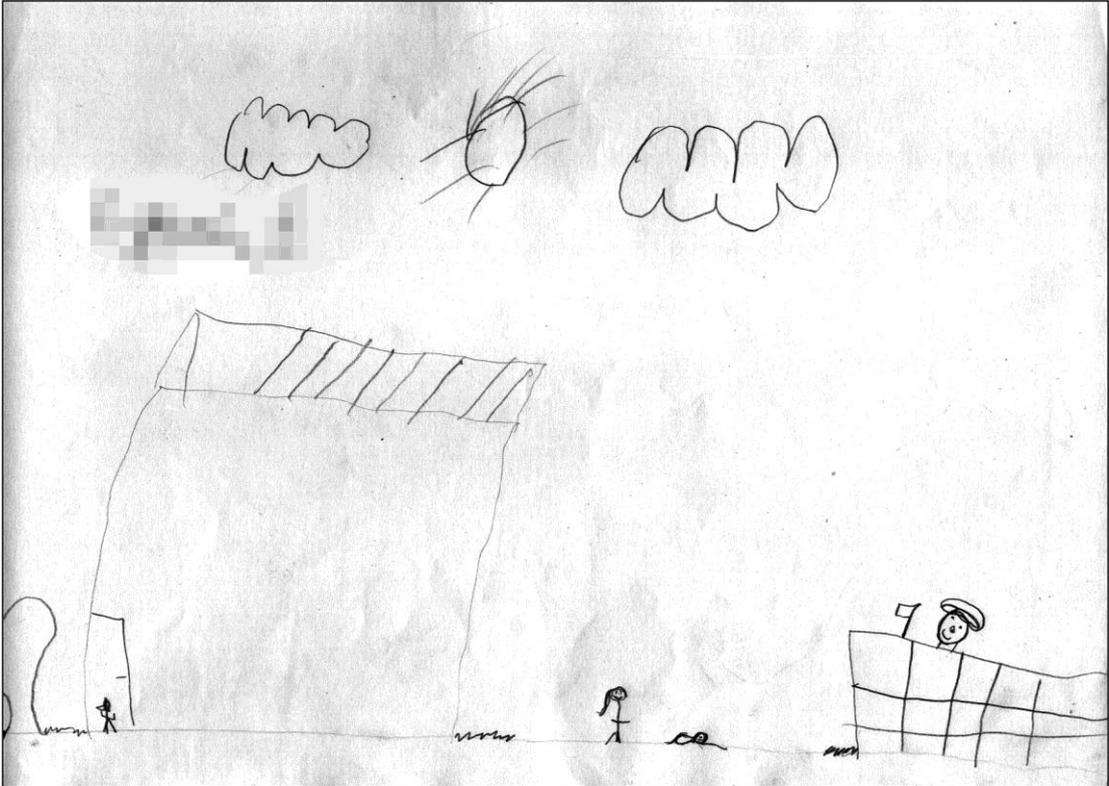
 Assinatura do responsável pelo participante da pesquisa

Documento de Identificação: _____

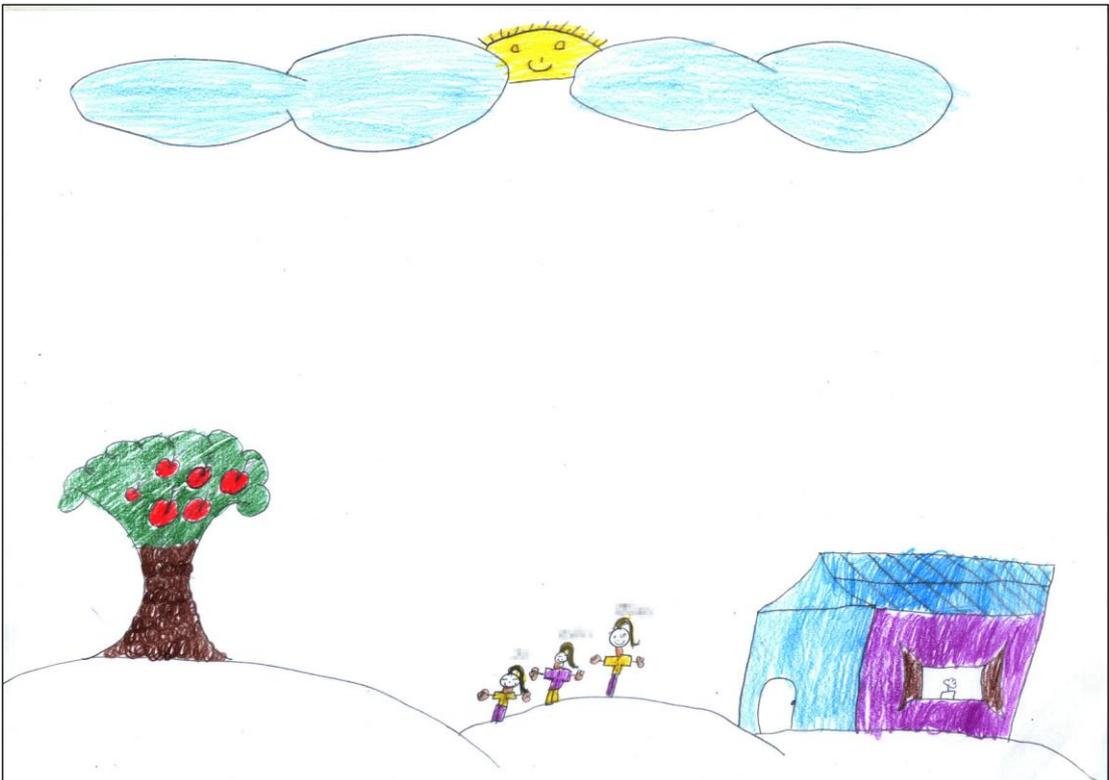
 Assinatura da pesquisadora

ANEXO D**DESENHOS LIVRES PRODUZIDOS PELAS CRIANÇAS DURANTES AS
ENTREVISTAS INICIAIS**

Desenho livre – Caso 1: Elias



Desenho livre – Caso 2: Letícia



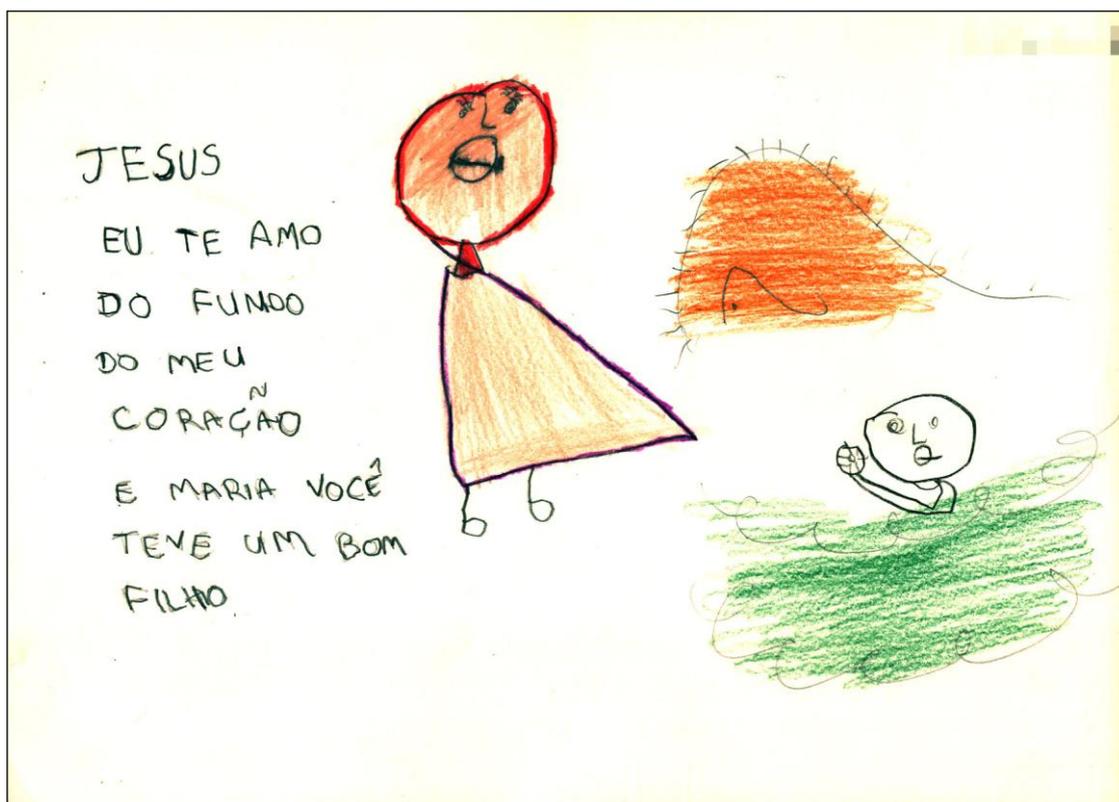
Desenho Livre – Caso 3: Luiz



Desenho Livre – Caso 4: Cristiano



Desenho Livre – Tauany, 08 anos (Caso não inserido)



Desenho livre – A.R.S., 08 anos, masculino (irmão de Letícia, caso 2)



Desenho livre – J.S.D, 09 anos, feminino (irmã de Luiz, caso 3)



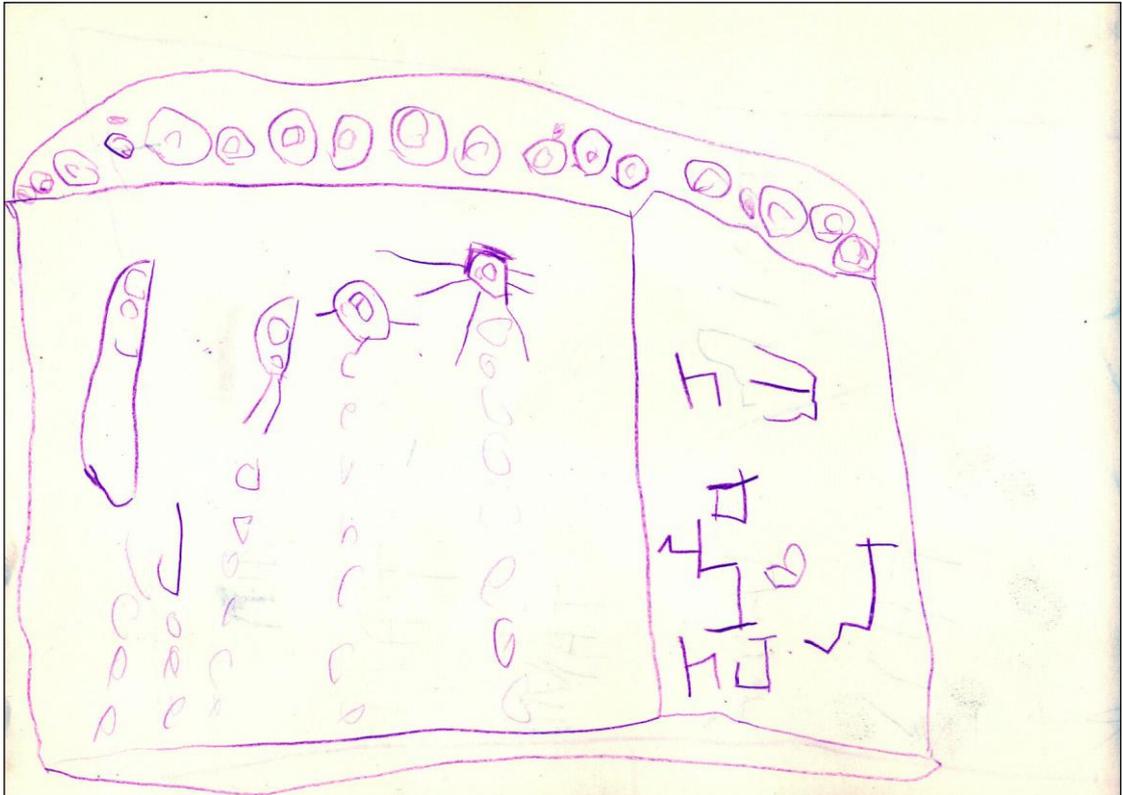
Desenho livre – J..S.D, 07 anos, feminino (irmã de Luiz, caso 3)



Desenho livre – A.S.D., 05 anos, masculino (irmão de Luiz, caso 3)



Desenho livre – T.A.C., feminino, 06 anos (irmã de Tauany)



Desenho livre - E.A.C., 06 anos, feminino (irmã de Tauany)



